

LEOBINO GOMES DE SOUZA NETO



1290000299



FE

TCC/UNICAMP So89r

ROTEIRIZAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DE COPPOLLA DA OBRA DE PUZO

CAMPINAS
2001

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Roteirização

A CONSTRUÇÃO DE COPPOLLA DA OBRA DE PUZO

Leobino Gomes de Souza Neto

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência
parcial para o curso de Pedagogia,
sob orientação do professor
Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

Campinas
2001

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	TCC-UNICAMP
	5089r
V:	
TOMBO	299
PROG	124/2003
C:	D: X
PREÇO	11,00
DATA	05/01/03
Nº CPD	1105-10309213

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

So89r

Souza Neto, Leobino Gomes de.

Roteirização : a construção de Coppolla da obra de Puzo / Leobino
Gomes de Souza Neto. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Roteiros cinematográficos. 2. Análise do discurso narrativo.
3. Aatoria. 4. Ritmo. 5. Tempo. 1. Miranda, Carlos Eduardo Albuquerque.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

01-0220-BFE

Orientador: Prof. Dr. Carlos E. A. Miranda

2ª leitor: Prof . Dr. Milton José de Almeida

Dedico este trabalho a Deus,
aos meus filhos Lenise e Régis,
à minha esposa Cássia e a todas
as pessoas que colaboram
para a sua realização.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente ao amigo e orientador Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Miranda pela seu apoio, paciência, humildade, dedicação, carinho e amizade. Também pela confiança em minha capacidade e pela cumplicidade na realização deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Milton José de Almeida, não só por ser o segundo leitor deste trabalho, mas pelo apoio, dedicação, amizade e pioneirismo.

À minha esposa Cássia que sempre esteve me apoiando para que eu não desanimasse.

À minha sogra dona Lenira que esteve ao nosso lado cuidando de nossos filhos e de nós mesmos com uma força inabalável.

À minha amiga Evandra que me conduziu nesta direção e sempre teve algo a acrescentar quando solicitada.

Às amigas Caroline, Michele, Alesxandra, Aline e ao João, que sempre estiveram mais próximos durante essa caminhada.

Eu vos batizo com água para a conversão, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem ao menos de tirar-lhe as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A pá está na sua mão: vai limpar a sua eira e recolher seu trigo no celeiro: mas, quanto à palha, vai queimá-la num fogo inextinguível. (A Bíblia de Jerusalém ,Novo Testamento, Mateus, cap.3, vers.11 e 12).

Índice

Agradecimentos	04
Epígrafe	05
Resumo	08
Introdução	09
A Autoria de um Filme	10
A Alegoria das Imagens	15
Tempo no Filme	18
O Roteiro	20
O Filme	25
Michael sabe da notícia do atentado	28
Michael visita o pai no hospital	30
Planejamento do assassinato de Sollozzo	36
Assassinato de Sollozzo	44
Sites	55
Filmografia	56
Bibliografia	57

RESUMO

Existem diversas formas de linguagem e dentre elas temos a linguagem literária e a linguagem do cinema. Cada linguagem tem suas características próprias.

Cada forma de linguagem pode ser expressa em outro tipo de linguagem. A linguagem escrita, ou outra linguagem qualquer, pode ser expressa na linguagem do cinema através do roteiro.

O roteiro é primordial na produção de um filme, é ele que vai orientar toda a execução da obra. Existem várias maneiras de se conceber um roteiro, dependerá muito dos interesses, experiências e personalidades de seus realizadores.

Neste trabalho procurei compreender a roteirização de quatro fragmentos do livro *O Poderoso Chefão* de Mario Puzo no filme de mesmo nome do diretor Francis Ford Coppolla.

Nestes excertos foi selecionada a mudança de personalidade de Michael, personagem central da obra, e a forma como Puzo narra essa mudança de atitude na linguagem literária e a maneira como Coppolla narra essa mudança de atitude no filme.

Para isso se fez uma copilação das cenas do filme correspondentes às partes selecionadas do livro, onde pudemos visualizar o papel dos narradores na literatura: narrador interior e em terceira pessoa, e o papel do narrador câmera no filme.

Pudemos averiguar que o roteiro é algo complexo, que sofre contaminações, ou seja, influências diversas como orçamento, direção, atuação, luz, som, prazo, etc.

Este estudo nos mostra a riqueza que existe nesta mudança de expressão da linguagem escrita para a linguagem cinematográfica.

INTRODUÇÃO

Ainda na adolescência fui despertado certa vez por uma reportagem em jornal televisivo do meio dia, a respeito de roteiro de novela e fiquei a ruminar sobre o termo. A reportagem se referia ao roteiro de alguma novela que estava fazendo sucesso na época. As palavras do autor e do repórter traziam uma essência de saber que me aguçaram o desejo de saber mais, o desejo de que a reportagem se tornasse longa, que se ampliasse o assunto. Porém foi algo rápido, devido à própria característica deste tipo de programação. Posteriormente li e ouvi mais sobre o assunto, mas me parecia algo distante, fora do meu dia a dia, e me conservei como espectador.

Foi no sexto semestre do Curso de Pedagogia na Unicamp, que cursei duas disciplinas voltadas ao estudo da imagem: EP 141 – Comunicação, Educação e Tecnologia, e EP 151 – Leitura e Produção de Textos. E qual a primeira pergunta que fiz para cada professor? Você vai falar sobre roteiro? Sim, os professores falaram um pouco sobre roteiro. Pude ver que roteiro é uma parte de uma grande estrutura: o cinema. O cinema é uma indústria complexa¹. Como toda grande indústria apresenta uma forte atividade administrativa e política, uma hierarquia funcional e de poderes, responsável por prover lucro para a empresa.

Posteriormente, por ocasião da disciplina TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia, procurei o OLHO – LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS, com a intenção de fazer o TCC nesta área. O tema de meu interesse foi roteiro de cinema. O filme que escolhi como objeto de estudo foi *O Poderoso Chefão*, pois sempre gostei deste filme. É um filme cheio de particularidades e riquezas de detalhes.

Este trabalho reflete esse primeiro passo num mundo desafiante: o cinema.

Através do roteiro estou tendo o vislumbre provocado por esse mundo rico em detalhes, sutilezas, cultura, desafios, de opções infinitas, um mundo de sonhos e realidade. O cinema reflete a sociedade, a cultura, a história.

¹ ALMEIDA, M.J. (1994 p.31).

A AUTORIA DE UM FILME

Quando pensamos em autoria é possível imaginar uma pessoa sentada em frente a um microcomputador escrevendo um livro sozinho. O que está escrito poderá chegar até a fase de impressão e encadernação sem sofrer qualquer alteração, tal e qual escrito pelo autor. Isso também pode não ocorrer se o livro for escrito por mais de um autor e exigir certos direcionamentos, contudo temos de concordar que se trata de uma atividade que uma vez escrita se encerra na impressão. Será necessário movimentar menos recursos materiais e humanos na produção industrial de um livro que na produção industrial de um de um filme.

Sob o ponto de vista industrial da produção, especialmente de filmes americanos, normalmente o que estiver escrito no roteiro sofrerá alterações. Mas que alterações são essas? São as contaminações.

Schatz (1991), nos mostra um belo perfil da história dos grandes estúdios de cinema norte-americanos e o roteiro figura fortemente em suas análises. No início do século XX, os produtores tinham grande influência em todos os estágios da produção de um filme. Esse sistema de administração centralizado funcionou entre 1925 e 1955, mas produtores com essa capacidade eram raros, pois eram capazes de enxergar o cinema como um todo, sabendo dosar arte e comércio quando produziam um filme. Entendiam a vontade do público e mais que isso sabiam colocar no filme a satisfação da necessidade deste público. Dentre os grandes produtores destacaram-se Irving Thalberg, David O. Selznick, Darryl F. Zanuck, Hal Wallis, Walter Wanger, Jack Warner, Sam Goldwyn e Louis B. Mayer.

Thalberg supervisionava a produção; vivia em reuniões de roteiro e sessões de montagem, sempre com algum dos supervisores, além de roteiristas, diretores e montadores... Ele controlava a transformação de cada argumento em roteiro até a preparação final para a filmagem. Em seguida monitorava a produção, por meio de relatórios e da análise de documentos diários, e ainda supervisionava o processo de pós-produção durante as fases de montagem, de apresentação prévia, de refilmagem, de remontagem, de inserção de trilha sonora, até que o filme fosse enviado para Nova York (Schatz, 1991, pg 113).

Como qualquer outro produtor “criativo”, Selznick considerava-se exigente e excelente juiz de talentos, bem como das qualidades comerciais de uma história e da capacidade de um roteirista e montador de filmes (Schatz, pg.188).

Em relação ao filme “Nasce uma Estrela...” Quando o trabalho principal de fotografia começava a chegar ao fim, ele e seu principal editor, Hal Kern, fizeram os primeiros cortes e, a essa altura, Selznick voltou a assumir um controle mais direto sobre o filme. Suas preocupações costumavam girar em torno de alguma fala ou qualquer coisa que achasse não estar funcionando bem ou dificultando a montagem... Selznick às vezes ditava a Wellman o trabalho de câmera e a divisão de tomadas ao reconstruir uma cena na mesa de edição (Schatz, pg. 194).

O sistema de produção de filmes foi sofrendo modificações. Cada estúdio tinha suas particularidades e problemas. Também os atores começaram a ter grande força devido à fama alcançada nos filmes e exigiam contratos mais favoráveis à sua categoria trabalhista. Os grandes produtores-supervisores alcançaram grande influência dentro dos estúdios e isso suscitava disputas de poder, acabando por proporcionar a busca de produção independente. Leis antitrustes surgiram forçando os grandes estúdios a vender suas salas de cinema. O surgimento da televisão foi outro fator de fortalecimento das unidades de produção, muito mais funcionais para este tipo de empreendimento. As Unidades de Produção comandadas pelos supervisores de produção, num primeiro momento, passaram a ser comandadas pelos diretores de cinema posteriormente.

Numa concepção mais moderna, os diretores são os grandes responsáveis pela preparação de um filme.

Existem os diretores que gostam de escrever e seguir o roteiro sem muitas alterações. A idéia do diretor como autor expressa sua personalidade na produção do filme. Veja como *Hitchcock descrevera seu ideal de preparação de um filme:*

Com a ajuda de minha mulher, que faz a continuidade técnica, planejo o roteiro muito cuidadosamente, na esperança de segui-lo o tempo todo com exatidão, a partir do início das filmagens. Aliás, esse trabalho de roteiro é para mim a verdadeira realização do filme. Assim que o concluo, o filme já está pronto na minha cabeça. Em geral, também não acho necessário que eu faça alguma coisa além de supervisionar a montagem. [...] Se o roteiro for planejado em detalhes e seguido de perto durante a produção, a montagem deverá ser fácil (Schatz, p. 281).

Outros diretores já trabalham com uma divisão de responsabilidades mais ampla, deixando a cargo de profissionais especializados, as diversas funções

para a realização do filme. O diretor pode não ser um dos que escrevem o roteiro. O roteiro poderá sofrer alterações à medida que o filme for sendo produzido. Serão autores do filme cada profissional que de alguma maneira tiverem a possibilidade de participar de sua construção. Aquele que ilumina, aquele que filma, aquele que atua, aquele que controla o som, aquele que dirige, aquele que monta os cenários, aquele que monta o filme, enfim os vários profissionais que tiverem poder de influência na construção do filme. É óbvio que o roteiro será o grande meio de idealização do filme, mas não haverá uma personalidade marcante do diretor. Este acompanhará todo o filme buscando resultados que satisfaçam o planejamento do filme, mas não será mentor de soluções técnicas, antes será um coordenador de equipe até que na montagem se obterá o roteiro final.

Os profissionais do cinema se caracterizam pela experiência em determinadas áreas, e por vezes em determinadas fases do filme necessita-se de um especialista em determinada coisa. Nos trechos seguintes podemos verificar exemplos da importância de alguns profissionais:

Wyler tinha muita experiência e iniciara a carreira dirigindo curtas e faroestes de cinco rolos para a Universal... Levava crédito em 24 longas-metragens nos dez anos anteriores e, além disso, ficara conhecido como um bom "médico de roteiros". (Schatz, p. 230).

Wyler sabia, ao começar as filmagens, que o roteiro ainda precisava ser trabalhado (...) mantinha Finkel e Ripley nas reformulações do roteiro (Schatz, p. 230).

LeRoy era o mais produtivo diretor de filmes classe A do estúdio, capaz de realizar de seis a oito longas-metragens por ano, dentro do cronograma e do orçamento (Schatz, p. 151).

A pedido de Blanke e de Huston, eliminamos o final previsto pelo roteiro... (Schatz, p. 316).

Podemos perceber que o roteiro pode ser escrito por um ou mais roteiristas, juntamente ou não com o diretor. Esse tipo de situação pode ocorrer também com o escritor. O processo de criação muitas vezes exige não só inspiração, mas também técnica e experiência. Podemos imaginar que à medida que as idéias vão surgindo, o escritor vai ambientando seu trabalho em cenários explicitamente descritos ou não. As descrições dos cenários irão depender do conhecimento prévio que o escritor tem deles ou de informações que vá colhendo visando enriquecer em detalhes a mensagem passada ao leitor. Esses detalhes tornarão o relato mais

“verdadeiro” e sincero. A maneira como são descritos os detalhes dentro do enredo contribuirão mais ou menos para prender a atenção do leitor. Observemos que dependendo do conhecimento prévio do escritor, ou de sua criatividade, esses detalhes de ambiente não terão custo adicional algum ao seu trabalho, exceto o tempo de invocar idéias e lembranças de sua memória, que vai organizar e escrever. Assim o escritor para trabalhar com o imaginário de seu leitor poderá fazê-lo sem sair de seu local de trabalho, sem o uso de quaisquer equipamentos além seu micro, pois trabalha com o imaginário e com o texto. Isso já não é possível ao filme porque este trabalha com o real. Quando o roteirista escreve o roteiro, deve prever onde se realizará cada cena. Isso implicará em custos. Assim temos o custo como um fator limitante para escrever o roteiro. Esse fator não poderá excluir determinada obra que se pretende passar da literatura para o cinema. O roteiro irá contemplar a mensagem da obra, mas é improvável seguir a ambientação tal e qual se descreve no texto literal. Assim o roteirista precisará adaptar a linguagem do texto literário à linguagem do cinema. A linguagem é fundamental para transmitir a mensagem de um tipo de obra para outro. O roteirista deverá dominar a linguagem do cinema, e isso significa que deverá conhecer não só as necessidades técnicas da produção do filme como principalmente a essência da mensagem que cativará o público. Ele deverá saber a importância do narrador câmera, a importância do cenário, do diálogo entre personagens, a quantidade de personagens e a importância de cada um para o enredo do filme, deverá imaginar a ambientação em que ocorrerá a cena: se dia, se noite, se chove, se está nublado, uma fazenda, uma cidade, uma praia, luxo, pobreza.

O roteirista sempre escreverá sobre o real. Quando o roteirista insere um quadro de Leonardo Da Vinci numa cena, este quadro será real, mesmo que não seja legítimo. Quando descreve uma cena com diamantes, prata ou ouro, isto será real na cena, mesmo que não seja legítimo também. Se o roteirista descrever uma cena no fundo do mar, com roupa de mergulho, isso será real, mesmo que feito numa piscina. O que for escrito terá uma repercussão.

Tanto o escritor quanto o roteirista trabalham para transmitir algo a um público. Esse algo pode ser informações, emoções, persuasões, convencimento, fé, desejos, diversão, ou seja, tudo aquilo que se intencionar transmitir explicitamente ou não. Contudo a recepção será distinta entre a obra escrita e a filmica. O leitor usa o estímulo visual, tato e olfato ao manusear um livro. Tem que ser alfabetizado, e é essencialmente através do estímulo visual que terá sua imaginação estimulada

durante a leitura, de acordo com sua cultura e letramento. O filme usa o estímulo visual e sonoro. Aquele que assiste a um filme terá estimulado de imediato as emoções e nem tanto a imaginação, uma vez que está diante do real, ou seja, ele está vendo e ouvindo uma cena pronta, não tem que imaginar a cena ou o som. Sua memória é provocada, trazendo à tona medos, tristezas, alegrias, saudades, desejos que são despertados durante o filme e dos quais não se dá conta.

Os caminhos para se atingir as emoções do leitor ou do espectador são distintos. O escritor descreverá por escrito todos os seus relatos e suas idéias, e mesmo quando ele utiliza-se de imagens impressas o fará por comentários escritos. O roteirista sempre escreverá suas idéias e relatos formando imagens reais, freqüentemente sonoras.

Quando o escritor descreve uma cena na chuva terá de escrever de que maneira o personagem está molhado, se a chuva é forte ou não, se o personagem está triste ou não. A maneira como descrever a cena terá ou não uma grande importância para a história. O roteiro mostrará uma chuva real. Talvez para um espectador a chuva forte que o roteiro mostra no filme é vista como chuva fraca por outro espectador acostumado com chuvas mais fortes que aquela. Já lendo um livro o leitor imaginará como chuva forte àquela que sua impressão definir como chuva forte.

No filme o espectador verá raios, ouvirá trovões, verá o personagem todo molhado, saberá se está triste ou alegre, tranquilo ou nervoso. Tudo através de imagens. Pode ser que no filme a cena da chuva seja muito importante para cativar a atenção do espectador, pode ser que ali esteja contido um mistério, um crime, um rosto, enfim o roteiro poderá utilizar-se de recursos de imagem e som para criar situações cativantes, embaraçosas, misteriosas, que prenderão a atenção do espectador ou mexerão com suas emoções. Pode ser que esse mesmo efeito na literatura seja atingido numa descrição noturna sem chuva. Os momentos de impacto num livro e num filme provavelmente se farão em situações distintas. É o que ocorre, por exemplo, no Poderoso Chefão I, quando Michael fica sabendo do atentado contra o pai: no livro ele sabe da notícia no saguão de um hotel, no filme ele fica sabendo da notícia numa calçada em frente a um teatro.

A ALEGORIA DAS IMAGENS

Encontramos Michael mergulhado numa espécie de reprovação ao meio de vida que cerca a *Família*, numa angustiosa agitação de pensamentos, numa busca de libertação, sabendo que está preso a uma cadeia. Contudo a esperança de fuga é sempre enfraquecida, pois é continuamente vigiado sempre informando onde se encontra e o que está fazendo. E mesmo que não informe, que se esconda, sabe que Dom Corleone está sabendo de seus passos.

Uma nuvem de onipresença pode ser sentida: onde quer que se vá, parece que Dom Corleone está presente, parece que está lá, assistindo a tudo. Tem-se a impressão de que é impossível escapar de seus olhos.

Para tudo o que se pretende fazer, antes é necessário pedir-lhe a benção, não que ele obrigue, mas a atmosfera exige. É como se até para respirar ele estivesse vendo e aprovando.

Existe uma norma de comportamento. Não são normas escritas, mas códigos de conduta rígidos, onde o silêncio e a lealdade são qualidades de ouro.

Mas, de repente tudo é abalado. Dom Corleone cai, é vítima de um infortúnio, de um atentado e todos são vítimas de sua dor. São conflitos entre forças poderosas e o medo se confunde com coragem, vingança e ira.

Dessa queda, tal qual à *Fênix*, ave mitológica fabulosa que ao se consumir pelo fogo renascia das próprias cinzas, assim renasce Dom Corleone em Michael, que descobre dentro de si uma ira silenciosa, um desejo de vingança frio, um sentimento de violência semelhante a um iceberg, silencioso, gigantesco, cauteloso, mas dono de uma força de reação imensurável e sabedor de que a estratégia é a única maneira de se manter vivo.

E essa força vai tomando forma, vai se espalhando como uma névoa misteriosa e irreversivelmente vai assumindo o lugar de Dom Corleone, culminando na total transmutação. O poder retorna mais forte, mais ágil e mais perigoso. Uma nova geração se inicia, e a angústia que Michael sentia contra a *Família* toma nova conformação, percebe que sua angústia era a angústia de seu pai, e que suas correntes faziam parte da mesma corrente em que seu pai estava preso.

É como um mergulho no mar, sentindo a pressão da água a nos dominar, assim é o clima que todos padecem nessa sociedade, tornando-se todos

escravos de um modo de viver. Modo de viver que remonta à terra de origem de Dom Corleone, a Sicília. Uma terra vitimada por invasores durante séculos, impondo seu domínio através da opressão e desrespeito. O mafioso tem uma revolta íntima contra aquele que explora o mais fraco e desprotegido, isso remonta à revolta contra os invasores que governaram e exploraram o seu povo ao longo da história. Devido a essa exploração o povo siciliano foi criando meios de resistência, dando origem à Máfia, um código de conduta baseado na lealdade e no silêncio:

O código é a "Omerta" (código de conduta, de honra, de não cooperação com autoridades). Os crimes foram considerados como pessoais e resolvidos pela justiça vendetta. O código da omerta em palavras poderia se dito assim: "Quem apelar para a Lei contra seu companheiro ou é tolo ou é covarde. E quem não puder se cuidar por si só sem a proteção da polícia é ambos. É covardia e traição levar o ofensor para a Justiça, mesmo que a ofensa tenha sido contra você mesmo, como se a vingança de uma injúria não fosse pela violência. É covardia e desprezo num homem ferido trair o nome de seu agressor, porque se ele recuperar-se, ele naturalmente espera vingar-se pessoalmente. Um homem ferido deve falar para seu agressor que se sobreviver irá matá-lo e se morrer o agressor estará perdoado".²

No Poderoso Chefão nem todo mafioso é visto como mal, mas sim como aquele que buscou uma alternativa contra o opressor sendo o mafioso "bom", distinto daquele que é mafioso mal. Para Jameson (1995) a ideologia do mito da Máfia quanto à substituição do grande negócio pelo crime, está relacionada à ira gerada pelo sistema americano, e a fonte mítica da deterioração da vida cotidiana nos Estados Unidos remonta ao puro mal do mafioso. É uma visão contrária à visão do livro e filmes de *O Poderoso Chefão*. É inegável que torcemos pela vitória da *Família Corleone*, mesmo que para isso sejamos cúmplices de seus crimes. Também Edvald acha discutível a tese simples de que, no filme, a Máfia, tal qual o capitalismo americano, é capaz de tudo pelo dinheiro:

... O grande achado do roteiro de Coppola é ter mostrado a Máfia como uma grande empresa familiar que tem que se transformar. Ele tinha uma tese: todo "Big Business", todo capitalismo no fundo é uma espécie de Máfia. Ou seja, no fundo o filme é uma grande alegoria do capitalismo selvagem norte-americano, que é capaz de tudo, até de matar, para ganhar dinheiro. É uma tese sem dúvida discutível, mas fascinante...³

² Site: <http://www.members.tripod.com>

³ Site: http://www.epipoca.com.br/news_zoom.cfm?id=5758

Esse mesmo povo, fugindo das atrocidades de sua terra natal, para salvar a vida, encontra no novo país, os Estados Unidos, um clima de rejeição, que reafirmou em sua alma a necessidade de continuar ali com seu código de sobrevivência até que fossem aceitos como americanos.

A primeira ilusão que tinham é que tendo um emprego honesto seria o suficiente para serem aceitos socialmente. Não isso não aconteceu, ainda não era isso e os imigrantes que foram por este caminho percebiam mais tarde que continuavam sendo injustiçados. Logo no início do filme ou do livro temos uma alusão a isto. Também não adiantava serem ricos. Sempre, um novo problema aparecia, era necessário subornar as autoridades, era necessário andar por caminhos fora Lei, paradoxalmente sob conhecimento da Lei. O que necessitariam para serem aceitos, para se sentirem americanos? O seu trabalho estava ligado às casas de jogos, ao contrabando, prostituição e às apostas em cavalos. Esse tipo de negócio não era bem visto socialmente e legalmente, mas, no entanto era tolerado pela justiça, a custo de muito dinheiro pago a policiais e juizes. A concorrência os obrigava a viver num clima de guerra. Não havia quem os protegesse, eles tinham que se proteger por conta própria.

Michael compreendia que pouca diferença existia entre a *Família*, a Justiça e a Política corrupta ou as grandes empresas legalizadas. Todos matavam, todos corrompiam e todos sonegavam igualmente. Sociedades de poder, onde o respeito se consegue pela força. Força esta em todos os seus aspectos: persuasiva, física, monetária, política, etc. Não basta a ferocidade do leão, mas também a esperteza da raposa.

Assim o filme vai nos trazendo imagens carregadas de movimentos de vida, de sentimentos ocultos, de sangue correndo nas veias, de olhares que dizem muito mais que palavras. Podemos “ouvir” as batidas do coração de Michael quando excitado com a notícia do atentado contra o pai, sentimos sua angústia. Em outro momento, no hospital, quando entrando e não encontrando ninguém, novamente sentimos a expectativa de uma má notícia, esta logo descartada. É um mundo de poucas surpresas agradáveis, de não tranquilidade, de falta de expectativa de vida futura. Mais do que nunca está embutida uma única certeza: agora se está vivo daqui a pouco não se sabe.

TEMPO NO FILME

Trágico também é Cronos (Saturno) com seu destino desesperado, com muitas tarefas que o futuro do mundo lhe reserva.

Porque ele é o deus do Tempo – tudo regula, tudo comanda –, cabe-lhe criar uma nova ordem nos ares e nas coisas. Revolucionar constantemente a natureza. Alterar o plano da vida, retirando dele seu próprio pai.

Cronos é insaciável. O Tempo devora tudo: seres, momentos, destinos. Sem piedade. Sem apego ao que passou. O que importa é construir o futuro.

Só Mnemósine contesta Cronos, preservando, quando pode, a lúcida matéria sobre a qual reina: a memória.

*Mas Cronos vence sempre. E continua sem medo sua implacável cavalgada.*⁴

A noção de passagem do tempo no filme pode ocorrer de várias maneiras: através da iluminação, atuação, sonorização, espaço. *As marcas do tempo estão sempre presentes nas linguagens visuais do cinema e da televisão e, em maior ou menor escala, conformam o seu sentido mais profundo* (COUTINHO, 1999).

A luz é que nos revela tudo no filme. O filme é luz e sem luz não existiria. A posição da luz pode nos indicar a variação do tempo, ou impressões da imagem. Podemos envelhecer ou rejuvenescer faces apenas com a mudança de iluminação.

Os atores em sua atuação já são uma noção de tempo que flui. No entanto num filme essa noção pode ser trabalhada para nos dar impressões diversas. Podemos fazer com que o horário do dia seja um dos fatores de passagem do tempo. Se for noite, por exemplo, e fazemos o Sol nascer causará a impressão que a noite se foi, e, portanto algumas horas se passaram em poucos minutos de filmagem. Porém podemos manter a noite e fazermos nossos personagens conversar, andar por lugares, presenciar acontecimentos e nos manter durante todo o filme no mesmo ambiente daquela noite sem nunca amanhecer. Podemos mostrar o pôr do Sol e o amanhecer várias vezes durante o filme para dar a impressão que vários dias se passaram. Podemos mostrar a imagem de um relógio em momentos diferentes para dar a

⁴ MITOLOGIA, Abril Cultural, Editor Victor Civita, 1973, São Paulo, SP, vol. I p 22.

impressão de que a hora está passando rápida ou lentamente, ou mesmo indiferentemente.

Mas, não são apenas as imagens e os cortes nos causam a sensação de passagem de tempo. Os sons e a iluminação também influenciam nossos sentidos e emoções. Os sons, as músicas ou fragmentos de músicas influem em nossa percepção de passagem do tempo. Vamos supor que um presidiário fugiu da penitenciária e está correndo em sua fuga. De repente ouvimos sons de latidos de cães, vozes de policiais gritando em perseguição, e junte-se a isso sons curtos (instantâneos, “shots”) e graves como, por exemplo, sons de tambores, sons de vozes grunindo, também juntamos uma iluminação deficiente, falha, ofuscada. A conjunção destes sons e luzes com a imagem do fugitivo e dos perseguidores num vai e vem de cortes, vão nos trazendo o suspense, o desejo de que o tempo seja suficiente para o fugitivo escapar, ou o desejo de que o tempo seja suficiente para que a polícia o alcance antes que ele escape. Mas parece que o tempo escapa de nossas mãos, de nosso controle, se esvaindo. De repente um corte e a tela escurece, a imagem desaparece gradualmente (fade out). O que aconteceu? E uma nova imagem de paz e tranquilidade vai surgindo (fade in) e vemos o fugitivo limpo e pensativo; descansando numa casa de fazenda sossegadamente. Depois acompanhamos seu dia em várias tomadas, a noite vem e vamos para outra cena. Nesta atmosfera de paz os sons são mais tranquilos, são músicas suaves e românticas, a luz é suave e límpida, de maneira que podemos sentir a paz de espírito que o ex-fugitivo vive agora. A cena da fuga demorou cinco minutos de filme e a cena na fazenda demorou 1 minuto de filme. No entanto dentro do filme o significado das imagens é o inverso, ou seja, a cena da fuga se passou rapidamente para o personagem e a cena do seu dia na fazenda teve uma longa duração.

A sensação de tempo nos filmes está intrinsecamente ligada ao ritmo do filme. No filme o ritmo é que expressa o fluxo do tempo⁵. É necessário pensar como alcançar a atmosfera ideal⁶. Na obra de cada diretor de cinema está implícita a sua maneira de controle do ritmo, sua marca pessoal.

⁵ TARKOVSKY, A.A. *Esculpir o Tempo*. 2ª ed., Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998. p. 134.

⁶ Site: <http://www.filmsound.org/articles/bresson.htm>

A marca pessoal do diretor é percebida na montagem, que é determinada pelas pressões rítmicas nos segmentos do filme.⁷

O tempo do filme é limitado, assim, o roteiro dá prioridade às cenas que são essenciais e eliminando as outras que não influenciam o entendimento da história. Muitas dessas cenas são selecionadas durante a montagem.

O tempo no livro *O Chefão* se passa com seqüências, retornos e desvios. O autor vai narrando os fatos de determinado personagem até certo ponto, quando retorna para esclarecer algo que é importante para a compreensão do que está acontecendo ou do que virá pela frente. E neste ir e vir vai nos dando muitas informações a respeito de cada personagem, de cada situação. Nos dá uma retrospectiva da vida do personagem, nos mostrando de onde veio e como chegou até aqui. O autor nunca é indiferente aos personagens, sempre lhes dá valores.

O ROTEIRO

O Poderoso Chefão surgiu de uma idéia do escritor Mario Puzo para saldar suas dívidas de jogo. Baseando-se em relatos de gângsteres que conheceu nos mesmos cassinos em que perdera quase tudo - ele holou a trama que narrava a saga da família Corleone, que administrava uma vida de crimes como quem gerencia um grupo empresarial.⁸

O estúdio confiou a tarefa de levar a história à tela com um gordo orçamento ao então pouco experiente Francis Ford Coppola. A produtora teria feito um acordo com a Máfia antes de iniciar as filmagens. Não citaria as palavras "Máfia" e "Cosa Nostra" nos diálogos e em troca receberia consultoria e até, segundo algumas fontes, colaboração financeira. O filme teve cenas rodadas em Nova York, Hollywood, Las Vegas e na Sicília.⁹

Segundo Rubens Edvald Filho, quanto ao título nacional, o certo seria chamar-se O Padrinho, que é a tradução literal de The Godfather, o nome do livro original de Mario Puzo. Mas um (...) editor nacional resolveu chamar o livro de O Chefão aqui no Brasil. Outro ainda mais esperto roubou o nome e chamou Chefão a uma outra fita francesa. Por

⁷ TARKOVSKY, A.A. *Esculpir o Tempo*. 2ª ed., Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998 p. 145.

⁸ Site: <http://www.estado.estadao.com.br/edicao/especial/cinema/genero/genero6.html>

⁹ Site: <http://www.estado.com.br/edicao/especial/diretor/coppola.html>

*isso que tudo acabou virando "O Poderoso Chefão" quando, pela própria sequência final, só faz sentido quando o herói é realmente padrinho num batismo e em sua posição na Máfia.*¹⁰

Quando Coppolla dirigiu *O Poderoso Chefão* tinha atrás de si uma vasta produção no gênero para estudo e apreciação.

No documentário *Cem Anos de Cinema*, Martin Scorsese nos dá uma visão da evolução dos filmes de gangsteres no cinema americano:

Filmes de gangsteres, gênero rico que permitiu aos cineastas deter-se na fascinação americana pela violência e pela ilegalidade.

Só há ação se houver perigo. Quem disse isso foi Howard Hawks, autoridade em filmes de faroeste e gangsteres. Viver ou morrer, nosso maior drama.

Filmes de gangsteres antecedem a Primeira Guerra Mundial como "Muketeers of Pig Alley" de Griffiths ou o filme de Raoul Walsh de 1915 que foi rodado no East Side de Nova Iorque: Os gangsteres eram vistos como vítimas do seu ambiente... crianças crescendo em ruas mal frequentadas.

Mas dez anos depois, a Lei Seca (Prohibition) trouxe filmes que indicavam uma tremenda escalada na violência urbana. O que me chocou em "Scarface" (1932) foi a objetividade fria de Howard Hawks que mostrou Tony Camonte, conhecido como Al Capone, como um personagem cruel, imaturo e irresponsável. Contudo, esse mundo era quase atraente... Devido à sua irresponsabilidade. E isso era preocupante. Às vezes o filme é engraçado. Não é de se surpreender. Pois Hawks era bom em comédia e em ação.

No final dos anos trinta, veio um filme fundamental: "The Roaring Twenties" (1939) de Raoul Walsh. Essa crônica da era da Lei Seca foi o último grande filme de gangsteres antes do advento do filme noir. Parecia uma história de Horatio Alger distorcida. O gangster caricaturava o sonho americano. É a saga de um herói de guerra e sua derrocada depois da quebra da Bolsa. Serviu de inspiração para um dos meus filmes: "It's Not Just You, Murray". E eu gosto de pensar que "Goodfellas" nasceu da tradição de filmes tão extraordinários quanto "The Roaring Twenties" e "Scarface". O gangster tornava-se uma figura trágica. Walsh ousou terminar o filme com uma imagem semi-religiosa que evoca a "Pietá".

Depois da Segunda Guerra Mundial, o gangster virou homem de negócios. Bandos foram dominados por corporações anônimas. O primeiro a mostrar as mudanças no submundo foi "I Walk Alone" de Byron Haskin. Burt Lancaster, ao sair da prisão descobre um novo mundo.

Em filmes como "Force of Evil", Abraham Polonsky pintou toda a sociedade como corrupta. O rosto de John Garfield, o advogado do bando era um mosaico de conflitos

¹⁰ Site: http://www.epipoca.com.br/news_zoom.cfm?id=5758

morais. O próprio corpo social estava doente. A violência do sistema se tornou a questão fundamental.

Via-se um mundo corrupto implodindo diante dos olhos. O diálogo de Abraham Polonsky era poético. Não se abandonava o sistema. É uma ligação eterna. Estavam sempre usando a pessoa. Queriam que ela sacrificasse a própria família.

Essa loucura culminou com "The Godfather", de Coppolla. Como Al Pacino descobre quando volta da Segunda Guerra Mundial: o filho tem que seguir o caminho criminoso do pai. Quando se é um Corleone, não há saída. Era uma família ruim, ligada pelo medo e pela traição. Mas as pessoas a serviam sem jamais questionar sua legitimidade. Como se ela fosse o seu país. Valores como família, livre iniciativa, patriotismo, foram distorcidos. Até o individualismo morrerá. A organização era um estado dentro do estado. O gangster um presidente. E o crime, um meio de vida.

Nos fins dos anos sessenta, filmes de gangsteres eram tão versáteis que podiam abarcar o estilo da vanguarda. Observe a edição inovadora de "Point Blank" (1967) de John Boorman. As imagens lampejam na mente de Carrol O'Connor à medida que ele percebe quem é Lee Marvin, um assassino que abriu caminho à força até o topo. Uma busca desesperada ao homem encarregado. O homem que simplesmente poderá lhe pagar.¹¹

Quando o roteirista se baseia numa obra para produzir um roteiro, esta não será sua única fonte. Também poderá se basear em obras do gênero já produzidas tanto para o cinema quanto em outras áreas como a pintura, literatura, história, documentários, críticas, etc. Assim poderemos enxergar num filme a citação de outro filme através de cenas parodiadas ou quadros que nos lembram uma pintura ou escultura. Podemos ver inserido no filme um fato da época ou até uma crítica a algum assunto, instituição ou personalidade.

A humanidade tem contado suas histórias ao longo do tempo. As histórias vão se repetindo de geração a geração, e a maneira de contar essas histórias também. As histórias são sempre as mesmas.¹² O interesse não está na história em si, mas na maneira como será contada.¹³ O roteiro é uma maneira de narrar algo na linguagem do cinema. No conto *O homem da multidão*, de Edgar Allan Poe, Miranda nos mostra que existem linguagens cinematográficas na literatura.¹⁴ É possível se espelhar nessas obras quando se busca entender não somente o roteiro, mas toda a produção do filme.

¹¹ SCORSESE, M. Cem Anos de Cinema, 1995.

¹² CHION, MICHEL. (1989, p.2)

¹³ BERNARDO, J apud ALMEIDA, M.J. (1999 p.xiii).

¹⁴ MIRANDA, CARLOS E. ALBUQUERQUE (2000 p.166).

Quando se vai fazer um filme é necessário ter um argumento, um tema, uma história. Assim a primeira idéia está presente numa sinopse de poucas páginas. O próximo passo é o roteiro. O roteiro vai expandir o argumento, detalhando a sinopse através de motivos, atitudes, ações, acontecimentos, mostrando o porque e as conseqüências em si, explicitando, exibindo fatos, falas, lugares. O roteiro conta os pormenores da história. Contudo, o roteiro inicial pode ser considerado apenas uma orientação do roteiro final. O roteiro final se faz na montagem.¹⁵

No roteiro além da decupagem do filme, ou seja, da divisão do filme em planos, também teremos os ângulos de tomada, os movimentos da câmera, os locais da ação, os efeitos sonoros, a expressão e os movimentos dos atores e diálogos.¹⁶

O roteiro sofrerá influência de uma série de fatores, desde a produção, orçamento, direção, assessoria, iluminação, som, figurino, atuação, fotografia, prazo, montagem, etc. O roteiro, portanto, sofrerá contaminações.

Em alguns roteiros percebemos o compromisso de manter fidelidade ao espírito do argumento, à alma do livro. Os fatos podem ser mudados, mas o espírito da obra permanece. Neste caso um filme é como uma espinha de peixe, todas as ações precisam remeter ao espírito central da obra.¹⁷ Nem todos os roteiros buscam esta fidelidade. Há toda uma riqueza de interpretações em versões de outras artes e linguagens quando essas são passadas para a arte cinematográfica.

Os filmes no seu todo ou em suas partes provocam nossas mentes, nossas idéias e interpretações, são fontes de novos insights. *O Poderoso Chefão* é um filme que tem encantado gerações e tem suscitado idéias e interpretações às mais diversas. Cada cena e cada seqüência podem influenciar e cativar nosso interesse, mexendo com nossa memória, provocando vislumbres. Querendo focar uma dessas idéias nos pautamos em fragmentos e os observamos. Assim o tema deste trabalho surgiu desse manancial de observações que emergem quando assistimos e discutimos o filme. Resolvemos observar algumas de suas partes que nos revelassem a personalidade de Michael em sua mudança de atitude quanto a estar distante dos

¹⁵ ALMEIDA, M.J. (1994 p.31).

¹⁶ RITTNER, M. (1965 p.13-14).

¹⁷ SCORSI, ROSÁLIA DE ANGELO (1999 p.139).

negócios e posteriormente acabar como o administrador dos negócios da *Família*. Este será o eixo central deste trabalho.

Michael inicialmente não quer trabalhar para a *Família*. Não quer se envolver no mundo do jogo, do contrabando ou da prostituição. No início do livro ou do filme Michael sabe muito pouco sobre os negócios e objetivos do pai.

Apesar de estar envolvido com práticas mafiosas Dom Corleone aplica mais dinheiro fora destes negócios considerados ilícitos do que aparenta aos olhos dos membros da *Família* ou de seus familiares. Seus negócios são originários de práticas violentas e que têm assassinatos e sonegação de impostos na sua formação e florescimento.

O grande desejo de Dom Corleone é deixar essa imensa riqueza para seus familiares e membros da *Família*, totalmente legalizada. Legalizar os negócios não significa somente demonstrar que se paga impostos ou que o enriquecimento tem justificativa. Para estes italianos significa muito mais, significa conseguir aceitação diante de uma sociedade racista como a americana, significa livrar os filhos de uma vida de crimes (necessários neste tipo de negócio), significa vencer numa terra distante da sua e ser aceito como cidadão americano. Mas essas coisas não se conseguem numa única geração. Os negócios ilícitos crescem rapidamente e tornam complexa a administração desses dois mundos: o lícito e o ilícito, isto é, administrar a transição dos negócios que não pagam impostos, que utiliza a violência e contrabando, não segue as Leis do trabalho, previdência, Receita Federal como uma empresa legalizada, para um negócio legalizado passível de auditorias por órgãos administrativos do governo.

Neste tipo de negócio, não se abandona “o barco”. Diante disso Dom Corleone vê com bons olhos o afastamento de Michael dos negócios da *Família*. Enxerga nisso uma válvula de escape para a legalização.

Um novo ramo de atividade ilícita está despontando: as drogas. Dom Corleone não quer entrar em outros negócios ilícitos, já tem bons lucros com seus negócios atuais e tem planos de legalização. Entrar no ramo das drogas tornaria a situação ainda mais complicada. Resolve não se envolver, mas... No mundo da máfia é preciso se envolver, ou se está dentro ou se está fora, e estar fora é estar morto.

Dom Corleone sofre um atentado e é este atentado que traz à tona uma nova personalidade oculta de Michael, desencadeando uma série de atos que o vão envolvendo e fazendo mergulhar nos negócios da *Família* num caminho sem volta.

Não são simples sentimentos de vingança, existe toda uma história de gerações, toda uma história humana que se apresenta neste instante. Michael não é um simples americano, é um filho de italiano, e mais que isso é um filho de siciliano. A cultura de seus antepassados está em seu sangue, em sua formação como ser humano histórico. Os fatos ocorridos trazem à tona memórias que não são somente suas, mas memórias de um povo. O que está em jogo não são somente os negócios, é também algo mais profundo, que está na alma sofrida de uma Sicília dominada por invasores durante séculos.

Michael acaba por assassinar o mandante do atentado contra seu pai e posteriormente tornar-se o novo Dom Corleone...

Como o roteirista e o diretor trabalham a questão da mudança de personalidade do personagem Michael no filme e como fazem esta tradução das imagens literárias para imagens do cinema será analisado em quatro partes selecionadas do livro e do filme neste estudo: quando Michael sabe do atentado, quando Michael visita o pai no hospital, quando planejam o assassinato do mandante do atentado e quando Michael assassina o mandante e seu guarda costas.

O FILME

O Poderoso Chefão narra a saga de uma família italiana formada por um casal e quatro filhos: três filhos e uma filha. Devido à atividade do chefe da família eles vivem cercados por pessoas ligadas a eles pelas atividades desenvolvidas pela *Família*, organização comandada por Dom Corleone. Essa organização é de cunho mafioso, ou seja, é um negócio que obtém seus lucros através de meios ilícitos, que sonegam impostos ou praticam atividades proibidas pela Lei. Dentre as atividades da *Família*, estão os jogos, o contrabando de bebidas e alimentos e a prostituição. Além dessas atividades existem outras que são lícitas, mas que são mantidas em segredo para não levantar suspeitas da origem dos investimentos ou conexão entre estes negócios. Esses investimentos são em cinema, música, prédios, hotéis, Cassinos e pequenos negócios; sempre através do uso do nome de pessoas amigas e de confiança.

Para que tudo isso funcione é preciso perspicácia administrativa e política por parte de Dom Corleone e seus assessores, em especial o seu conselheiro.

Essa *Família* tem sua sede em Nova Iorque. Nesta cidade existem outras quatro famílias mafiosas poderosas, que disputam entre si territórios e pontos de negócios.

A história se inicia com a festa de casamento da filha de Dom Corleone, ano de 1945, tanto no livro, como no filme. Nesta festa é que são apresentadas as personagens e percebemos a força de liderança de Dom Corleone. Os personagens principais são: Dom Corleone, o chefe da *Família*, o Poderoso Chefão; Hagen, o conselheiro; Sonny, o filho mais velho, de personalidade violenta; Freddy, o filho do meio de personalidade sensível, ruim para os negócios; Michael, o filho mais moço, de personalidade forte, semelhante ao pai, que não se interessa pelos negócios da *Família*; Connie, a filha, alheia aos negócios; Clemenza e Tessio, os capitães; Kay, namorada de Michael; e, Luca Brasi, o mais perigoso dos homens de Dom Corleone.

Alguns dias após a festa, Dom Corleone recebe a visita de Sollozzo, mafioso de outra *Família*, que o convida a participar de um negócio emergente, as drogas. Dom Corleone não aceita participar do negócio.

Por causa desta recusa, sofre um atentado, sendo alvejado por cinco tiros. Luca Brasi é assassinado e o conselheiro é raptado a fim de pressionar Sonny a entrar no negócio das drogas. Sonny ficou provisoriamente como chefe da *Família*, até o pai sair do hospital. É justamente esse atentado que transforma a vida de Michael. Ele acaba por assassinar o mandante do atentado, Sollozzo, e foge para a Sicília. Enquanto está na Sicília seu irmão é assassinado e seu pai, já recuperado, aceita entrar no negócio das drogas desde que Michael possa voltar da Sicília sem perigo de vingança.

Após a volta de Michael, este é treinado pelo pai e pelo conselheiro para substituí-lo no comando da *Família*. Juntos planejam a vingança contra seus inimigos, agora já bem conhecidos, e a mudança dos negócios para o ramo dos Cassinos em Nevada, na Califórnia. Neste meio tempo Michael se casa com Kay e nasce seu primeiro filho.

Seu pai morre. A vingança se consome. No livro são assassinados os chefes de duas *Famílias*, no filme são assassinados os chefes das outras quatro

Famílias de Nova Iorque. Também são assassinados Tessio e o cunhado de Michael (marido de Connie), que participaram de traições contra a *Família*.

Michael é então aclamado pelos seus capitães como: Dom Corleone. Assim se encerra o livro e o primeiro filme da série de três.

Para se fazer às análises que se seguem foram selecionadas quatro partes do livro e as respectivas partes no filme. Em seguida foram digitados numa tabela, os textos do livro lado a lado com a parte correspondente do filme, que foram assistidas e transformadas em texto. As principais observações foram a respeito das influências dos narradores nas duas obras.

No livro observamos a existência de dois narradores: narrador em terceira pessoa e narrador interior, mas também para efeito de estudo distinguimos os narradores personagens e o narrador Michael. O narrador em terceira pessoa é aquele que narra aquilo podemos ver, ou seja, caso estivéssemos presentes na hora da cena poderíamos ver o que ele está narrando. O narrador interior é aquele que narra aquilo que não podemos ver, ou seja, caso estivéssemos presentes na hora da cena não teríamos como saber aquilo que é narrado, tal como pensamentos ou emoções do personagem. Os narradores personagens e Michael também são narrações que poderíamos ver caso estivéssemos presentes na cena.

No filme observamos a existência do narrador câmera e distinguimos para efeito de estudo os narradores personagens e o narrador Michael. O narrador câmera equivale ao narrador em terceira pessoa do livro. Os narradores personagens e Michael equivalem aos narradores personagens e Michael do livro.

O narrador interior não existe no filme. Essa foi uma opção do roteiro.

O estudo foi feito desta maneira porque mostra com muita clareza as diferenças desses excertos do livro de Puzo para os respectivos excertos do roteiro apresentado no filme. A cópia da tabela se encontra em anexo no final deste trabalho.

A seguir a análise de cada parte:

Michael sabe da notícia do atentado

Michael está com Kay em Nova Iorque e numa banca de jornal sabe através do Jornal Daily Mirror, que seu pai sofreu um atentado.

Neste trecho do livro acompanhamos desde à tarde em que Michael e Kay estão juntos em Nova Iorque até à noite quando sabem da notícia. O narrador

em terceira pessoa descreve sucintamente que eles estão no hotel, fazem amor até a hora do jantar, vão jantar, assistem uma peça de teatro. Na volta o texto torna-se mais descritivo. O autor interior nos mostra o estado de espírito de Michael, seus planos para o futuro, o desejo de casar-se com Kay e romper com a família, as dúvidas de como vai ser a vida a dois, enfim como será a independência da vida a dois:

Haviam resolvido casar-se durante a semana de Natal, uma cerimônia civil tranqüila na pretoria, com apenas dois amigos como testemunhas. Mas Michael insistira em que devia comunicar ao pai. Explicara que o velho não se oporia de maneira alguma, desde que a coisa não fosse feita em segredo. Kay tinha suas dúvidas. Dissera que só poderia comunicar a seus pais depois do casamento... O que nenhum deles mencionou foi o fato de que Michael teria de cortar seus laços íntimos com a família. Ambos compreendiam que Michael já havia feito isso até certo ponto e se sentiam culpados com respeito a esse fato. Planejavam terminar o curso, vendo-se um ao outro nos fins de semana e vivendo juntos durante as férias de verão. Isso lhes parecia uma vida feliz (Puzo, p.85).

A notícia do atentado é recebida no saguão de um hotel. Enquanto Michael vai pegar a chave do quarto, Kay vai até a banca de jornal no saguão. Lá ela vê a manchete no jornal e fica paralisada com o jornal nas mãos. Momentos depois Michael chega e também toma contato com a notícia. Michael pega o jornal e sobe para o quarto com Kay. No quarto lê a notícia com mais acuidade. Vai recebendo a notícia paulatinamente e ao mesmo tempo vai sendo vítima de sentimentos e sensações causadas pelas notícias. O narrador interior nos conta o que Michael está sentindo e pensando.

Michael Corleone sentiu o corpo ficar gelado. Não havia pesar, nem medo, apenas raiva fria... Michael sentiu fraqueza nas pernas... Michael começou a sentir-se pesadamente culpado (Puzo, p. 86).

Michael tenta ligar para a casa do pai e não consegue de imediato, enquanto isso sua angústia aumenta e só depois de vinte minutos é que consegue linha. Conversa com Sonny e fica sabendo que seu pai realmente está vivo, mas que Hagen foi raptado. Os diálogos entre personagens são curtos, mas o diálogo interior, o pensamento de Michael e suas emoções são efervescentes. Nasce um sentimento de culpa por estar longe do pai. Diz para Sonny que vai para casa em seguida, existe o risco de Michael ser raptado também, afinal não sabem quais os planos do inimigo. No livro temos as descrições dos cenários e das situações, nos envolvendo nos

acontecimentos num ritmo mais lento, mais descritivo. O narrador interior aproveita para comentar a falta de funcionários no hotel devido ao período de guerra. Apesar da grande mensagem desta passagem ser a notícia do atentado, o livro descreve um ambiente físico e psicológico que sustentam a veracidade da notícia, prendendo o interesse do leitor. O livro valoriza o personagem Luca Brasi, homem extremamente violento que trabalha para Dom Corleone e que está sumido, na verdade foi assassinado antes do atentado de Dom Corleone.

No filme Coppola realiza a cena externamente, na calçada do Teatro Radio City Music Hall. Essa mudança demonstra o quanto se pode modificar condições em busca de resultados os mais diversos, objetivando atingir o mesmo fim. Foi tomado o cuidado de não se desviar da mensagem original. É uma cena breve. Michael vem com Kay pela calçada. Passando pela banca de jornal, Kay vê a manchete no jornal. Alerta Michael. Voltam até a banca e lêem a notícia. Michael procura um telefone público e liga para Sonny a fim de saber notícias de casa.

No filme não temos o narrador interior, aquele que diz o que Michael está sentindo, o narrador câmera é quem nos mostra as principais ações, nos envolvendo na história. Os diálogos são curtos, comentando coisas sem importância, não tem o peso dado pelo livro quanto ao futuro do casal. O impacto da notícia, a atuação e o mistério da situação movimentam a ação da sequência. Quando Michael sabe do atentado contra o pai, ocorre uma mudança entre a cena tranqüila que vinha transcorrendo e o impacto da notícia. A passagem do tempo parece acelerar-se com a mudança do comportamento dos atores, nossa curiosidade é estimulada ¹⁸. De repente ocorreu uma transformação e passamos a ficar apreensivos. Os sons tranqüilos que ouvíamos vão emudecendo, nossa visão é estimulada a ler a notícia. Ouvimos um fragmento de sons graves, como se sofrêssemos um abalo no coração, como se aquele som imediatamente após a notícia lida, acelerasse a batida de nosso coração e desencadeasse um nervosismo em nós. Observemos que a cena precisa ter esse senso de credibilidade e transmitir este tipo de emoção. Parece que o tempo que vinha transcorrendo naturalmente começa a se esvaír, é como se uma urgência tivesse aparecido, é como se algo estivesse por acontecer. Aqui o roteiro começa a nos preparar para a cena do hospital, quando Michael vai evitar nova tentativa de assassinato contra seu pai e culmina com uma cena de violência. O olhar de Michael,

¹⁸ TARKOVSKY, A.A. *Esculpir o Tempo*. 2ª ed., Editora Martins Fontes, São Paulo, 1988, p. 135.

a aproximação da câmera da notícia no jornal, do rosto de Michael, a súbita pressa em atravessar a rua e telefonar, o semblante tenso sob uma iluminação noturna, acompanhado de sons de suspense, nos causando tensão.

Observamos nestas diferentes linguagens que o livro prioriza a descrição de sentimentos, de ambientes, de pensamentos, de planos, criando uma atmosfera psicológica através da escrita. O ritmo do livro é mais ameno.

No filme o ritmo é mais impaciente, as coisas se realizam com mais rapidez, sem explicações ou descrições explícitas. Tudo é mais accidental. As coisas acontecem. As emoções são percebidas pelo olhar da câmera. Michael está feliz vindo pela calçada com Kay, de repente fica apreensivo, nervoso e impaciente com a notícia. Parece que vai ter que fazer alguma coisa necessariamente. Ficamos com a impressão de que ele não desejaria saber deste tipo de notícia daquele jeito, naquele lugar.

Michael visita o pai no hospital:

Michael vai até o hospital e descobre que seu pai está sem nenhuma proteção contra alguém que queira lhe atacar. Descobre que a polícia está envolvida na retirada dos guardas para proteção do seu pai. Pelo telefone avisa o irmão para que sejam tomadas providências. Juntamente com uma enfermeira transfere o seu pai de quarto. Um visitante amigo fica com ele na entrada de forma a afugentar o inimigo. Um carro pára, pessoas observam e o carro parte. Em seguida a polícia chega e Michael percebe o claro envolvimento e a trama que fora montada para assassinar seu pai. É agredido pelo sargento McCluskey. A ajuda chega e é socorrido.

No livro quando Michael chega ao hospital encontra o pai completamente isolado, desde a portaria até a chegada ao quarto. O narrador em terceira pessoa nos informa a hora, eram dez e meia da noite. O narrador interior nos revela que Michael pensa no quanto Tessio e Clemenza estão falhando na vigilância.

Caramba, que diabo estavam fazendo Clemenza e Tessio? De fato, eles não tinham frequentado a Academia Militar de West Point, mas sabiam bastante sobre tática para estabelecer postos avançados. Alguns dos seus homens deviam estar no saguão, pelo menos (Puzo, p. 134).

Sobe de elevador até o quarto andar. Não dá atenção à pergunta da enfermeira quando passa pela sala dela. Não havia detetives na porta do quarto do pai. O narrador em terceira pessoa descreve a figura do pai, o luar, o ambiente interno do quarto, Michael observando que o pai está bem. Michael saiu do quarto e foi até a sala das enfermeiras. Apresentou-se e perguntou dos homens que estavam guardando o pai. O narrador em terceira pessoa descreve a enfermeira, nos enriquecendo de dados para satisfazer nossa curiosidade e ao mesmo tempo instigar nossa imaginação. A enfermeira explica que os guarda-costas foram retirados pela polícia porque Dom Corleone recebia muitas visitas e isso atrapalhava o serviço do hospital, e os policiais tiveram uma emergência para atender, assim todos foram embora. Fala para Michael não se preocupar por que seu pai está sendo bem cuidado. Michael agradece e fala que vai ficar sentado com o pai por alguns minutos. A enfermeira permite, mas fala que depois terá que pedir que vá embora, por causa do regulamento do hospital. As informações a respeito da retirada dos guardas e policiais que a enfermeira passou neste momento fazem Michael ficar apreensivo. Ele volta para o quarto e liga para Sonny para explicar-lhe o que está acontecendo. O narrador em terceira pessoa descreve sua voz, trêmula, e a voz de Sonny tranquilizadora. Os dois conversam a respeito de que é armação de Sollozzo. Sonny pede para Michael ficar calmo e ficar trancado com o pai no quarto. O narrador interior descreve os sentimentos de Michael.

Pela primeira vez desde que tudo tinha começado, sentiu uma raiva furiosa subir dentro dele, um ódio frio pelos inimigos de seu pai (Puzo, 136).

Michael resolve seguir seu próprio raciocínio. Chama a enfermeira e pede para ajudá-lo a mudar seu pai de quarto. O narrador em terceira pessoa nos mostra Michael explicando as razões disso para a enfermeira. O narrador interior comenta o quanto Michael podia ser persuasivo quando queria. Michael e a enfermeira levam Dom Corleone para outro quarto. Michael pede para a enfermeira

ficar com o pai, por ser mais seguro ali que na sua sala. Dom Corleone chama por Michael e este lhe fala algumas palavras de conforto e pede para não se preocupar. O narrador interior narra o pensamento de Dom Corleone.

Dom Corleone, ainda não plenamente consciente do que lhe acontecera no dia anterior, com dores terríveis, embora sorrindo carinhosamente para o filho mais moço, queria dizer-lhe, mas era esforço demasiado: "Por que devo ter medo agora? Muita gente tem procurado me matar desde os meus doze anos de idade" (Puzo, p.137).

O narrador interior neste momento reforçou a imagem de Dom Corleone, mostrando a sua firmeza e força de caráter, mesmo em situações adversas. Podemos sentir o mesmo em relação a Michael. É a figura de herói tão difundida em nossa cultura. Michael desce até a entrada do hospital. O narrador em terceira pessoa descreve a entrada do hospital e as possibilidades de alguém entrar ali. Michael fica na entrada do hospital. Enzo chega e se aproxima de Michael ali na entrada, se apresenta e conversa com Michael. Michael lhe diz que haverá barulho, para Enzo partir. O narrador em terceira pessoa descreve o medo na face de Enzo. Michael ouve um carro se aproximando. Enzo se oferece para ficar, pelo padrinho. O narrador interior descreve que Michael se emociona e raciocina que duas pessoas na entrada intimidarão mais que uma. O narrador em terceira pessoa descreve o ar da noite, as vidraças do hospital, os dois fumando, o carro que chega, reduz a velocidade e quase pára mas acelera e parte, as mãos de Enzo tremendo, as mãos de Michael firmes. Depois narra a sirene da polícia quebrando o silêncio da noite, a chegada da polícia fazendo barulho. A entrada do hospital fica cheia de policiais e detetives. Michael pensou que Sonny os tivesse enviado. Dois policiais o agarram. O Capitão McCluskey sobe os degraus para falar com Michael. Fala que pensou ter tirado todos os bandidos carcamanos dali. Quer saber porque Michael está ali. Um policial fala para o capitão que Michael está desarmado. Michael observa o capitão, estuda sua fisionomia, percebe que ele é pago por Sollozzo. Um dos policiais fala que Michael é filho do Dom. Michael pergunta sobre os guarda costas e detetives que estavam guardando seu pai e quem os tirou dali. O Capitão McCluskey fica furioso com a pergunta e diz que não é da conta de Michael o que ele fez, diz que não se importa com Dom Corleone e manda Michael cair fora dali. Michael não fica nervoso com o

capitão. O narrador interior descreve seus pensamentos quanto ao que claramente é uma armação de Sollozzo:

Não ficara zangado com o que o capitão dizia. A sua mente trabalhava vertiginosamente. Seria possível que Sollozzo estivesse naquele primeiro carro e o vira postado em frente ao hospital? Seria possível que Sollozzo tivesse chamado esse capitão e perguntado: “como é que os homens dos Corleone estão ainda em volta do hospital, quando lhe paguei para meter todos eles na cadeia?”

Seria possível que tudo tivesse sido cuidadosamente planejado como Sonny dissera? As peças se encaixavam (Puzo, p. 139-140).

Michael fala que não vai sair dali enquanto o capitão não colocar pessoas para proteger seu pai. O capitão manda Phil prendê-lo. Phil explica que Michael é herói de guerra e nunca se meteu em negócios sujos. O capitão se irrita ainda mais. O narrador em terceira pessoa descreve seu rosto vermelho. Fala que mandou prendê-lo, não quer saber quem ele é. Michael pergunta quanto o Turco está lhe pagando. O capitão manda que o segurem e dá-lhe um soco. Michael fica estonteado. O narrador interior descreve o que está sentindo:

Uma granada explodiu em seu crânio. Sua boca encheu-se de sangue e de pequenos ossos duros que ele pensou que fossem dentes. Sentiu o lado de sua cabeça inchar como se estivesse enchendo-se de ar. Suas pernas já não pesavam, e ele teria caldo se os dois policiais não o mantivessem em pé (Puzo, p. 140).

Phil discretamente se coloca entre o capitão e Michael para evitar que o capitão o agredisse novamente e comenta que o capitão o acertou forte. O capitão diz que ele não o tocou, que Michael que caiu ao resistir à prisão. O narrador interior descreve Michael vendo outros carros chegarem e homens descerem. Reconheceu o advogado de Clemenza que conversava com o capitão. O advogado explica para o capitão que os homens que estão entrando no hospital vieram para dar proteção e têm licença para portar armas. Se o capitão se intrometer terá que se explicar ao juiz pela manhã. Também pergunta se Michael quer dar queixa de quem fez aquilo com ele. Michael fala que escorregou e caiu. Vê o olhar triunfante do capitão e tenta retribuir com um sorriso. O narrador interior descreve as sensações de Michael, uma frieza

que tomava todo o seu corpo e não queria que ninguém percebesse o que estava sentindo:

A todo custo, queria esconder a deliciosa frieza glacial que controlava o seu cérebro, a corrente de ódio extraordinariamente frio que lhe percorria o corpo. Não queria que ninguém percebesse como se sentia no momento. Como Dom Corleone também não o faria. Depois sentiu que o transportavam para o hospital e perdeu os sentidos (Puzo, p. 141).

Percebemos que o recurso mais utilizado na linguagem escrita de Puzo é a descrição de sentimentos e ao mesmo tempo a ação se movimenta neste tatear das emoções dos personagens, levando o leitor à curiosidade e partilha de sentimentos e receios.

No filme Coppolla modifica alguns detalhes de maneira a dar mais ação, suspense e força nesta passagem.

Michael chega ao hospital e podemos ver que é tarde da noite, que existem enfeites de natal na entrada do hospital e que está tudo isolado. Ao entrar no hall e corredores do hospital podemos ver novamente a ausência de qualquer pessoa, seja funcionário, seja visitante, seja para proteger Dom Corleone. Os passos de Michael e alguns sons dão força à cena. Michael corre para o andar superior pela escada e não para o quarto andar, e nem de elevador como no livro. Chegando ao andar superior, novamente a sensação de abandono. Vamos chegando até o quarto de Dom Corleone, a câmera focaliza o nº 2 da porta do quarto. Michael abre a porta lentamente e podemos ver Dom Corleone deitado. Michael se aproxima da cama para observar o pai. De repente chega a enfermeira, diferente do livro onde Michael vai até sua sala. A enfermeira quer saber quem ele é. Michael explica que é filho de Dom Corleone e pergunta o que aconteceu com as pessoas que estavam ali para proteger seu pai. A enfermeira dá a mesma explicação do livro, que eram muitas pessoas e que atrapalhavam o serviço do hospital e por isso a polícia os retirou, e que os policiais saíram para atender a uma emergência a poucos minutos atrás. A enfermeira então toma o pulso de Dom Corleone enquanto Michael liga para Sonny e explica-lhe o que está acontecendo. Sonny diz para Michael não entrar em pânico que ele vai mandar alguém. Durante a conversa ao telefone Michael pediu para a enfermeira não sair do quarto. Quando desliga, fala para a enfermeira ajudá-lo a levar o pai para outro quarto. A enfermeira protesta tal qual no livro, informando que não podem

fazer isso sem autorização do médico. Michael explica para ela quem é Dom Corleone e o que provavelmente está acontecendo de maneira a convencê-la. Eles estão saindo do quarto empurrando a cama, quando ouvimos um barulho de porta se fechando. Um recurso de suspense muito bem usado por Coppolla. Nos perguntamos quem será que chegou? Na sequência ouvimos passos se aproximando. Michael e a enfermeira se esforçando para chegar ao outro quarto e fechar a porta. Vemos Michael vigiando pelo vão da porta. Os passos vão se aproximando. A câmera mostra um homem de costas segurando alguma coisa na mão esquerda e procurando por algum quarto, pois tem um papel na mão direita. Quem será, será algum homem mandado por Sollozzo? A câmera mostra o homem de frente segurando flores, mostrando o que Michael está vendo. Michael sai do esconderijo e pergunta quem é o homem. Ele explica que é Enzo o padeiro. Michael se lembra e pede para Enzo ir embora pois pode haver problemas. Enzo diz que fica por Dom Corleone. Michael pede que ele espere lá fora que ele já está indo. Michael vai até o pai e lhe sussurra algumas palavras de conforto e lhe faz um carinho no cabelo. Dom Corleone deixa escapar uma lágrima e contrai o rosto num sorriso. Michael desce para se juntar a Enzo. Joga fora as flores. Arruma a gola da capa de Enzo. Fala algumas palavras de ânimo, arruma sua própria gola. A câmera vai mostrando os dois em várias tomadas, criando um clima de suspense. Um carro se aproxima e pára na frente do hospital. O motorista e o carona olham para Michael e Enzo. Michael finge que põe a mão por dentro da capa, como se fosse pegar uma arma. O motorista comenta algo com o outro passageiro e parte. Michael parabeniza Enzo. Enzo está extremamente nervoso, as mãos trêmulas ao pegar um cigarro que não consegue acender. Michael pega o isqueiro e acende para ele. Michael observa suas próprias mãos e vê que está frio, controlado. Devolve o isqueiro para Enzo. Carros de polícia chegam. Michael e Enzo se aproximam do portão. Enzo desaparece. Os policiais agarram Michael. McCluskey sai do carro e se aproxima de Michael. Fala para Michael que pensou ter prendido a todos e o que é que ele está fazendo ali? Michael pergunta onde estão os guardas do pai. McCluskey diz a ele para não se intrometer, chamando-o de patife, que ele os levou de lá, e ordena que Michael vá embora dali. Michael fala que só irá embora depois que forem colocados guardas para proteger seu pai. O Capitão manda Phil prendê-lo. Phil explica que Michael não é criminoso e é herói de guerra. O capitão diz que mandou levá-lo preso. Michael pergunta ao capitão quanto o Turco lhe pagou? O capitão manda segurá-lo bem e lhe dá um soco. Michael desfalece.

Neste momento chegam carros. Podemos ver o rosto de decepção do capitão. Dois homens que desceram do carro pegam Michael dos policiais. Um desses homens é Hagen, o conselheiro. Mais uma boa modificação de Coppola, pois no livro quem chega é o advogado de Clemenza. Hagen num momento como esse dá muito mais força à cena. Hagen fala para o capitão que os homens que ali estão vieram para dar proteção a Dom Corleone e que têm licença para portar armas, se o capitão interferir terá que se explicar com o juiz na manhã seguinte. O capitão então ordena que soltem Michael, acena com desagrado e se afasta com seus homens. Outra mudança feita por Coppola aqui é que Hagen não pergunta a Michael se quer apresentar queixa contra quem o agrediu.

Planejamento do assassinato de Sollozzo:

Após ser medicado devido a agressão sofrida pelo capitão McCluskey, Michael é levado para a casa do pai. A casa está fortemente vigiada. Ali se reúne com Sonny, Hagen, Clemenza e Tessio. Sonny já conseguiu que assassinassem Bruno Tattaglia, envolvido no plano contra seu pai. Sonny informa que Sollozzo quer fazer um acordo com eles e escolheu Michael para negociar. Sonny está furioso e não quer o encontro, quer a morte de Sollozzo. Hagen é a favor do encontro, pois a morte de Sollozzo seria muito difícil, uma vez que o capitão McCluskey era seu guarda-costas e as *Famílias* não matavam policiais, temendo que isso fizesse com que perdessem apoio dos políticos, juristas e das outras *Famílias*. Porém Michael conclui que não há outra alternativa, pois Sollozzo com certeza vai tentar matar Dom Corleone novamente. Sugere que se matarem McCluskey e fornecerem notícias aos jornais de que ele estava envolvido com corrupção e drogas, não sofrerão represálias. Todos concordam que pode dar certo, uma vez que os jornais fazem parte da folha de pagamento de propinas da *Família*. Michael se predispõe a cometer o assassinato de Sollozzo e McCluskey.

No livro o narrador em terceira pessoa descreve Michael chegando na casa do pai. Encontramos tudo muito vigiado e o narrador interior nos informa que Michael percebeu que as casas da frente estavam com as janelas do andar superior abertas. *Pelo visto, Sonny estava realmente disposto a tudo* (Puzo, p143). Sentimos aqui um clima de guerra, ou seja, Sonny quer vingança, quer a morte de Sollozzo. No

livro Hagen, Clemenza e Michael entram no escritório e encontram Sonny e Tessio lá dentro. Sonny está animado. O narrador interior nos informa que Michael sabia o que essa alegria significava:

Não havia mais dúvida na cabeça de seu irmão mais velho. Ele estava decidido e nada o afastaria de sua decisão. A tentativa de Sollozzo na noite passada fora o último cartucho. Não podia haver mais qualquer possibilidade de trégua (Puzo, p.144).

O narrador interior nos informa que *Michael sente dor e se serviu de um pouco de uísque* (Puzo, p.144), esperando que isso amortecesse a dor da mandíbula costurada com fio metálico.

Sonny informa que receberam um telefonema da parte de Sollozzo e que ele quer uma reunião. Sonny nos mostra sua revolta, reforçando o clima de vingança:

— Que ousadia desse filho da puta! - disse ele admirado. — Depois que ele deu azar ontem à noite quer uma reunião hoje ou amanhã. Enquanto isso, pensa que vamos esperar e receber o que ele quiser dar. Que audácia incrível! (Puzo, p144).

Hagen pergunta o que Sonny respondeu, e Sonny responde com sarcasmo, dizendo que tem muitos homens na rua, durante dia e noite prontos para matar Sollozzo. Hagen quer saber se houve uma proposta concreta? Sonny responde que sim, que ele quer se encontrar com Michael, num lugar secreto e garantiu que não haverá perigo, e o acordo é bom, que não dá para rejeitar. Aqui nós leitores até sentimos que Sollozzo busca realmente um acordo em que ambas as partes saiam lucrando, mas os narradores logo abrem nossos olhos para o que realmente significa essa oferta.

Hagen questiona o que será feito a respeito de Bruno Tattaglia que foi morto na noite anterior pela *Família* Corleone? No livro essa informação é dada por Hagen, no carro, quando estão vindo do hospital.

Sonny, explica que será esquecido esse fato devido a tentativa de assassinato contra seu pai. Ainda aqui Sonny se mantém firme na determinação de vingança, apesar de Hagen pedir para ouvir o que Sollozzo tem a dizer:

Sonny balançou a cabeça de um lado para outro.

— *Não, não consiglioni, não desta vez... — Nada mais de reuniões. Nada mais de discussões. Nada mais de truques de Sollozzo. Quando o intermediário entrar em contato conosco outra vez para ouvir a nossa resposta, quero que você lhe dê um recado. Quero Sollozzo. Senão, haverá uma guerra total. Iremos para os colchões, poremos todos os nossos homens na rua. Os negócios vão ter que sofrer as consequências* (Puzo, p. 145).

Hagen contrapõe, e os dois iniciam uma discussão:

— *Devemos ouvir o que eles têm a dizer... As outras Famílias não tolerarão uma guerra total... Isso esquentaria todo mundo* (Puzo, p. 145).

Nesse instante o leitor fica apreensivo. Os narradores não estão se entendendo, a guerra parece inevitável.

Sonny continua intransigente. Hagen pensa por um instante e fala calmamente para Sonny:

— *Falei com o seu contato no distrito policial. Ele diz que o Capitão McCluskey está decididamente na lista de pagamento de Sollozzo e recebendo uma bolada alta. Não só isso; McCluskey também vai receber dinheiro por conta do negócio de entorpecentes. McCluskey concordou em ser guarda-costas de Sollozzo. O Turco não vai por a cabeça fora da toca sem a proteção de McCluskey. Quando ele encontrar Mike para a entrevista, McCluskey estará sentado ao lado dele. À paisana, mas portando seu revólver. Agora o que você precisa compreender, Sonny, é que enquanto Sollozzo estiver protegido dessa maneira ele será invulnerável. Ninguém até hoje abateu um capitão de polícia de Nova Iorque sem que deixasse de pagar por isso. O ambiente para nós nessa cidade ficaria insuportável, com jornais, o departamento de polícia inteiro, as igrejas, tudo. Isso seria um desastre completo. As Famílias viriam em cima de você. A Família Corleone estaria condenada. Até a proteção política do velho desapareceria. Assim, leve tudo isso em conta* (Puzo, p. 145).

Nesse clima tenso, recebemos ainda outra informação do narrador em terceira pessoa:

Tessio e Clemenza estavam tirando baforadas de seus charutos tranquilamente, (e do narrador interior) não se atrevendo a falar, mas suando. Era a pele deles que corria maior perigo, se fosse tomada a decisão errada (Puzo, p. 146).

Michael quebra o silêncio. Pergunta se é possível trazer o pai para casa?

Hagen diz que não é possível devido aos ferimentos que são graves. Essa resposta faz com que Michael exponha sua opinião:

— *Então é preciso liquidar Sollozzo imediatamente – atalhou Michael. – Não podemos esperar. O tipo é muito perigoso. Daqui a pouco ele vem com uma idéia nova. Lembre-se, o importante para ele é se livrar do velho. Ele sabe disso, mas sabe que agora é muito difícil, assim, está querendo aceitar a derrota em troca de sua vida. Mas se ele vai ser assassinado de qualquer modo, tentará matar novamente Dom Corleone. E, com o seu capitão da polícia ajudando-o, quem sabe que diabo pode acontecer? Não podemos correr esse risco. Temos de liquidar Sollozzo imediatamente* (Puzo, p. 146).

Hagen e Sonny concordaram com o argumento de Michael, mas e quanto ao capitão McCluskey, o que fazer?

— *Está bem, é uma coisa extrema. Mas há ocasiões em que as medidas mais extremas são justificáveis. Vamos pensar então que teremos que matar McCluskey. O meio de fazê-lo seria conseguir que ele ficasse tão implicado nisso que não fosse um honesto capitão de polícia cumprindo o seu dever, mas um policial corrupto metido com bandidos que acabou por merecer o que lhe aconteceu, como teria acontecido a qualquer sujeito safado. Temos gente da imprensa na nossa lista de pagamento a quem podemos dar essa história com provas bastantes para que os jornais divulguem a notícia detalhadamente. Isso abrandaria as coisas. Que parece isso?* (Puzo, p. 147).

Sonny, meio que sorrindo pede que continue:

— *Bem, eles querem que eu vá a uma entrevista com Sollozzo. Seremos eu, Sollozzo e McCluskey por nossa própria conta. Combinem a reunião para daqui a dois dias, depois procurem fazer os nossos informantes descobrir onde a mesma será realizada. Insistam em que deverá ser um lugar público, pois não vou permitir que me levem para apartamentos ou casas. Poderá ser um restaurante ou um bar em plena hora do jantar, ou algo parecido, de forma que eu me sinta seguro. Eles se sentirão seguros também. Nem Sollozzo imaginará que nos atreveremos a atirar no capitão. Eles me revistarão quando eu encontrá-los, assim terei de estar desarmado, mas inventem um meio de me passar uma arma enquanto eu estiver com eles. Então, liquidarei os dois* (Puzo, p. 147).

Sonny deu início a altas gargalhadas, ao mesmo tempo, criticou as atitudes de Michael em relação aos negócios da *Família* até aquele momento. Afirma que Michael está levando a coisa para o lado pessoal porque foi agredido pelo capitão.

Clemenza e Tessio também estavam rindo largamente. Hagen se manteve sério. Sonny continuou a criticar Michael quanto às consequências deste ato, não só perante a Lei, mas psicológicas, será que Michael sabe o que é matar alguém nestas condições?

Neste momento o narrador em terceira pessoa nos mostra um pouco do temperamento de Michael quando falou que era melhor Sonny parar de rir:

A transformação que Michael sofreu foi tão extraordinária que os sorrisos desapareceram dos rostos de Clemenza e Tessio. Michael não era alto nem de constituição robusta, mas a sua presença parecia irradiar perigo. Nesse momento, ele era a reencarnação do próprio Dom Corleone. Seus olhos adquiriram um tom castanho pálido e seu rosto estava completamente branco. Parecia estar disposto a se atirar a qualquer momento sobre o irmão mais velho e mais forte. Não havia dúvida de que, se ele tivesse uma arma na mão, Sonny estaria em perigo; Sonny parou de rir, e Michael perguntou-lhe numa voz extremamente fria

– Você pensa que não sou capaz de fazê-lo, seu sacana? (Puzo, p. 148).

Aqui o narrador em terceira pessoa anuncia o destino de Michael, nos preparando para o que está por vir no final. Vejamos a sequência dessa alusão:

Sonny havia conseguido dominar o ataque de riso.

— Sei que você é capaz de fazê-lo — respondeu ele. — Eu não estava debochando do que você disse. Estava apenas rindo por ver como as coisas se tornam engraçadas. Eu sempre disse que você era o mais duro da família, mais duro do que o próprio velho. Você era o único que podia agüentar papai. Eu me lembro quando você era criança. Que gênio você tinha então. Diabo, você até gostava de brigar comigo, que era muito mais velho do que você. E Freddie tinha de lhe agüentar a fúria pelo menos uma vez por semana. E agora Sollozzo pensa que você é o moleirão da Família porque você apanhou de McCluskey sem revidar e não quer se meter nas brigas da Família. Ele acha que não precisa se preocupar, se o encontrar frente a frente. E McCluskey também, ele pensa que você é um carcamano frouxo.

Sonny fez uma pausa e depois continuou brandamente.

— Mas, afinal de contas, você é um Corleone, seu sacana. E eu era o único que sabia disso. Estou aqui sentado a três dias, desde que o velho foi baleado, esperando que você tire essa máscara cagada de bom moço, de herói de guerra, que você estava usando. Estou aqui esperando que você se torne meu braço direito para que a gente possa liquidar esses patifes que estão procurando destruir nosso pai e nossa família. E foi preciso apenas um murro na cara. Que tal lhe parece isso? — Sonny fez um gesto cômico com a mão, e repetiu: — Que lhe parece isso?

A tensão baixou imediatamente na sala. Mike balançou a cabeça (Puzo, p. 148 – 149).

Michael explica a Sonny que está fazendo isso porque é a única coisa que está a seu alcance. Caso contrário existe a possibilidade de Dom Corleone ser atacado novamente. Sonny diz estar feliz por ele estar com eles nisso, não importa seus motivos. Hagen concorda com o argumento de Michael, mas preferia que fosse outra pessoa a executar o serviço. No entanto não existe essa pessoa. Sollozzo não confiaria em mais ninguém. Assim, Sonny apoia a decisão de Michael e pede que seja descoberto o local da reunião, que seja colocada uma arma para Michael no local, e que esta arma não deixe impressões digitais. Também pede que Michael treine com a arma junto com Clemenza e após cometer o crime deixar a arma cair no chão. Depois disso será levado para algum lugar por tempo indeterminado. Lembrou a Mike de não entrar em contato com Kay.

Nós leitores ficamos apreensivos. Mas o narrador interior nos dá uma informação curiosa a respeito de Michael, após tudo estar combinado:

Outra vez, Michael Corleone sentiu aquele delicioso frio refrescante percorrer-lhe todo o corpo (Puzo, p. 151).

Michael ainda argumenta com Sonny a respeito de não falar com Kay. Os narradores aqui nos mostram que o que Sonny quis lembrar ao Michael é que essa seria uma atitude imprudente. Percebemos que Michael sabe da importância da discrição e silêncio nesses casos, afinal ele é um Corleone e prestou tanta atenção no seu pai quanto Sonny. Sonny brinca com ele que ele é caipira no negócio. Os dois dão risada e se abraçam. Hagen fica um pouco taciturno. Sabe que Dom Corleone seria contra isso. Em parte posterior Dom Corleone revelará a Michael qual era seu verdadeiro desejo quanto ao futuro do filho.

No filme aparecerá a frente da casa de Dom Corleone fortemente vigiada. O carro chega e guardas permitem que entre. Michael e Clemenza saem do carro. Aqui já sentimos o clima de guerra. Dois homens, no andar superior, armados com escopeta os observam saindo do carro. Michael sai do carro e fecha a porta.

Tessio vem saindo da casa ao encontro deles para cumprimentá-los. Essa é uma das mudanças feitas pelo roteiro, no livro eles o encontram dentro do escritório.

Clemenza pergunta porque tanta gente? Tessio responde que Sonny ficou furioso com o que aconteceu no hospital.

Tessio revela que liquidaram Bruno Tattaglia às quatro da manhã. Difere do livro, onde quem revela essa informação é Hagen no carro, durante a vinda para este local. Copolla vai reforçando a sensação de clima de guerra quando Clemenza fala:

– Isto parece uma Fortaleza!

Aqui vai começando um novo fluxo de tensão que vai culminar com a morte de Sollozzo.

Em seguida aparece Sonny sorridente dentro do escritório falando para Hagen que tem cem homens na rua vinte e quatro horas por dia para pegar Sollozzo. Depois olha para Michael e olha o seu queixo, dizendo que está lindo. Se vira para Hagen e diz que o Turco quer conversar, que quer um encontro hoje. Hagen pergunta o que o Turco disse. Sonny diz que Sollozzo pediu para mandarem o Michael e que fará uma boa proposta. Percebemos que Sonny está irritado, chama o Turco de canalha. Hagen pergunta a respeito de Bruno Tattaglia e Sonny responde que fica pelo que fizeram com seu pai. Hagen fala para ouvirem a proposta. Sonny eleva a voz e discorda veemente. Não quer mais encontros, nem ciladas de Sollozzo, quer Sollozzo ou guerra total. Hagen responde no mesmo tom que as outras famílias não querem guerra. Os dois discutem um pouco. Hagen lembra que não é coisa pessoal, que é negócio. Sonny diz que atiraram no seu pai. Hagen responde que até isso foi questão de negócio. Sonny responde que então o negócio já era, para Hagen não lhe dar conselhos de paz, para ajudá-lo a vencer. Os dois se dirigem à mesa do escritório, Hagen, então, mais calmo, explica as consequências de uma decisão errada. Ele se informou sobre o capitão McCluskey e soube que ele recebe dinheiro de Sollozzo, muito dinheiro, que ele é guarda-costas do Turco. Para Sonny compreender que com essa proteção, Sollozzo é invulnerável. Ninguém matou um capitão da polícia de Nova York. As cinco Famílias ficariam contra Sonny. A *Família Ficara* no ostracismo e até a proteção política os desertaria. Sonny fica pensativo por alguns instantes e Hagen pede que ele pense nisso. Sonny diz então que vão esperar. Mas Michael argumenta que não podem esperar, negócio ou não, Sollozzo quer matar Dom Corleone, eles têm que matar Sollozzo. Hagen concorda

com Michael. Sonny pergunta o que farão com McCluskey. Michael diz que se eles querem um encontro com ele, que arranjem o encontro, que descubram onde será e que seja um lugar público onde haja gente para sua proteção e se Clemenza colocar uma arma para ele lá, ele os matará. Sonny, Clemenza e Tessio começam a sorrir alto, Hagen fica sério. Sonny se aproxima de Michael e critica-o, dizendo que ele era o universitário que não queria saber dos negócios e agora quer matar um capitão porque o esbofeteou, passa a mão no queixo de Michael (no livro isso não acontece), fala que no exército se matava de longe. Mike fica olhando para Sonny. Sonny continua falando que neste negócio se atira de perto e os miolos sujam o terno, que Michael considera caso pessoal. Michael discorda com a cabeça e então questiona:

– *Não se mata um policial?*

Hagen fala:

– *Vamos lá Michael!*

Michael continua:

— *Um policial que mexe com drogas. Um policial desonesto que se uniu à quadrilha e merece uma bala!*

Hagen ouve atentamente. Michael pergunta se os jornais estão com eles? Se eles gostariam desse furo? Vira-se para Sonny e diz que não é pessoal, que é puro negócio.

Nessa parte a câmera é que cria todo um clima de apreensão, de preparo para mais um crescimento de tensão, com a valorização dos diálogos, iluminação, expressões em close e ausência de sons instrumentais, valorizando-se mais sons naturais como espalmar a mesa, falar em voz alta, passos, voz de Michael. Valoriza-se a face de quem ouve tanto quanto a face de quem fala nos diálogos.

Assassinato de Sollozzo:

Michael vai ao encontro de Sollozzo em frente ao restaurante Dempsey. Conforme combinado, Michael seria apanhado ali e levado para um restaurante público que não oferecesse perigo para sua pessoa. Michael olha no relógio e verifica que faltam cinco minutos para às oito horas. Ele chegou uns vinte minutos antes das oito. O narrador em terceira pessoa vai nos informando, nos localizando, nos envolvendo no clima da situação. O narrador interior nos revela os pensamentos de Michael:

Durante a viagem de Long Beach para a cidade, Michael procurara esquecer o que dissera a Hagen. Pois, se ele acreditasse no que dissera, então a sua vida estaria colocada num curso irrevogável. Contudo, poderia ser diferente depois daquela noite? Ele seria assassinado depois daquela noite, se não parasse toda aquela besteira, Michael pensou melancolicamente. Tinha de manter toda a atenção no trabalho que ia executar. Sollozzo não era idiota e McCluskey era um sujeito duro. Sentiu a dor na sua mandíbula presa com fio metálico e ficou satisfeito, pois ela o faria ficar alerta (Puzo, p. 163).

O que Michael dissera para Hagen é que tudo é pessoal, que o que estava fazendo era pessoal sim, que aprendera isso com Dom Corleone. Hagen respondeu que uma coisa ele não aprendeu com Dom Corleone: a não falar dessa maneira, que algumas coisas fazemos porque temos de fazer e não mais falamos nela.

A Broadway não estava muito movimentada naquela noite fria de inverno. Um carro preto comprido parou em frente a Michael e o motorista abriu a porta da frente pedindo-lhe para entrar. O narrador em terceira pessoa nos informa sobre o movimento da rua, a descrição do carro, a descrição do motorista: um rapaz de cabelo preto glostorado e camisa esporte que Michael não conhecia. O capitão McCluskey e Sollozzo estavam no banco de trás. Sollozzo aperta a mão de Michael, diz que está contente porque Michael veio e que espera que possam acertar as coisas, pois tudo o que aconteceu foi horrível e nunca deveria ter acontecido. Michael respondeu que esperava poderem acertar tudo nesta noite pois não queria que aborrecessem seu pai novamente. Sollozzo respondeu que isso não aconteceria novamente e esperava que Michael fosse mais compreensível que Sonny, pois

considerava Sonny muito esquentado, não dando para tratar de negócios com ele. O capitão McCluskey interrompeu a conversa entre Michael e Sollozzo dizendo que Michael era um bom menino, deu-lhe uma palmadinha no ombro e foi se desculpando, lamentando que o que aconteceu é porque ele já está ficando muito velho e rabugento para o trabalho que faz, que ia se aposentar muito cedo, que o dia inteiro tinha de suportar contrariedades. Depois fez uma revista em Michael para averiguar se não estava portando arma.

O narrador interior nos informa que *Michael percebeu um leve sorriso nos lábios do motorista* (Puzo, p. 164). O narrador em terceira pessoa informa que o carro vai se dirigindo para oeste, na direção da estrada West Side, aumentando e diminuindo a velocidade, toma o caminho para a Ponte George Washington, para New Jersey. O narrador interior nos informa que Michael fica consternado e, completa:

Quem quer que tivesse fornecido a Sonny a informação sobre o lugar em que se realizaria a reunião tinha dado uma informação errada (Puzo, p. 164).

O leitor também fica consternado. O que Michael vai fazer agora ? O plano foi por água abaixo. O carro continuou na ponte se afastando de Nova Iorque. Michael ficou impassível e preocupado:

Iriam eles atirá-lo nos pântanos ou era apenas uma modificação de última hora do lugar da reunião feita pelo astuto Sollozzo? (Puzo, p. 164)

Mas no final da ponte, o motorista fez uma manobra violenta, e tomou o outro lado, no sentido oposto, fazendo o automóvel pular. McCluskey e Sollozzo olharam para trás para ver se alguém fazia a mesma manobra, mas ninguém a repetiu. Voltaram para o Bronx em Nova Iorque. Era próximo das nove horas, ninguém os seguiu com certeza. Sollozzo acendeu um cigarro, oferecendo para Michael e McCluskey, que recusaram, e elogiou o trabalho do motorista, dizendo que não ia esquecer isso. Dez minutos depois chegavam ao restaurante numa zona italiana. Devido ao horário as ruas estavam vazias e havia poucas pessoas no restaurante.

Michael teve receio de que o motorista entrasse com eles no restaurante, porém ele ficou no carro. O intermediário não mencionara o motorista, ninguém o mencionara. Tecnicamente, Sollozzo infringira o acordo trazendo-o consigo. Mas Michael resolveu não falar no assunto, sabendo que pensariam que ele estava com medo de falar nisso para estragar as possibilidades de êxito das negociações (Puzo, p. 165).

O narrador interior nos mostra o quanto Michael entendia da psicologia dos negócios, e o quanto isso contribui para o êxito de seu plano.

O narrador em terceira pessoa detalha que os três sentaram na única mesa redonda existente no restaurante e Sollozzo se recusara a sentar em local reservado. Havia só mais duas pessoas no restaurante.

Michael pensou que talvez fossem homens de Sollozzo. Mas não importava. Antes que eles pudessem intervir, estaria tudo terminado (Puzo, p. 165).

McCluskey perguntou se a comida italiana ali era boa. Sollozzo, confirmou que sim e falou para ele experimentar a vitela. O garçom trouxe uma garrafa de vinho e serviu os três, mas McCluskey não bebeu, declarando que devia ser o único escocês que não bebia e que conhecera muita gente boa que se meteu em complicação por causa de bebida. Sollozzo informa ao capitão que irão falar em italiano para poder se explicar melhor e mostrar que está bem intencionado e que não é falta de confiança. McCluskey ironicamente responde que podem conversar a vontade que ele vai se concentrar na vitela com espaguete. Sollozzo então começa a falar em siciliano para Michael explicando que o que aconteceu entre ele e Dom Corleone foi questão de negócios, que ele tem grande respeito por Dom Corleone e gostaria de ter a oportunidade de trabalhar para ele, mas Dom Corleone é um homem antiquado, que atrapalha a marcha do progresso, que o negócio das drogas é que vai ser o grande negócio do futuro. Mas Dom Corleone atrapalha o negócio com os seus escrúpulos fictícios, querendo impor a sua vontade sobre homens como ele, dizendo para meter os peitos, que é o seu negócio, mas sabendo que um teria de pisar no calo do outro. Sollozzo diz que isso é um argumento artificial, que o que realmente Dom Corleone queria dizer é que não podia trabalhar com o negócio de drogas. Assim, sendo ele como homem que respeita a si mesmo, que não podia deixar que outro homem impusesse a sua vontade, aconteceu o que tinha de acontecer e com apoio das outras *Famílias* de Nova Iorque. A *Família* Tattaglia se tornara seus sócios, e se a

briga continuar a *Família* Corleone vai ficar sozinha contra todos. Se talvez Dom Corleone estivesse bem, um acordo pudesse ser feito, pois Sonny não era igual ao pai, sem querer desrespeitar, e Hagen não é homem igual a Genco o antigo consigliere. Assim Sollozzo propunha paz, uma trégua, cessar todas as hostilidades até que Dom Corleone possa assumir as negociações. A *Família* Tattaglia, graças às suas persuasões e indenizações concorda em não exigir justiça por Bruno. Haverá paz e enquanto isso Sollozzo continuaria com seu negócio para ganhar a vida, sem a colaboração dos Corleone e sem intromissões. Eis a sua proposta e quis saber se Michael tinha autoridade para fazer um trato.

Michael quis saber como Sollozzo pretendia começar o negócio e que papel sua *Família* desempenharia nele, qual o lucro? Sollozzo pergunta se ele quer toda a proposta detalhadamente? Michael responde que o mais importante é ter garantias de que não se farão novos atentados contra Dom Corleone. Sollozzo levantou a mão retrucando quais as garantias que poderia dar? Ele é que era o perseguido, que tinha perdido sua oportunidade, que Michael fazia juízo alto dele, que não era tão esperto assim. Baseado nas respostas de Sollozzo o narrador interior nos informa então:

Michael tinha agora a certeza de que a entrevista era apenas para ganhar alguns dias. Que Sollozzo faria outra tentativa para matar Dom Corleone. Bonito era que o Turco o havia subestimado como um menino inofensivo. Michael sentiu aquele delicioso e esquisito frio percorrer-lhe o corpo. Fez o seu rosto denotar a aflição (Puzo, p. 167).

O narrador interior aqui consegue o apoio do leitor para o ato violento que está por vir. Na verdade nunca saberemos se o que Sollozzo estava falando era sincero ou não.

Sollozzo lhe pergunta o que é que há? Michael lhe responde que o vinho desceu direto para a bexiga e que ele estava necessitando ir ao banheiro. Sollozzo desconfiado encarou-o e estendeu a mão apalpando-lhe a virilha, procurando uma arma. Michael demonstrou-se ofendido. McCluskey disse então que já o tinha revistado, que já revistou milhares de pessoas e que ele está desarmado. O narrador interior, agora em Sollozzo, nos informa que ele não gostou disso. Sollozzo olhou para o homem que estava na mesa em frente à deles e levantou as sobrancelhas no sentido do banheiro. O homem acenou com a cabeça que estava tudo certo no

banheiro, já fora revistado e não havia ninguém. Sollozzo então pediu para Michael não demorar muito. Ele estava visivelmente nervoso. Michael levantou-se e foi para o banheiro. Michael realmente estava precisando e esvaziou os intestinos rapidamente. Então procurou atrás da caixa de descarga esmaltadas até que sua mão tocou na arma.

Desamarrou a arma, lembrando-se que Clemenza dissera para não se preocupar em deixar as impressões digitais na fita (Puzo, p. 168).

Pôs a arma na cintura, abotoou o paletó, lavou as mãos, molhou o cabelo, apagou as impressões digitais da torneira com um lenço, depois saiu. Sollozzo estava sentado de frente para a porta do banheiro e ficou olhando para Michael. Michael deu um sorriso e disse que agora podia falar, visivelmente aliviado. O capitão McCluskey estava comendo a vitela e o homem da outra mesa, que estava nervosamente atento, agora também parecia se tranquilizar.

Michael sentou-se, lembrou-se de que Clemenza aconselhara a não fazer aquilo, que saísse da privada e atirasse. Mas, ou devido a algum instinto de advertência, ou por simples medo, ele não fez assim. Percebera que se tivesse feito um movimento rápido teria sido morto. Agora se achava mais seguro e devia estar apavorado, pois se sentia contente por não estar mais em pé. Suas pernas estavam fracas e trêmulas (Puzo, p. 168).

Sollozzo estava inclinado na direção de Michael, enquanto este desabotoando o paletó demonstra estar ouvindo atentamente,

...embora não conseguisse entender uma palavra do que o outro dizia. Aquilo era um palavreado vazio para ele. Sua mente estava povoada de sangue martelante, que nenhuma palavra registrava. Por baixo da mesa, sua mão direita moveu-se na direção da arma metida na sua cintura, retirando-a de lá e deixando-a livre (Puzo, p. 169).

O garçom se aproximou para saber o que eles iriam comer. Enquanto Sollozzo se virou para atendê-lo, Michael empurrou a mesa para longe de si com a mão esquerda e mirando com a arma na cabeça de Sollozzo atirou, não dando tempo de Sollozzo se esquivar completamente. A bala atingiu entre o olho e o ouvido atravessando o crânio de Sollozzo. Michael teve certeza que uma bala foi o bastante,

enquanto Sollozzo virava a cabeça e Michael via a vida se extinguir dos seus olhos. Imediatamente apontou a arma para McCluskey que estava olhando para Sollozzo surpreso, como se isto não tivesse nada a ver com ele, não parecia perceber o perigo, e enquanto estava com o garfo em sua mão suspenso espetando um pedaço de vitela, e seus olhos olharam para Michael, denunciando uma expressão de afronta presunçosa, como se esperasse que Michael se entregasse ou fugisse, viu o sorriso no rosto de Michael quando este aperta o gatilho, liberando um tiro que atingiu McCluskey na garganta. Este começou a se engasgar nervosamente, o ar se encheu com uma névoa de sangue vaporizado saindo dos pulmões arrebatados, quando McCluskey tossia. Michael então mirou com mais precisão no alto do crânio de McCluskey, e com muita frieza disparou. No ar uma presença de névoa cor de rosa. Michael virou-se para o homem de Sollozzo na parede e este não fez um único movimento sequer, estava paralisado e cautelosamente mostrava estar com as mãos em cima da mesa e olhava para longe. O garçom, horrorizado, voltou cambaleante para a cozinha, olhando fixamente para Michael. A visão que se tinha neste momento era de Sollozzo na cadeira apoiado na mesa e McCluskey com o corpo caído no chão. Michael deixou a arma cair de sua mão discretamente, sem fazer barulho, percebendo que nem o garçom, nem o homem de Sollozzo se deram conta disso. Se dirigiu para a porta e abriu-a. Lá fora estava o carro de Sollozzo, porém o motorista não estava a vista. Michael então foi para a esquerda e virando a esquina encontrou o sedam amassado que acendeu os faróis e se dirigiu para ele, entrou rapidamente e o carro arrancou, era Tessio que estava dirigindo, feições sérias. Tessio perguntou se Michael fez o serviço em Sollozzo.

Naquele momento, Michael ficou impressionado com a linguagem que Tessio usara. Isso era sempre usado em sentido sexual, fazer o serviço numa mulher significa seduzi-la. Era curioso que Tessio a usasse agora (Puzo, p. 170).

Michael respondeu que fez nos dois. Tessio questiona se tem certeza e Michael diz que viu os miolos dele. Havia uma roupa no carro para que Michael se trocasse e vinte minutos depois estava num navio cargueiro italiano com destino à Sicília.

Duas horas depois o cargueiro zarpou e de seu beliche Michael ficou vendo as luzes de Nova Iorque ardendo como o fogo do inferno. Ele teve uma enorme sensação de alívio. Estava fora da jogada agora. Já sentira isso uma vez, lembrava-se de ter sido tirado da praia de uma ilha que os fuzileiros navais haviam invadido. A batalha prosseguia ainda, mas ele recebera um ferimento leve e estava sendo transportado para um navio-hospital. Sentira então o mesmo alívio esmagador que sentia agora. O inferno todo desabaria, mas ele não estaria lá (Puzo, p. 170).

No dia seguinte os capitães e tenentes da polícia avisaram para todas as *Famílias* que não haveria mais jogo, prostituição ou tratos de espécie alguma enquanto não fosse apanhado o assassino de McCluskey. Batidas policiais começaram por toda a cidade, não havendo condições de se manter qualquer atividade ilegal na cidade. As outras *Famílias* perguntavam se a *Família* Corleone estava preparada para entregar o assassino e receberam como resposta que nada tinha a ver com esse assassinato. Nesta noite uma bomba foi atirada de um carro, na alameda da família Corleone e dois capangas da *Família* Corleone foram assassinados num restaurante durante o jantar. Se iniciava a Guerra das Cinco *Famílias* de 1946.

No filme a cena se inicia com Mike em frente do restaurante Dempseys. Percebemos que ele chegou antes, tal como no livro e Coppolla aproveita para criar em nós uma apreensão colocando uma música de suspense. Temos o movimento de pessoas na rua. O narrador câmera vai nos aproximando de Michael até meio corpo. Um carro chega, a porta se abre e Michael entra, depois o carro se afasta. Vemos Michael dentro do carro. Uma mão bate em seu ombro, é Sollozzo no banco traseiro na obscuridão. Diz que está feliz pelo encontro e que espera que dê tudo certo. A câmera mostra McCluskey no banco traseiro enquanto Sollozzo lamenta o ocorrido e diz que não deveria ter acontecido. Numa sequência de cortes que criam um ritmo de desconfiança Michael responde que resolve tudo naquela noite para não tornarem a amolar seu pai. Sollozzo responde que Dom Corleone não será importunado, mas pede que Michael seja razoável com eles, que não seja como Sonny que não se pode tratar. McCluskey interrompe a conversa dizendo que Mike é bom rapaz, dando-lhe um tapinha nas costas. Michael olha para a mão de McCluskey

e este diz que lamenta o ocorrido entre eles e que terá de revistar Michael, que fique de joelhos voltado para ele, que ele está ficando velho para o cargo, que é rabugento e irrita-se facilmente, se Michael compreende? Enquanto Michael se vira e é revistado, a câmera mostra Sollozzo observando-os. McCluskey se ajeita no banco traseiro e afirma que Michael está desarmado. A câmera mantém o clima de desconfiança mostrando Sollozzo observando. Michael se ajeita, coloca o chapéu. Numa sequência de cortes vemos o carro passando na rua e entrando numa ponte, o motorista dirigindo, a rua sobre ponte iluminada, Michael observando, carro passando por placa de sinalização para New Jersey. Michael então pergunta se vão para New Jersey. Nesta parte do livro o autor interior havia revelado que Michael concluiu que a informação do local do encontro estava errada e começa a pensar que talvez será assassinado. No livro Michael não questiona para onde estão indo. Coppolla ao colocar esta pergunta de Michael nos dá a mesma impressão de receio. Sollozzo responde que talvez. Em cortes e closes posteriores sentimos um certo temor pela vida de Michael. A câmera mostra Michael sério, McCluskey sério, o motorista olhando no retrovisor interno, e então em plano geral o carro em que estavam ultrapassa outro carro pela direita e de repente faz uma manobra violenta passando sobre o canteiro e tomando a pista de sentido oposto provocando freadas e buzinas dos outros carros da pista. Vemos os ocupantes do carro sendo sacudidos durante a manobra e Michael surpreso.

Sollozzo parabeniza o motorista. Percebemos Michael se tranquilizando. Aqui percebemos então o que estava incomodando Michael, ou seja, eles estavam indo numa direção diferente do local informado. No cinema as cenas posteriores é que explicam as anteriores, você entende o que está acontecendo nas cenas subsequentes. No livro de Puzo você recebe informações que permitem entender o que está acontecendo durante o próprio acontecimento.

Vemos então o carro na rua cantando pneus e fazendo uma ultrapassagem, depois o carro chegando e estacionando em frente ao restaurante Louis. Vemos Michael aliviado. Claramente Coppolla explora a apreensão de mudança do local de encontro agora através do alívio visível nos closes em Michael.

Em seguida vemos o carro estacionado e os passageiros saindo, em frente ao restaurante Louis. Temos então uma vista ampla interna do restaurante e Sollozzo, Michael e McCluskey já sentados. Vemos muitas mesas vazias. Observamos aqui que existem outras mesas redondas, quando no livro Puzo afirma

que se sentaram na única mesa redonda. A partir desse momento Coppolla usa o garçom como instrumento de suspense. Isso é muito interessante.

Vemos Sollozzo sentado e o garçom se aproximando. Novamente Coppolla utiliza-se de muitos cortes para criar um ritmo de apreensão. Enquanto o garçom chega até a mesa e vai abrindo o vinho com o saca-rolha o narrador câmera faz um corte de Sollozzo para Michael, mas o interessante é o olhar de Sollozzo para o garçom. É como se o garçom estivesse atrapalhando. McCluskey pergunta que tal a comida italiana? E Sollozzo responde que é ótima, para ele provar a vitela. McCluskey diz que provará. O tempo enquanto o garçom retira a rolha da garrafa é muito rico em jogos de imagem fortalecendo o clima de desconfiança. Assim vemos Sollozzo incomodado com a presença do garçom, Michael observando Sollozzo, Sollozzo olha para Michael e volta o olhar para o garçom como que pedindo para ele ir embora dali. Finalmente o garçom arranca a rolha e começa a servir o vinho. McCluskey retira sua taça antes que o garçom despeje o vinho nela. No livro McCluskey brinca dizendo que talvez seja o único escocês que não bebe, mas aqui este diálogo foi abolido. O garçom enche a primeira taça e Sollozzo passa-a para Michael. O garçom enche a segunda taça e se afasta. Sollozzo então fala para McCluskey que vai falar em italiano com Michael, sem dar nenhuma explicação do porque falar em italiano. No livro ele explica as razões dessa atitude. McCluskey responde que ele pode falar. Sollozzo visivelmente aliviado com o garçom longe dali, curva-se para Michael e começa a falar. Diz que sente muito, sinalizando o queixo de Michael e que o que aconteceu foi questão de negócios. Os cortes continuam, ora mostrando Michael ouvindo Sollozzo, ora mostrando Sollozzo falando. Diz que tem muito respeito por Dom Corleone, mas ele não pensa o mesmo. Não entende que Sollozzo é homem de honra. Michael começa a responder que essas coisas... Faz então uma pausa. Sollozzo pergunta o que foi? E novamente o garçom se aproxima e Sollozzo olha para ele e se cala. Cortes em close de Michael. Sollozzo incomodado. Garçom se afasta e Sollozzo inicia a conversa novamente dizendo que ajudou o Tattaglia. Neste momento um homem passa rente à mesa. Há um corte e temos uma visão do salão e vemos o homem indo para o balcão. É o barman. Ouvimos a voz de Sollozzo dizendo que acha que poderiam fazer um acordo. Temos cortes em Sollozzo falando, depois em Michael ouvindo. Ouve-se Sollozzo dizendo para esquecer tudo isto. Outro close em Sollozzo, close em Michael que responde que o que quer, o que acha importante é ter garantia de que

seu pai ficará tranqüilo. Close em Sollozzo perguntando que garantia pode dar, pois o caçado é ele. Close em Michael ovindo e observando. Sollozzo diz então que julgamos no poderoso demais, que não é, tudo o que quer é uma trégua. Os cortes continuam mostrando ora um, ora outro. Michael diz então que precisa ir ao banheiro. No livro neste momento Michael teve certeza que a intenção de Sollozzo era ganhar um pouco de tempo para fazer novo atentado contra Dom Corleone.

No livro Sollozzo foi muito mais persuasivo, argumentando muito mais que no filme e o narrador interno é que faz o leitor tomar partido de Michael. Já no filme Sollozzo apresenta um argumento pobre levando o espectador a desconfiar dele e apoiar Michael.

Close em Sollozzo, desconfiado. Ouvimos a voz de Michael perguntando para McCluskey se pode ir, que responde que se tem de ir, vá. Close em Michael que se levanta, mas Sollozzo coloca sua mão na barriga de Michael barrando-o, e revista-o. Close em McCluskey que diz que o revistou e ele está desarmado. Vemos então Michael de pé e Sollozzo e McCluskey sentados. Sollozzo pede que não demore muito. Michael então se afasta enquanto McCluskey o observa e completa para Sollozzo que já revistou milhares de pessoas.

No livro Sollozzo revistou Michael enquanto este estava sentado. Também no livro Sollozzo estava de frente para o banheiro e aqui ele está de costas.

Michael entra no banheiro e vai direto até a descarga procurar a arma. As cenas seguem em simultaneidade. Vemos Sollozzo e McCluskey na mesa aguardando. Novamente Michael retirando a arma. Corte e vemos Sollozzo e McCluskey na mesa, aguardando. McCluskey olha para a porta do banheiro. Sollozzo fumando. No livro Sollozzo não fumou. Vemos Michael que vai se retirando do banheiro. Ouvimos barulho de descaga. Michael pára um pouco, põe as mãos na cabeça, ajeita o cabelo e sai. Ouvimos barulho de metrô passando. Vemos Michael de costas que pára olhando para McCluskey e Sollozzo que se viram e olham para ele. O clima de suspense e desconfiança é fortíssimo. A câmera mostra então Michael de frente olhando para Sollozzo e McCluskey. Corte e vemos Michael de costas se aproximando da mesa. Corte e vemos ele chegando à mesa e indo sentar-se. Senta-se e disfarçadamente deixa o paletó aberto. Sollozzo pergunta se está melhor. Michael acena que sim com a cabeça. Close em Sollozzo que inicia a conversa novamente dizendo que Michael o entende, que é italiano como o pai e que seu pai está mal, mas que quando melhorasse conversariam e acertariam tudo, que

isto precisa acabar. Durante essa fala de Sollozzo a câmera focaliza Michael e vai se aproximando em close. O ritmo do filme vai ficando pesado num clima insuportável do que está por vir. Ouvimos então o barulho de metrô novamente e neste instante Michael levanta-se rápido. Sollozzo olha para ele desconfiado. O garçom está chegando na mesa. Vemos Michael apontando uma arma para Sollozzo e atirando. O tiro é certeiro na testa, e Sollozzo pende para trás. Imediatamente vemos McCluskey, surpreso, voltando o olhar de Sollozzo para Michael que aponta a arma para ele. Novo corte em Michael de lado apontando e atirando em McCluskey. O tiro acerta na garganta, o garçom dá um passo para trás. Novamente vemos Michael com a arma na mão apontando para McCluskey. Vemos então McCluskey com as mãos no pescoço, engasgando-se, sendo atingido agora na testa, começa a se contorcer. Vemos Michael com a arma apontada, observando McCluskey se contorcer e cair sobre a mesa. Temos então a vista do salão e as poucas pessoas que lá estavam se afastam enquanto McCluskey cai sobre a mesa. O garçom se afasta para os fundos juntamente com uma mulher e um homem. Corte em Michael se dirigindo para fora rapidamente, deixando cair a arma, desaparece da cena e vemos McCluskey caindo no chão. Corte e vemos Michael saindo do restaurante e correndo para um carro que está passando em frente. Temos um corte voltando a imagem do restaurante e vemos Sollozzo na cadeira e McCluskey caído no chão: mortos. A mesa caída. Corte e fade in em jornais sendo rodados, e uma sequência de imagens se sobrepondo de pessoa atirando pacote de jornais, depois uma manchete: *Policia procura assassino*, depois o Jornal *American* com a manchete: *Pressão sobre as quadrilhas*.

PODEROSO CHEFÃO

Produtor: Albert S. Ruddy

Diretor: Francis Ford Coppola

Roteiro: Francis Ford Coppola e Mario Puzo baseado no livro de
Mario Puzo

Cinematografia: Gordon Willis

Música: Nino Rota

Estúdio: Paramount Pictures

Ano: 1972

SITES

<http://www.decine.gov.br/glos/lente.htm>

<http://www.essaydepot.com/history/europe/mafia.html>

<http://www.estado.com.br/edicao/especial/diretor/coppola.html>

<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/especial/cinema/abrecine.html>

<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/especial/cinema/genero/genero6.html>

http://www.epipoca.com.br/news_zoom.cfm?id=5758

<http://www.filmsound.org/articles/bresson.htm>

<http://members.tripod.com/~corytheboss/families.html>

<http://www.sheridanrealm.com/Movies/>

<http://www.wanteddeadoralive.com/mafia.html>

<http://encarta.msn.com> – © 1997-2000 Microsoft Corporation.

FILMOGRAFIA

COPPOLLA, FRANCIS. O Poderoso Chefão, Paramount, 1972.

COPPOLLA, FRANCIS. O Poderoso Chefão II, Paramount, 1974.

COPPOLLA, FRANCIS. O Poderoso Chefão III, Paramount, 1990.

SCORSESE, MARTIN. Cem Anos de Cinema, Uma viagem Pessoal através do Cinema Norte Americano, A BFI TV Production for Channel 4 in association with Miramax Films, 1995.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. JOSÉ. *A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão*, Pro-posições, Faculdade de Educação – Unicamp, vol.10,nº2 (29)- Julho/1999, p.9-25.

_____. *Cinema - Arte da Memória*, Editora Autores Associados, Campinas-SP, 1999.

_____. *Imagens e Sons: A Nova Cultura Oral*, Cortez Editora, São Paulo, SP, 1994.

Bíblia Sagrada, Novo Testamento, Barsa, 1972

A Bíblia de Jerusalém, Novo Testamento, Edições Paulinas, 1ª edição, 1976, pg.39.

CHION, M. *O Roteiro de Cinema*, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1989.

COUTINHO, LAURA. *Televisão: narrativa político-visual de educação para a massa*. Texto, Laboratório OLHO – FE/Unicamp. 1999.

JAMESON F, *As Marcas do Visível*, Edições Graal, Rio de Janeiro, 1995.

MITOLOGIA, Abril Cultural, Editor Victor Civita, 1973, São Paulo, SP, pg. 22, vol I

MIRANDA, CARLOS E. A. *A Educação da Face – o cinema e as expressões das paixões*, Tese de Doutorado, Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, 2000.

_____. *Uma Educação do Olho: As imagens na Sociedade Urbana, Industrial e de Mercado*, Caderno Cedes, ano XXI, nº 54, Agosto/2001, p.28-40.

- PASOLINI, P.P. *Empirismo Herege*, Cadernos Peninsulares, Ensaio 18, Editora Assírio e Alvim, Lisboa, Edição 152, 1982 – Tradução de Miguel Serras Pereira.
- PUZO, M. *O Chefão*, Coleção Best Books, Ed Nova Cultural, São Paulo, 1986.
- RITTNER, MAURÍCIO. *Compreensão de Cinema*, Coleção Buriti, ao Livro Técnico S/A, Rio de Janeiro, RJ, 1965.
- ROBERTS K, *História do Século 20*, volume 3, Abril Cultural, São Paulo, 1968, pág 1343.
- SCHATZ, THOMAS. *O Gênio do Sistema: a era dos estúdios de Hollywood*, Companhia das Letras, São Paulo, 1991.
- SCORSI, R. A. *Escrita e Imagem d'Á hora da Estrela*, Tese de doutorado, Faculdade de Educação - Unicamp, Campinas, 1999.
- TARKOVSKY, A.A. *Esculpir o Tempo*. 2ª ed., Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998, p.135.
- TAMARU, ÂNGELA H. *Descrição e Movimento*, Tese de Mestrado, Faculdade de Educação - Unicamp, Campinas, 1997.

ANEXO

Michael toma conhecimento do atentado contra o pai.

Narradores Livro • [1] Narrador em Caixa alta: autor 3ª pessoa • [2] Narrador em Caixa alta itálico sublinhado: autor interior. • [3] Narrador em itálico: personagens • [4] Narrador em normal: Michael	Narradores do filme • [1] Narrador em caixa alta: Câmera • [2] Narrador em itálico: personagens • [3] Narrador em normal: Michael
[1] MICHAEL CORLEONE MENTIRA PARA HAGEN. ELE JÁ ESTAVA EM NOVA IORQUE, E TELEFONARA DE UM QUARTO DO HOTEL PENSILVÂNIA A MENOS DE DEZ QUARTEIRÕES DE DISTÂNCIA. QUANDO ELE DESLIGOU, KAY ADAMS JOGOU FORA O SEU CIGARRO E DISSE: [3] - <i>Mike, que mentiroso você é.</i> [1] MICHAEL SENTOU-SE AO LADO DELA NA CAMA. [4] - Tudo por você, querida: se eu dissesse à minha família que nós estávamos na cidade, teríamos de ir diretamente para lá. Então não poderíamos sair para jantar, não poderíamos ir ao teatro e não poderíamos dormir juntos esta noite. Não na casa do meu pai, enquanto não somos casados. [1] <u>ELE PASSOU OS BRAÇOS EM VOLTA DA MOÇA E A BEIJOU DELICADAMENTE NOS LÁBIOS. [2] A SUA BOCA ERA DOCE. [1] E ELE DELICADAMENTE FÊ-LA DEITAR-SE NA CAMA. KAY FECHOU OS OLHOS, ESPERANDO QUE MICHAEL LHE FIZESSE AMOR, E [2] ELE SENTIU UMA FELICIDADE ENORME. PASSARA OS ANOS DE GUERRA LUTANDO NO PACÍFICO, E NAQUELAS ILHAS MALDITAS HAVIA SONHADO COM UMA GAROTA COMO KAY ADAMS. COM UMA BELEZA IGUAL À DELA. UM CORPO FRÁGIL E BONITO, BRANCO COMO LEITE, E ELETRIZADO PELA PAIXÃO. [1] ELA ABRIU OS OLHOS E DEPOIS PUXOU A CABEÇA DELE PARA BEIJÁ-LA. AMARAM-SE, ATÉ CHEGAR A HORA DO JANTAR E DE IR PARA O TEATRO. DEPOIS DO JANTAR, PASSARAM PELOS GRANDES MAGAZINES PROFUSAMENTE ILUMINADOS, CHEIOS DE FREGUESES QUE FAZIAM AS SUAS COMPRAS, E MICHAEL PERGUNTOU:</u> [4] Que é que vou comprar para você como	[1] É NOITE. CENA EXTERNA DO RADIO CITY MUSIC HALL. (CORTE) MICHAEL E KAY VEM VINDO PELA CALÇADA DO “MUSIC HALL”. OUVIMOS A MÚSICA “THE BELLS OF ST. MARY’S” AO FUNDO. [2] KAY: - <i>Mike, gostaria mais de mim se eu fosse freira?</i> [3] MICHAEL (após pensar um pouco): - Não. [2] KAY - <i>E se eu fosse Ingrid Bergman ?</i> [3] MICHAEL ([1] ENQUANTO SÃO OCULTADOS POR ALGO OU ALGUÉM QUE OBTRUI A VISÃO DA CÂMERA): - Pode ser. [1] AO REAPARECEREM, KAY PARA DESCONCERTADA. [2] KAY: - <i>Michael...</i> (corte) [3] MICHAEL: - Não eu não gostaria mais. [2] KAY: - <i>Michael...</i> [3] MICHAEL:

presente de Natal?

[1] ELA ACONCHEGOU-SE BEM A ELE.

[3] *Quero apenas você – respondeu. – Você acha que o seu pai vai concordar que se case comigo?*

[1] MICHAEL RETRUCOU DELICADAMENTE:

[4] - A questão não é realmente essa. Será que os seus pais vão concordar que você se case comigo?

[1] KAY DEU DE OMBROS.

[3] - *Não me importo com isso – respondeu.*

[4] - Até pensei em mudar de nome, legalmente – disse Michael – mas, se algo acontecesse, isso realmente não adiantaria nada. Você tem certeza de que quer entrar para a família Corleone? – perguntou, meio brincalhão.

[3] - *Sim – respondeu ela séria.*

[1] ELES SE APERTARAM MUTUAMENTE. [2] HAVIAM RESOLVIDO CASAR-SE DURANTE A SEMANA DE NATAL, UMA CERIMÔNIA CIVIL TRANQUILA NA PRETORIA, COM APENAS DOIS AMIGOS COMO TESTEMUNHAS. MAS MICHAEL INSISTIRA EM QUE DEVIA COMUNICAR AO PAI. EXPLICARA QUE O VELHO NÃO SE OPORIA DE MANEIRA ALGUMA, DESDE QUE A COISA NÃO FOSSE FEITA EM SEGREDO. KAY TINHA SUAS DÚVIDAS. DISSERA QUE SÓ PODERIA COMUNICAR A SEUS PAIS DEPOIS DO CASAMENTO.

[3] - *Certamente eles pensarão que estou grávida – disse ela.*

[1] MICHAEL SORRIU MOSTRANDO OS DENTES.

[4] - *Meus pais pensarão a mesma coisa – acrescentou ele.*

[2] O QUE NENHUM DELES MENCIONOU FOI O FATO DE QUE MICHAEL TERIA DE CORTAR SEUS LAÇOS ÍNTIMOS COM A FAMÍLIA. AMBOS COMPREENDIAM QUE MICHAEL JÁ HAVIA FEITO ISSO ATÉ CERTO PONTO E SE SENTIAM CULPADOS COM RESPEITO A ESSE FATO. PLANEJAVAM TERMINAR O CURSO, VENDENDO-SE UM AO OUTRO NOS FINS DE SEMANA E VIVENDO JUNTOS DURANTE AS FÉRIAS DE VERÃO. ISSO LHES PARECIA UMA VIDA FELIZ.

[1] A PEÇA A QUE ASSISTIAM ERA UM MUSICAL CHAMADO *CAROUSEL*, CUJA HISTÓRIA SENTIMENTAL DE UM LADRÃO FAROFEIRO OS FEZ RIR ALEGREMENTE. QUANDO SAÍRAM DO TEATRO, FAZIA FRIO.

- O que há?

(corte)

[1] ELA PUXA MICHAEL E ELES ANDAM DE VOLTA ATÉ UMA BANCA DE JORNAIS DA QUAL HAVIAM JUSTO PASSADO. DA PRATELEIRA MICHAEL PEGA O JORNAL DAILY MIRROR.

(corte)

MICHAEL LÊ A SEGUINTE MANCHETE: **VITO CORLEONE ASSASSINADO.** MICHAEL ABRE O JORNAL E LÊ: **ASSASSINOS BALEARAM CHEFE DO SUBMUNDO.**

(corte)

[3] MICHAEL:

- Não dizem se está morto ou vivo.

[1] VISIVELMENTE NERVOSO, MICHAEL PEGA OUTRO JORNAL E ABRE, OLHA PARA A BANCA E PARA OS LADOS COMO SE PROCURASSE POR ALGUMA COISA. PARECENDO ENCONTRAR, VEM DE ENCONTRO À CÂMERA.

(Corte)

[1] MICHAEL E KAY VÃO ATRAVESSAR A RUA APRESSADAMENTE. UM CARRO BUZINA. ELES ESPERAM O CARRO PASSAR. ATRAVESSAM A RUA. ADIANTANDO-SE MICHAEL CHEGA ATÉ UMA CABINA TELEFÔNICA DO OUTRO LADO DA RUA. FECHA A PORTA E DEIXA KAY PARA FORA.

(corte)

[1] KAY FICA DE COSTAS OBSERVANDO-O DE FORA ENQUANTO ELE DISCA UM NÚMERO DE TELEFONE.

(corte)

[1] KAY DÁ ALGUNS PASSOS PARA SE COLOCAR MELHOR ENCARANDO MICHAEL DE FORA.

(corte)

[1] DE DENTRO DA CABINE, MICHAEL EM PRIMEIRO PLANO E ROSTO DE KAY EM SEGUNDO PLANO ATRÁS DA VIDRAÇA DA CABINA TELEFÔNICA.

[3] MICHAEL:

KAY ACONCHEGOU-SE A ELE E DISSE: [3] - <i>Depois que a gente se casar, você vai me bater e depois roubar uma estrela para me dar de presente?</i> [2] MICHAEL DEU UMA GARGALHADA. [4] - Vou ser professor de Matemática – declarou. [1] EM SEGUIDA PERGUNTOU: [4] - Você quer alguma para comer antes de irmos para o hotel? [1] KAY BALANÇOU A CABEÇA. OLHOU PARA ELE EXPRESSIVAMENTE. [2] <u>MICHAEL, COMO SEMPRE, ESTAVA EXCITADO PELA ÂNSIA DELA DE FAZER AMOR.</u> [1] RIU PARA ELA, E OS DOIS SE BELJARAM NA RUA FRIA. [2] <u>MICHAEL SENTIA FOME E RESOLVEU PEDIR QUE MANDASSEM SANDUÍCHES PARA O QUARTO.</u> [1] NO SAGUÃO DO HOTEL, MICHAEL EMPURROU KAY PARA A BANCA DE JORNAIS DIZENDO: [4] - Apanhe os jornais, enquanto pego as chaves. [1] ELE TEVE DE ESPERAR NUMA PEQUENA FILA; [2] <u>O HOTEL ESTAVA AINDA COM FALTA DE EMPREGADOS, APESAR DE JÁ TER TERMINADO A GUERRA.</u> [1] MICHAEL APANHOU A CHAVE DO QUARTO E PROCUROU KAY COM OS OLHOS, IMPACIENTEMENTE. ELA ESTAVA POSTADA AO LADO DA BANCA, COM OS OLHOS FIXOS NO JORNAL QUE SEGURAVA NA MÃO. ELE SE ENCAMINHOU NA DIREÇÃO DELA. KAY OLHOU PARA ELE, COM OS OLHOS CHEIOS DE ÁGUA. [3] - <i>Oh, Mike! – exclamou ela. – Oh, Mike!</i> [1] MICHAEL TIROU O JORNAL DAS MÃOS DELA. A PRIMEIRA COISA QUE VIU FOI UMA FOTOGRAFIA DO PAI CAÍDO NA RUA, COM A CABEÇA NUMA POÇA DE SANGUE. UM HOMEM ESTAVA SENTADO NO MEIO-FIO, CHORANDO COMO UMA CRIANÇA. ERA SEU IRMÃO FREDDIE. [2] <u>MICHAEL CORLEONE SENTIU O CORPO FICAR GELADO. NÃO HAVIA PESAR, NEM MEDO, APENAS RAIVA FRIA.</u> [1] ELE DISSE PARA KAY: [4] - Suba para o quarto. [1] MAS ELE TEVE DE TOMÁ-LA PELO BRAÇO E CONDUZI-LA PARA O ELEVADOR. SUBIRAM EM SILÊNCIO. AO CHEGAREM AO QUARTO, MICHAEL SENTOU-SE NA CAMA E ABRIU O JORNAL. AS MANCHETES DIZIAM:	- Sonny... Michael. [2] Voz de SONNY: - Onde estava, Michael? [3] MICHAEL: - Ele está bem? [2] Voz de SONNY: - Ainda não sabemos. Há todo tipo de histórias. Foi baleado brutalmente Mike... Está aí? [3] MICHAEL: - Sim, estou aqui. [2] Voz de SONNY: - Onde você estava? Eu estava preocupado. [3] MICHAEL: - Tom não lhe falou? Eu liguei. [2] Voz de SONNY: - Não...veja, venha para casa, garoto. Devia estar em casa com mamãe, ouviu? [3] MICHAEL: - Está bem.
--	---

**VITO CORLEONE BALEADO.
SUPOSTO CHEFE DE
EXTORSIONÁRIOS GRAVEMENTE
FERIDO. OPERADO SOB FORTE
PROTEÇÃO POLICIAL. TEME-SE
SANGRENTA GUERRA DE
QUADRILHAS.**

[2] MICHAEL SENTIU FRAQUEZA NAS PERNAS.

[1] DISSE PARA KAY:

[4] - Ele não está morto, os canalhas não o mataram.

[1] LEU A NOTÍCIA NOVAMENTE. SEU PAI TINHA SIDO BALEADO ÀS CINCO HORAS DA TARDE. [2] ISSO SIGNIFICAVA QUE, ENQUANTO ELE ESTAVA FAZENDO AMOR COM KAY, JANTANDO, DELEITANDO-SE NO TEATRO, O SEU PAI ESTAVA À MORTE. MICHAEL COMEÇOU A SENTIR-SE PESAROSAMENTE CULPADO.

[3] - *Vamos ao hospital agora? – perguntou Kay.*

[1] MICHAEL BALANÇOU A CABEÇA.

[4] - *Deixe-me telefonar para casa primeiro. O pessoal que fez isso está maluco e agora que o velho está vivo muita gente está desesperada. Quem sabe lá que diabo esse pessoal vai fazer em seguida.*

[1] AMBOS OS TELEFONES NA CASA DE LONG BEACH ESTAVAM OCUPADOS E MICHAEL TEVE DE ESPERAR QUASE VINTE MINUTOS PARA CONSEGUIR LIGAÇÃO. FINALMENTE OUVIU A VOZ DE SONNY DIZER:

[3] - *Sim.*

[4] - *Sonny, sou eu – disse Michael.*

[1] ELE PÔDE OUVIR O ALÍVIO NA VOZ DE SONNY.

[3] - *Jesus, menino, você nos deixou preocupados. Onde diabo está você? Mandeí gente a essa sua cidade caipira para ver o que aconteceu.*

[4] - *Como está o velho? – perguntou Michael. – Qual é a gravidade do ferimento?*

[3] - *Muito sério – respondeu Sonny. – Eles o atingiram com cinco tiros. Mas o velho é duro.*

[1] A VOZ DE SONNY DENOTAVA ORGULHO.

[3] - *Os médicos disseram que escapará. Ouça, menino, estou ocupado, não posso falar, onde está você?*

[4] - *Nova Iorque – respondeu Michael. –*

Tom não lhe falou que eu ia descer?

[1] SONNY BAIXOU UM POUCO A VOZ.

[3] - *Raptaram Tom. Essa a razão porque eu estava preocupado com você. A mulher dele está aqui. Ela não sabe, nem tampouco os tiras. Não quero que eles saibam. Os bandidos que fizeram isso devem estar malucos. Quero que você saia daí imediatamente e se mantenha calado. Entendido?*

[4] - *Entendido – respondeu Mike. – Você sabe quem fez isso?*

[3] - *Certamente – retrucou Sonny. – Logo que Luca Brasi se apresentar, eles estarão mortos. Ainda somos senhores da situação.*

[4] - *Sairei dentro de uma hora – disse Mike. – Num táxi.*

[1] ELE DESLIGOU. [2] OS JORNAIS JÁ ESTAVAM NA RUA HÁ MAIS DE TRÊS HORAS. DEVIAM TER DADO A NOTÍCIA PELO RÁDIO. ERA QUASE IMPOSSÍVEL QUE LUCA NÃO TIVESSE OUVIDO. PREOCUPADO, MICHAEL PONDERAVA SOBRE A QUESTÃO. ONDE ESTAVA LUCA BRASI? ERA A MESMA PERGUNTA QUE HAGEN FAZIA NESSE MOMENTO. ERA A MESMA PERGUNTA QUE INTRIGAVA SONNY CORLEONE LÁ EM LONG BEACH.

(Puzo, p.84 –87)

No Hospital

[1] QUANDO MICHAEL SALTOU DO TÁXI EM FRENTE AO HOSPITAL FRANCÊS, [2] <u>FICOU SURPRESO</u> [1] AO VER QUE A RUA ESTAVA COMPLETAMENTE DESERTA. QUANDO ENTROU NO HOSPITAL, [2] <u>FICOU MAIS SURPRESO AINDA</u> [1] AO ENCONTRAR O SAGUÃO VAZIO. [2] <u>CARAMBA, QUE DIABO ESTAVAM FAZENDO CLEMENZA E TESSIO? DE FATO, ELES NÃO TINHAM FREQUENTADO A ACADEMIA MILITAR DE WEST POINT, MAS SABIAM BASTANTE SOBRE TÁTICA PARA ESTABELECEER POSTOS AVANÇADOS. ALGUNS DOS SEUS HOMENS DEVIAM ESTAR NO SAGUÃO, PELO MENOS.</u> [1] ATÉ OS VISITANTES RETARDATÁRIOS TINHAM IDO EMBORA, ERAM QUASE DEZ E MEIA DA NOITE. [2] <u>MICHAEL AGORA ESTAVA NERVOSO E ATENTO.</u> [1] NÃO SE PREOCUPOU EM PARAR NA MESA DE INFORMAÇÕES, JÁ SABIA O NÚMERO DO QUARTO DO PAI LÁ EM CIMA NO QUARTO ANDAR. TOMOU O ELEVADOR AUTOMÁTICO. [2] <u>ACHOU MUITO ESQUISITO QUE NINGUÉM O DETIVESSE</u> [1] ATÉ QUE ELE CHEGASSE À SALA DAS ENFERMEIRAS NO QUARTO ANDAR. MAS PASSOU DIRETO SEM DAR RESPOSTA À PERGUNTA QUE LHE FIZERAM E ENCAMINHOU-SE PARA O QUARTO DO PAI. NÃO HAVIA NINGUÉM DO LADO DE FORA DA PORTA. [2] <u>DIABO, ONDE SE ACHAVAM OS DOIS DETETIVES QUE DEVIAM ESTAR ALI PARA GUARDAR E INTERROGAR O VELHO? DIABO, ONDE SE ACHAVA O PESSOAL DO TESSIO E DO CLEMENZA? HAVERIA ALGUÉM DENTRO DO QUARTO?</u> [1] MAS A PORTA ESTAVA ABERTA. MICHAEL ENTROU. HAVIA UMA FIGURA DEITADA NA CAMA E, PELO LUAR DE DEZEMBRO QUE SE INFILTRAVA PELA JANELA, MICHAEL CONSEGUIU VER O ROSTO DO PAI. MESMO AGORA ESTAVA IMPASSÍVEL, O PEITO SUPERFICIALMENTE LEVANTADO COM A SUA RESPIRAÇÃO IRREGULAR. TUBOS PENDURADOS NA FORÇA DE AÇO AO LADO DA CAMA IAM ATÉ SEU NARIZ. NO CHÃO ESTAVA UM JARRO DE ÁGUA RECEBENDO OS VENENOS ESVAZIADOS DE SEU ESTÔMAGO PELOS OUTROS TUBOS. MICHAEL PERMANECEU ALI POR ALGUNS MOMENTOS PARA SE ASSEGURAR DE QUE O PAI ESTAVA PASSANDO BEM, DEPOIS	(corte) [1] MICHAEL SAINDO DO HOTEL. (corte) [1] O HOSPITAL (22:30H). ENTRADA ISOLADA. ENFEITES DE NATAL. MICHAEL CHEGA DE TAXI. ENTRA NO HOSPITAL E TUDO ESTÁ QUIETO. (corte) [1] CORREDOR. MICHAEL CHEGANDO. (corte) [1] MICHAEL NO BALCÃO DA RECEPÇÃO (corte) [1] RECEPÇÃO SEM NINGUÉM. (corte) [1] MICHAEL AFASTANDO-SE DO BALCÃO. (corte) [1] ANDA PELO CORREDOR ATÉ UMA SALINHA. (corte) [1] VÊ UM SANDUÍCHE E CAFÉ ABANDONADOS SOBRE A MESA. (corte) [1] SAI DA SALA, APROXIMA-SE DA CÂMERA OLHANDO AO REDOR PROCURANDO ALGUÉM. (corte) [1] CORRE PELO CORREDOR DE ENCONTRO À CÂMERA. (Corte) [1] CÂMERA NO ALTO DA ESCADA. MICHAEL CORRENDO AO ENCONTRO DA CÂMERA PELO CORREDOR. SOBE OS DEGRAUS E PASSA PELA CÂMERA. (corte) [1] CHEGANDO AO CORREDOR DO ANDAR SUPERIOR APROXIMA-SE E PASSA PELA CÂMERA. NOTA QUE NÃO TEM NENHUM GUARDA NA PORTA DO QUARTO.
---	--

SAIU DO QUARTO.

[4] — Meu nome é Michael Corleone — DISSE À ENFERMEIRA — quero ficar sentado com meu pai. Que aconteceu aos detetives que deviam estar guardando o velho?

[1] A ENFERMEIRA ERA UMA PEQUENA MUITO BONITA, DENOTANDO UM AR DE AUTOCONFIANÇA E SEGURANÇA.

[3] — *Ah, o seu pai recebia muitas visitas, isso atrapalhava o serviço do hospital* — [1] RESPONDEU ELA. [3] — *A polícia veio e fez todos eles saírem há coisa de dez minutos. Depois, há apenas cinco minutos, tive de chamar os detetives ao telefone para um alarme de emergência da polícia e, assim, eles partiram também. Mas não se preocupe, estou cuidando bem do seu pai e posso ouvir qualquer som vindo do seu quarto. Por isso é que deixamos a porta aberta.*

[4] — Muito obrigado — [1] RETRUCOU MICHAEL. [4] — Vou ficar sentado com ele um pouco. Está bem?

[1] A ENFERMEIRA SORRIU PARA ELE.

[3] — *Apenas por alguns minutos e lamento que tenha de mandá-lo embora. É regulamento, você sabe.*

[1] MICHAEL VOLTOU PARA O QUARTO DO PAI. TIROU O FONE DO GANCHO E PEDIU À TELEFONISTA DO HOSPITAL QUE LIGASSE COM A CASA DE LONG BEACH, [2] COM O APARELHO DA SALA DO ESCRITÓRIO DO CANTO. [1] SONNY RESPONDEU. MICHAEL FALOU EM VOZ BAIXA:

[4] — Sonny, estou aqui no hospital, cheguei atrasado. Sonny, não há ninguém aqui. Nenhum dos homens de Tessio. Nenhum detetive na porta. O velho estava completamente desprotegido.

[1] SUA VOZ TREMIA.

HOVE UM LONGO SILÊNCIO E DEPOIS ELE OUVIA A VOZ DE SONNY EM TOM BAIXO E IMPRESSIONANTE:

[3] — *Isso é o golpe de Sollozzo de que você falou.*

[4] — Isso foi o que pensei também — [1] RETRUCOU MICHAEL. [4] — Mas como conseguiu ele que os tiras todos saíssem daqui, e para onde foram? Que aconteceu aos homens de Tessio? Jesus, será que o patife do Sollozzo tem o Departamento de Polícia

(corte)

[1] CÂMERA MOSTRA MICHAEL DE COSTAS SEGUINDO ATÉ O FIM DO CORREDOR, QUANDO ENTRA À DIREITA E DESAPARECE.

(corte)

[1] CÂMERA POR TRÁS. MICHAEL EM FRENTE AO QUARTO N. 2 HESITA ANTES DE ABRIR A PORTA. ABRE A PORTA LENTAMENTE. SEU PAI ESTÁ NA CAMA, E MICHAEL VAI VER SE ESTÁ VIVO.

(corte)

[1] DOM CORLEONE DEITADO INCONSCIENTE.

(corte)

[1] VULTO PASSA NA FRENTE DA CÂMERA E PARA NA PORTA DO QUARTO, OBSTRUINDO IMAGEM DE MICHAEL.

[2] ENFERMEIRA:

— *O que você está fazendo aqui? Não pode ficar aqui.*

[3] MICHAEL

— Sou Michael Corleone, este é meu pai.

[1] ENFERMEIRA SE APROXIMA UM POUCO MAIS.

(corte)

[3] MICHAEL

— Não há ninguém aqui. O que aconteceu com os guardas?

[2] ENFERMEIRA:

— *Seu pai recebia muitos visitantes. Eles interferiam no serviço do hospital.*

[1] A ENFERMEIRA APROXIMA-SE DE MICHAEL E O AFASTA PARA CHECAR O PULSO DE DOM CORLEONE.

[2] ENFERMEIRA:

— *A polícia os retirou há dez minutos atrás.*

[1] MICHAEL FICA PENSATIVO POR UNS INSTANTES E PEGA O TELEFONE.

[3] MICHAEL:

de Nova Iorque na gaveta também? [3] — <i>Tenha calma, garoto.</i> — [1] A VOZ DE SONNY ERA TRANQUILIZADORA. [3] — <i>Tivemos sorte novamente pelo fato de você ir visitar o hospital tão tarde. Permaneça no quarto do velho. Tranque a porta por dentro. Terei alguns homens aí, dentro de quinze minutos, assim que eu der alguns telefonemas. Mantenha-se aí firme e não fique apavorado. Está bem, garoto?</i> [4] — Não ficarei apavorado — [1] RESPONDEU MICHAEL. — [2] <u>PELA PRIMEIRA VEZ DESDE QUE TUDO TINHA COMEÇADO, SENTIU UMA RAIVA FURIOSA SUBIR DENTRO DELE, UM ÓDIO FRIO PELOS INIMIGO DE SEU PAI.</u> [1] DESLIGOU O TELEFONE E TOCOU A CAMPAINHA CHAMANDO A ENFERMEIRA. [2] RESOLVEU USAR O SEU PRÓPRIO RACIOCÍNIO E NÃO LEVAR EM CONTA AS ORDENS DE SONNY. [1] QUANDO A ENFERMEIRA ENTROU, ELE DISSE: [4] — Não quero que você se assuste, mas temos que mudar meu pai agora mesmo. Para outro quarto ou outro andar. Você pode desligar todos esses tubos para que possamos levar a cama para fora daqui? [3] — <i>Isso é ridículo</i> — [1] DISSE A ENFERMEIRA. [3] — <i>Temos de obter permissão do médico.</i> [4] — Você leu sobre o meu pai nos jornais — [1] FALOU MICHAEL RAPIDAMENTE. [4] — Você viu que não há ninguém aqui hoje à noite para protegê-lo. Eu soube agora que alguns homens estão vindo para o hospital a fim de matá-lo. Por favor, acredite em mim e ajude-me. [2] <u>ELE PODIA SER EXTRAORDINARIAMENTE PERSUASIVO QUANDO QUERIA.</u> [3] — <i>Não precisamos desligar os tubos</i> — [1] REPLICOU A ENFERMEIRA. [3] — <i>Podemos levar o aparelho junto com a cama.</i> [4] — Você tem um quarto vazio? — [1] SUSSURROU MICHAEL. [3] — <i>No fim do corredor</i> — [1] RESPONDEU A ENFERMEIRA. A MUDANÇA FOI FEITA EM QUESTÃO DE MOMENTOS, DE MODO MUITO RÁPIDO E EFICIENTE. DEPOIS MICHAEL DISSE PARA A ENFERMEIRA:	— Ah, ligue-me com Long Beach-4-5620, por favor... (E PARA A ENFERMEIRA QUE ESTAVA SAINDO DO QUARTO): — Enfermeira, espere um minuto... (NO TELEFONE) — Sonny, Michael. Eu estou no hospital. [2] VOZ DE SONNY (NO TELEFONE): — <i>Sim?</i> [3] MICHAEL (NO TELEFONE): — Ouça, Eu cheguei atrasado aqui. Não há ninguém aqui. [2] VOZ DE SONNY (NO TELEFONE): — <i>O que? Ninguém?</i> [3] MICHAEL (NO TELEFONE): Ninguém...nem homens de Tessio, nem detetives, ninguém. Papai está sozinho. (corte) [1] DOM CORLEONE NA CAMA. [2] VOZ DE SONNY (NO TELEFONE): — <i>Não entre em pânico. Eu vou enviar alguém...</i> [3] MICHAEL (EM VOZ ALTA): — Eu não estou em pânico! (corte) [1] MICHAEL PÔE O TELEFONE NO GANCHO, SE APROXIMA DA PORTA. [2] ENFERMEIRA: — <i>Desculpe, mas você terá que sair.</i> [3] MICHAEL (ENQUANTO CHECAVA SE A CAMA PASSARIA PELA PORTA): — Você e eu vamos mover meu pai para outro quarto. Você poderia desligar os tubos para podermos mover a cama para fora? [1] MICHAEL SE APROXIMA DOS TUBOS. [2] ENFERMEIRA: — <i>Isto está fora de questão!</i> (corte)
---	---

[4] — Fique aqui com ele até chegar ajuda. Se você ficar lá fora no seu posto pode ser atacada.

[1] NESSE MOMENTO, ELE OUVIU A VOZ DO PAI VINDO DA CAMA, ROUCA, MAS BEM FORTE:

[4] — Michael, é você? Que aconteceu, que é que há?

[1] MICHAEL INCLINOU-SE SOBRE A CAMA.

TOMOU A MÃO DO PAI NA SUA.

[4] — É Mike — [1] RESPONDEU ELE. [4] — Não tenha medo. Agora ouça, não faça absolutamente qualquer barulho, especialmente se alguém chamar seu nome. Algumas pessoas querem matá-lo, entende? Mas estou aqui, portanto não tenha medo.

[1] DON CORLEONE, AINDA NÃO

PLENAMENTE CONSCIENTE DO QUE LHE ACONTECERA NO DIA ANTERIOR, COM DORES TERRÍVEIS. [1] EMBORA SORRINDO

CARINHOSAMENTE PARA O FILHO MAIS MOÇO,

[2] QUERIA DIZER-LHE, MAS ERA ESFORÇO

DEMASIADO: "POR QUE DEVO TER MEDO AGORA? MUITA GENTE TEM PROCURADO ME MATAR DESDE OS MEUS DOZE ANOS DE IDADE."

[1] O HOSPITAL ERA PEQUENO E DISPUNHA APENAS DE UMA ENTRADA. MICHAEL OLHOU PELA JANELA PARA A RUA LÁ EMBAIXO. HAVIA UM PÁTIO EM CURVA COM ALGUNS DEGRAUS QUE DAVAM PARA A RUA, NA QUAL NÃO HAVIA NENHUM CARRO. QUEM QUISESSE PENETRAR NO HOSPITAL TERIA DE VIR FORÇOSAMENTE POR ESSA ENTRADA. ELE SABIA QUE NÃO TINHA MUITO TEMPO, ASSIM SAIU CORRENDO DO QUARTO, DESCEU PRECIPITADAMENTE OS QUATRO PAVIMENTOS E ATRAVESSOU AS PORTAS LARGAS DA ENTRADA DO ANDAR TÉRREO. OLHANDO PARA O LADO, VIU O PÁTIO DAS AMBULÂNCIAS, MAS NÃO HAVIA CARROS OU AMBULÂNCIAS ESTACIONADOS.

MICHAEL POSTOU-SE NA CALÇADA DO LADO DE FORA DO HOSPITAL E ACENDEU UM CIGARRO. DESABOTOOU O PALETÓ E FICOU SOB A LUZ DE UM POSTE, DE MODO QUE SE PODIAM VER SUAS FEIÇÕES. UM RAPAZ ESTAVA VINDO RAPIDAMENTE DA NONA AVENIDA, COM UM EMBRULHO DEBAIXO DO BRAÇO. USAVA UMA TÚNICA MILITAR E TINHA UMA ENORME CABELEIRA PRETA. MICHAEL NOTOU QUE O

[3] MICHAEL

— Você conhece meu pai? Homens estão vindo aqui para matá-lo. Você entende? Agora me ajude, por favor.

(corte)

[1] DOM CORLEONE NA CAMA.

(corte)

[1] CÂMERA NA ESCADA FILMANDO CORREDOR. MICHAEL E A ENFERMEIRA EMPURRAM A CAMA DE DOM CORLEONE PARA OUTRO QUARTO. OUVIMOS UMA PORTA SE FECHAR.

(corte)

[1] A ENFERMEIRA OLHA PARA TRÁS ASSUSTADA. MICHAEL ABRE A PORTA NO FIM DO CORREDOR. EMPURRAM A CAMA COM PRESSA.

(corte)

[1] DA ESCADA VEMOS QUE PASSA PELA PORTA E A FECHAM, DESAPARECENDO. ENTÃO PASSOS SÃO OUVIDOS SUBINDO AS ESCADAS.

(corte)

[1] MICHAEL OBSERVA PELO VÃO DA PORTA.

(corte)

[1] CORREDOR INFERIOR SEM NINGUÉM.

(corte)

[1] CORREDOR SUPERIOR VAZIO SEM NINGUÉM.

(corte)

[1] MICHAEL OBSERVANDO PELO VÃO DA PORTA.

(corte)

[1] FIM DA ESCADA VISTO DE CIMA.

(corte)

[1] CORREDOR VISTO DA ESCADA. UM HOMEM CHEGANDO SUBINDO A ESCADA DE COSTAS PARA A CÂMERA. VAI SEGUINDO PELO CORREDOR OBSERVANDO NÚMERO DOS QUARTOS. ESTÁ COM PEDAÇO DE PAPEL NA

ROSTO LHE ERA FAMILIAR, QUANDO O RAPAZ SE APROXIMOU DA LUZ, MAS NÃO CONSEGUIU RECONHECÊ-LO. O RAPAZ, PORÉM, PAROU EM FRENTE DELE E ESTENDEU A MÃO, DIZENDO NUM SOTAQUE ITALIANO CARREGADO: [3] — <i>Dom Michael, lembra-se de mim? Enzo, o ajudante de Nazorine, o Paniterra, o genro dele. Seu pai salvou a minha vida conseguindo que o Governo me deixasse ficar aqui na América.</i> [1] MICHAEL APERTOU-LHE A MÃO. [2] <u>LEMBRAVA-SE DELE AGORA.</u> [3] — <i>Vim apresentar meus respeitos a seu pai</i> — [1] CONTINUOU ENZO. [3] — <i>Será que me deixarão entrar no hospital tão tarde?</i> [1] MICHAEL SORRIU E BALANÇOU A CABEÇA. [4] — Não, mas muito obrigado assim mesmo. Direi ao velho que você esteve aqui. [1] UM CARRO VINHA FAZENDO BARULHO PELA RUA E MICHAEL FICOU NA EXPECTATIVA. DISSE PARA ENZO: [4] — Saia daqui depressa. Pode haver barulho. Você não vai querer se envolver com a polícia. [1] ELE VIU O MEDO SE ESTAMPAR NO ROSTO DO RAPAZ. [2] <u>BARULHO COM A POLÍCIA PODIA SIGNIFICAR SER DEPORTADO OU RECUSA DE CIDADANIA.</u> [1] MAS O RAPAZ FICOU ALI FIRME E SUSSURROU EM ITALIANO: [3] — <i>Se houver barulho eu ficarei para ajudar. Devo muito ao padrinho.</i> [2] <u>MICHAEL FICOU EMOCIONADO. ESTAVA PARA DIZER NOVAMENTE AO RAPAZ QUE FOSSE EMBORA, MAS ENTÃO PENSOU, POR QUE NÃO DEIXÁ-LO FICAR? DOIS HOMENS NA FRENTE DO HOSPITAL PODIAM INTIMIDAR QUALQUER BANDO DE SOLLOZZO ENVIADO PARA EXECUTAR UM TRABALHO.</u> [1] DEU UM CIGARRO A ENZO E O ACENDEU PARA ELE. OS DOIS ESTAVAM SOB O POSTE DE ILUMINAÇÃO NA NOITE FRIA DE DEZEMBRO. AS VIDRAÇAS AMARELAS DO HOSPITAL, BIFURCADAS PELAS DECORAÇÕES VERDES DE NATAL, CINTILAVAM NELES. HAVIAM QUASE ACABADO DE FUMAR OS CIGARROS QUANDO UM CARRO PRETO COMPRIDO E BAIXO VIROU NA RUA TRINTA, VINDO DA NONA AVENIDA, E CRUZOU NA DIREÇÃO DELES, MUITO PERTO DO MEIO-FIO. QUASE PAROU. MICHAEL OLHOU PARA DENTRO DO VEÍCULO NA TENTATIVA DE VER	MÃO. (corte) [1] MICHAEL OBSERVANDO PELO VÃO DA PORTA. (corte) [1] CÂMERA MOSTRA O HOMEM DE FRENTE SEGURANDO FLORES. (corte) [3] MICHAEL (SE MOSTRANDO): — quem é você? [2] ENZO: — <i>Eu sou Enzo, o padeiro. Você lembra de mim?</i> [3] MICHAEL: — Enzo ... [2] ENZO: — <i>Sim, Enzo...</i> [3] MICHAEL : — É melhor ir embora daqui, Enzo; Vai haver problemas... [2] ENZO: — <i>Se houver problemas, eu ficarei para ajudar. Pelo seu pai, pelo seu pai.</i> [3] MICHAEL : — Certo... Ouça, espere por mim lá fora em frente ao hospital. Certo? Estarei lá em um minuto. Vá... [2] ENZO: — <i>Ok...ok.</i> (corte) [1] MICHAEL VIRA-SE. ABRE A PORTA DE FRENTE PARA A CÂMERA. ENZO VOLTA PELO CORREDOR DE COSTAS. MICHAEL ENTRA NO QUARTO E FECHA A PORTA. APROXIMA-SE DA ENFERMEIRA. (corte) [1] ROSTO DE DOM CORLEONE DEITADO NA CAMA. TUBOS NO NARIZ.
---	--

OS OCUPANTES, COM O CORPO RECUANDO INVOLUNTARIAMENTE. O CARRO PARECIA QUE IA PARAR, MAS ACELEROU A MARCHA NOVAMENTE. ALGUÉM O RECONHECERA. MICHAEL DEU OUTRO CIGARRO A ENZO E NOTOU QUE AS MÃOS DO PADEIRO TREMIAM. PARA SUA SURPRESA, AS SUAS PRÓPRIAS MÃOS ESTAVAM FIRMES.

PERMANECERAM ALI NA RUA, FUMANDO POR CERCA DE DEZ MINUTOS QUANDO O AR DA NOITE FOI CORTADO POR UMA SEREIA DA POLÍCIA. UM CARRO PATRULHA FEZ UMA CURVA ESTRIDENTE VINDO DA NONA AVENIDA E PAROU EM FRENTE AO HOSPITAL. DOIS OUTRO CARROS DA POLÍCIA VIERAM LOGO ATRÁS. DE REPENTE, A ENTRADA DO HOSPITAL ESTAVA APINHADA DE POLICIAIS UNIFORMIZADOS E DETETIVES. MICHAEL SOLTOU UM SUSPIRO DE ALÍVIO. [2] O BOM SONNY DEVIA TER TOMADO AS DEVIDAS PROVIDÊNCIAS. [1] DEU UNS PASSOS À FRENTE PARA IR AO ENCONTRO DELES. DOIS POLICIAIS ENORMES E ROBUSTOS AGARRARAM-LHE OS BRAÇOS. OUTRO O REVISTOU. UM VOLUMOSO CAPITÃO DA POLÍCIA, COM GALÃO DOURADO NO QUEPE, VEIO SUBINDO A ESCADA, SEUS HOMENS SEPARANDO-SE, RESPEITOSAMENTE, PARA ABRIR CAMINHO. ERA UM CAMARADA VIGOROSO E ÁGIL, APESAR DO CABELO BRANCO QUE O QUEPE NÃO PODIA ESCONDER. O SEU ROSTO ERA AVERMELHADO. APROXIMOU-SE DE MICHAEL E FALOU ASPERAMENTE:

[3] — *Pensei que tivesse trancafiado todos vocês, bandidos carcamanos. Que diabo é você e o que está fazendo aqui?*

[1] UM DOS POLICIAIS POSTADO AO LADO DE MICHAEL DISSE:

[3] — *Ele está desarmado capitão.*

[1] MICHAEL NÃO RESPONDEU. FICOU ESTUDANDO O CAPITÃO DA POLÍCIA EXAMINANDO FRIAMENTE O SEU ROSTO, SEUS OLHOS AZUL METÁLICO. UM DETETIVE À PAISANA DISSE:

[3] — *Este é Michael Corleone, o filho do Dom.*

[4] — O que aconteceu com os detetives que deviam estar guardando o meu pai? Quem os tirou daqui? — [1] PERGUNTOU MICHAEL CALMAMENTE.

[3] MICHAEL:

— Descanse papai. Eu cuido do senhor.

(corte)

[1] MICHAEL CURVADO FALANDO PARA SEU PAI:

[3] — Estou a seu lado. Estou aqui.

[1] MICHAEL PASSA A MÃO NA TESTA DE DOM CORLEONE.

(corte)

[1] MICHAEL CURVANDO-SE BEIJA A MÃO DE DOM CORLEONE.

(corte)

[1] DOM CORLEONE SOLTA UMA LÁGRIMA E SEU ROSTO SE CONTRAI NUM SORRISO. SUAS PÁLPEBRAS SE CONTRAEM.

(corte)

[1] MICHAEL VINDO PELO CORREDOR INFERIOR.

(corte)

[1] ENZO AGUARDANDO NA ESCADA. MICHAEL APARECE AO FUNDO ABRINDO A PORTA. SE APROXIMA DE ENZO.

(corte)

[1] MICHAEL PEGA AS FLORES AS MÃO DE ENZO E ATIRA DE LADO. LEVANTA A GOLA DE ENZO.

(corte)

[1] MICHAEL ARRUMANDO A GOLA DE ENZO:

[3] — Finja que tem um revólver no bolso.

(corte)

[1] ENZO DE FRENTE E MICHAEL DE PERFIL.

[3] MICHAEL:

— Não há de ser nada.

[1] MICHAEL LEVANTA SUA PRÓPRIA GOLA TAMBÉM.

(corte)

[1] ENZO DE PERFIL E MICHAEL DE FRENTE.

O CAPITÃO FICOU POSSESSO DE RAIVA. [3] — <i>Seu bandido descarado, que diabo é você para me dizer o que devo fazer? Eu os tirei daqui. Pouco me importa quantos gângsters carcamanos se matam uns aos outros. Se dependesse de mim, eu não moveria um dedo para evitar que o seu velho fosse massacrado. Agora, caia fora daqui. Cai fora dessa rua seu fedelho, e fique longe deste hospital, quando não for a hora de visita.</i> [1] MICHAEL AINDA O ESTAVA ESTUDANDO ATENTAMENTE. [2] <u>NÃO FICARA ZANGADO COM O QUE O CAPITÃO DIZIA. A SUA MENTE TRABALHAVA VERTIGINOSAMENTE. SERIA POSSÍVEL QUE SOLLOZZO ESTIVESSE NAQUELE PRIMEIRO CARRO E O VIRA POSTADO EM FRENTE AO HOSPITAL? SERIA POSSÍVEL QUE SOLLOZZO TIVESSE CHAMADO ESSE CAPITÃO E PERGUNTADO: "COMO É QUE OS HOMENS DOS CORLEONE ESTÃO AINDA EM VOLTA DO HOSPITAL, QUANDO LHE PAGUEI PARA METER TODOS ELES NA CADEIA?"</u> <u>SERIA POSSÍVEL QUE TUDO TIVESSE SIDO CUIDADOSAMENTE PLANEJADO COMO SONNY DISSERA? AS PEÇAS SE ENCAIXAVAM.</u> [1] AINDA COM FRIEZA ELE DISSE PARA O CAPITÃO: [4] — Não vou deixar esse hospital enquanto você não puser guardas perto do quarto de meu pai. [1] O CAPITÃO NÃO SE PREOCUPOU EM RESPONDER. DISSE PARA O DETETIVE QUE ESTAVA A SEULADO: [3] — <i>Phill, trancafie esse fedelho.</i> — <i>O garoto está desarmado, capitão</i> — [1] RETRUCOU O DETETIVE, HESITANDO. [3] — <i>É herói de guerra e nunca se meteu com negócios sujos. Jornais podem fazer um escândalo.</i> [1] O CAPITÃO COMEÇOU A IRRITAR-SE COM O DETETIVE, SEU ROSTO FICOU VERMELHO DE RAIVA. [3] — <i>Com os diabos, eu disse para trancafiar esse fedelho</i> — [1] GRITOU. MICHAEL, AINDA PENSANDO CLARAMENTE, PERGUNTOU COM MALÍCIA INTENCIONAL: [4] — Quanto o Turco está pagando a você para deixar o meu pai descoberto, capitão? [1] <i>O capitão da polícia virou-se para ele e</i>	[3] MICHAEL: — Nada lhe acontecerá. (corte) [1] ENTRADA DO PÁTIO DO HOSPITAL VISTA DE DENTRO. (corte) [1] MICHAEL DE FRENTE E ENZO DE PERFIL. (corte) [1] OS DOIS VISTOS DE LONGE NA ESCADA. (corte) [1] OS DOIS VISTOS A MEIO CORPO DE FRENTE. MICHAEL PÕE A MÃO NO PEITO DE ENZO COMO QUE PARA ALERTÁ-LO. (corte) [1] CARRO CHEGANDO NO PORTÃO. VAI PARANDO. MOTORISTA OLHA PARA DENTRO DO HOSPITAL. CARRO PARA. (corte) [1] MICHAEL DE FRENTE OLHANDO PARA O CARRO. (corte) [1] ENZO IMÓVEL. (corte) PESSOA NO BANCO DETRÁS DO CARRO OBSERVA OS DOIS. (corte) [1] MICHAEL DE FRENTE (corte) [1] MÃO DE MICHAEL ABRINDO A CAPA COMO SE FOSSE PEGAR ARMA. (corte) [1] NO CARRO. MOTORISTA CONVERSA COM PESSOA SENTADA AO LADO. CARRO SE AFASTA. (corte) [1] MICHAEL E ENZO DE PERFIL. MICHAEL OLHA PARA ENZO E INCLINA-SE PARA ELE: [3]
---	--

disse para os dois robustos policiais:

[3] — Segurem-no.

[1] *MICHAEL SENTIU SEUS BRAÇOS SEREM IMOBILIZADOS PARA OS LADOS. VIU O PUNHO ENORME DO CAPITÃO VINDO EM DIREÇÃO DO SEU ROSTO. PROCUROU DESVIAR-SE, MAS O PUNHO PEGOU-LHE EM CHEIO NO OSSO MALAR.*

[2] *UMA GRANADA EXPLODIU EM SEU CRÂNIO. SUA BOCA ENCHEU-SE DE SANGUE E PEQUENOS OSSOS DUROS QUE ELE PENSOU QUE*

FOSSEM DENTES. SENTIU UM LADO DE SUA CABEÇA INCHAR COMO SE ESTIVESSE

ENCHENDO-SE DE AR. SUAS PERNAS JÁ NÃO PESAVAM. [1] E ELE TERIA CAÍDO SE OS DOIS

POLICIAIS NÃO O MANTIVESSEM EM PÉ. MAS AINDA ESTAVA CONSCIENTE. O DETETIVE À PAISANA TINHA-SE POSTADO À SUA FRENTE PARA EVITAR QUE O CAPITÃO O ATINGISSE NOVAMENTE E ESTAVA DIZENDO.

[3] — *Por Deus, capitão, você o massacrou mesmo.*

[1] O CAPITÃO RETRUCOU EM VOZ ALTA:

[3] — *Eu não toquei nele. Ele me atacou e caiu. Você está entendendo? Ele resistiu à prisão.*

[2] *ATRAVÉS DE UMA NÉVOA VERMELHA [1]*

MICHAEL PODE VER MAIS CARROS PARANDO NO MEIO FIO. HOMENS SALTAVAM. UM DELES, QUE MICHAEL RECONHECEU COMO O ADVOGADO DE CLEMENZA, ESTAVA AGORA FALANDO COM O CAPITÃO DA POLÍCIA, DE MODO SUAVE E SEGURO:

[3] — *A Família Corleone contratou uma firma de detetives particulares para proteger o senhor Corleone. Esses homens aqui comigo tem licença para portar armas, capitão. Se você prendê-los, terá de comparecer perante o juiz pela manhã e dizer porque o fez.*

[1] O ADVOGADO OLHOU PARA MICHAEL.

[3] — *Você quer apresentar queixa contra quem fez isso em você?* — [1] *perguntou.*

[1] MICHAEL TINHA DIFICULDADE PARA FALAR. AS SUAS MANDÍBULAS NÃO SE JUNTAVAM, MAS ELE CONSEGUIU MURMURAR:

[4] — *Eu escorreguei* — [1] *RESPONDEU ELE.*

[4] — *Escorreguei e caí.*

[1] ELE VIU O CAPITÃO LANÇAR-LHE UM OLHAR TRIUNFANTE E TENTOU RESPONDER A ESSE OLHAR COM UM SORRISO. [2] *A TODO*

— *Foi muito bem.*

(corte)

[1] ENZO ABAIXA A CABEÇA.

(corte)

[1] MÃOS TRÊMULAS DE ENZO PEGANDO CIGARRO DE MAÇO TODO AMASSADO, LEVA O CIGARRO ATÉ A BOCA.

(corte)

[1] MICHAEL E ENZO. MICHAEL OBSERVANDO ENZO.

(corte)

[1] MÃOS DE ENZO TENTANDO ACENDER O CIGARRO. MÃOS DE MICHAEL PEGAM O ISQUEIRO E ACENDE O CIGARRO DE ENZO. OUVI-SE SIRENE DE POLÍCIA.

(corte)

[1] MICHAEL OLHANDO PARA SUAS PRÓPRIAS MÃOS QUE ESTÃO FIRMES. ENZO TRAGANDO E SOLTANDO FUMAÇA.

(corte)

[1] MÃOS DE MICHAEL SEGURANDO O ISQUEIRO SEM TREMER.

(corte)

[1] MICHAEL DE FRENTE PARA ENZO DE PERFIL. DEVOLVE O ISQUEIRO.

(corte)

[1] DOIS CARROS DE POLÍCIA CHEGANDO EM FRENTE AO HOSPITAL. POLICIAIS SAEM DOS CARROS.

(corte)

[1] MICHAEL E ENZO APROXIMAM-SE DO PORTÃO. ENZO DESVIA DOS POLICIAIS E DESAPARECE. POLICIAIS AGARRAM MICHAEL QUANDO ESTE CHEGA PRÓXIMO AO PORTÃO.

(corte)

[1] CAPITÃO MCCLUSKEY SAI DO CARRO E APROXIMA-SE DE MICHAEL:

[2] MCCLUSKEY

— *Pensei ter prendido todos vocês! O que faz aqui?*

CUSTO, QUERIA ESCONDER A DELICIOSA FRIEZA GLACIAL QUE CONTROLAVA O SEU CÉREBRO, A CORRENTE DE ÓDIO EXTRAORDINARIAMENTE FRIO QUE LHE PERCORRIA O CORPO. NÃO QUERIA QUE NINGUÉM PERCEBESSE COMO SE SENTIA NO MOMENTO. COMO DOM CORLEONE TAMBÉM NÃO O FARIA. DEPOIS SENTIU QUE O TRANSPORTAVAM PARA O HOSPITAL E PERDEU OS SENTIDOS.

(Puzo, p.137 – 141)

(corte)

[1] MICHAEL AGARRADO PELOS DOIS POLICIAIS:

[3] MICHAEL:

— Onde estão os guardas do meu pai?

(corte)

[1] CAPITÃO MCCLUSKEY. (PHILIPS ATRÁS DELE).

(corte)

[2] MCCLUSKEY:

— Não se intrometa patife! Eu os levei daqui.

(corte)

[1] POLICIAIS SEGURANDO MICHAEL:

[2] VOZ DE MCCLUSKEY:

— Agora, vá embora deste hospital!

[3] MICHAEL:

— Só quando puser guardas para meu pai.

(corte)

[1] CAPITÃO MCCLUSKEY E PHILIPS:

[2] MCCLUSKEY:

— Phil, leve-o preso.

[2] PHIL:

— É herói de guerra. Não é criminoso.

[2] MCCLUSKEY:

— Mande levá-lo preso.

(corte)

[1] MICHAEL SEGURADO PELOS DOIS POLICIAIS:

[3] MICHAEL

— Quanto o Turco lhe pagou?

[1] CAPITÃO MCCLUSKEY. (PHIL AO FUNDO):

[2] MCCLUSKEY:

— Segure-o bem! Mantenha-o de pé!

(corte)

[1] MICHAEL SEGURADO PELOS DOIS POLICIAIS É ATINGIDO POR UM SOCO DO CAPITÃO MCCLUSKEY E DESFALECE.

(corte)

[1] ROSTO DO CAPITÃO MCCLUSKEY. SOM DE CARRO CANTANDO PNEUS. ROSTO DECEPCIONADO DO CAPITÃO MCCLUSKEY.

(corte)

[1] MICHAEL DESFALECIDO SEGURO PELOS DOIS POLICIAIS.

(corte)

[1] CARROS CHEGAM BRECANDO RUIDOSAMENTE. HOMENS SAEM APRESSADAMENTE.

(corte)

[1] DOIS HOMENS RECÉM CHEGADOS PEGAM MICHAEL DOS POLICIAIS. UM DELES É HAGEN. HOMENS ENTRAM NO HOSPITAL.

[2] HAGEN:

— *Sou advogado dos Corleone. Estes homens vieram dar proteção.*

(corte)

[1] HOMENS ENTRANDO PELA PORTA DO HOSPITAL.

(corte)

[1] HOMENS SEGURANDO MICHAEL SEMI-ACORDADO.

[2] HAGEN:

— *Têm licença para usar armas.*

(corte)

[1] ROSTO DO CAPITÃO MCCLUSKEY. (PHIL AO FUNDO).

[2] HAGEN:

— *Se interferir, terá de explicar amanhã ao juiz.*

[2] CAPITÃO MCCLUSKEY DECEPCIONADO:

— *Bem! Soltem-no* — [1] ACENANDO COM DESAGRADO E AFASTANDO-SE.

	(corte) [1] RUA EM FRENTE AO HOSPITAL, COM CARROS E HOMENS MOVIMENTANDO-SE NA ESCURIDÃO.
--	--

Planejamento do assassinato de Sollozzo

[1] NAS CASAS DE LONG BEACH, A ENTRADA PARA A ALAMEDA ESTAVA BLOQUEADA POR UM CARRO PRETO COMPRIDO, ESTACIONADO ESTRATEGICAMENTE BEM NA FRENTE, COM DOIS HOMENS ENCOSTADOS NA CAPOTA. [2] <u>AS DUAS CASAS DE CADA LADO, MICHAEL PERCEBEU, ESTAVAM COM AS JANELAS DO ANDAR SUPERIOR ABERTAS. PELO VISTO, SONNY ESTAVA REALMENTE DISPOSTO A TUDO.</u> [1] CLEMENZA ESTACIONOU O CARRO DO LADO DE FORA DA ALAMEDA E ELES ENTRARAM A PÉ. OS DOIS GUARDAS ERAM HOMENS DE CLEMENZA, E ELE FRANZIU AS SOBRANCELHAS PARA ELES COMO QUE OS CUMPRIMENTANDO. OS HOMENS ACENARAM COM A CABEÇA, COMPREENDENDO. NÃO HOUVE SORRISOS, NEM SAUDAÇÕES FALADAS. CLEMENZA CONDUZIU HAGEN E MICHAEL CORLEONE NA DIREÇÃO DA CASA. A PORTA FOI ABERTA POR OUTRO HOMEM DE GUARDA, ANTES QUE ELES TOCASSEM A CAMPAINHA. ELE EVIDENTEMENTE ESTIVERA OLHANDO DE UMA JANELA. FORAM ATÉ O ESCRITÓRIO DO CANTO E ENCONTRARAM SONNY E TESSIO ESPERANDO POR ELES. SONNY APROXIMOU-SE DE MICHAEL, TOMOU A CABEÇA DO IRMÃO MAIS MOÇO ENTRE AS MÃOS E FALOU EM TOM DE BRINCADEIRA: [3] — <i>Bonito, bonito.</i> <u>MICHAEL TIROU AS MÃOS DO IRMÃO VIOLENTAMENTE E FOI ATÉ A ESCRIVANINHA ONDE SE SERVIU DE UM POUCO DE UÍSQUE, [2] ESPERANDO QUE ISSO AMORTECESSE A DOR DA MANDÍBULA COSTURADA COM FIO METÁLICO.</u> [1] OS CINCO HOMENS SENTARAM-SE EM POLTRONAS ESPALHADAS PELA SALA, MAS O AMBIENTE ERA BEM DIFERENTE DAQUELE DAS PRIMEIRAS REUNIÕES QUE TIVERAM. SONNY	[1] FRENTE DA CASA DE DOM CORLEONE FORTEMENTE VIGIADA. CARRO CHEGA. GUARDAS PERMITEM QUE ENTRE. (corte) [1] MICHAEL E CLEMENZA SAEM DO CARRO. (corte) [1] DOIS HOMENS ARMADOS COM ESCOPETA NO ANDAR SUPERIOR OBSERVAM ELES SAINDO DO CARRO. (corte) [1] MICHAEL SAI DO CARRO E FECHIA A PORTA. (corte) [1] TESSIO VEM SAINDO DA CASA AO ENCONTRO DELES PARA CUMPRIMENTÁ-LOS. (corte) [1] MICHAEL, CLEMENZA E TESSIO: [2] CLEMENZA: — <i>Porque tanta gente?</i> [2] TESSIO: — <i>Depois do hospital, Sonny ficou furioso.</i> (corte) [1] DE COSTAS: CONSELHEIRO, MICHAEL E CLEMENZA. DE PERFIL (DE FRENTE PARA OS OUTROS): TESSIO. [2] TESSIO: — <i>Liquidamos Bruno Tattaglia às quatro da manhã.</i> (corte)
--	---

ESTAVA MAIS ALEGRE, MAIS ANIMADO, E [2] MICHAEL COMPREENDIA O QUE ESSA ALEGRIA SIGNIFICAVA. NÃO HAVIA MAIS DÚVIDA NA CABEÇA DE SEU IRMÃO MAIS VELHO. ELE ESTAVA DECIDIDO E NADA O AFASTARIA DE SUA DECISÃO. A TENTATIVA DE SOLLOZZO NA NOITE PASSADA FORA O ÚLTIMO CARTUCHO. NÃO PODIA HAVER MAIS QUALQUER POSSIBILIDADE DE TRÉGUA.

[3] — *Recebemos um telefonema do intermediário, enquanto você esteve ausente* — [1] INFORMOU SONNY PARA HAGEN. [3] — *O Turco quer uma reunião agora.*

[1] SONNY DEU UMA GARGALHADA.

[3] — *Que ousadia desse filho da puta!* — [1] DISSE ELE ADMIRADO. [3] — *Depois que ele deu azar ontem à noite quer uma reunião hoje ou amanhã. Enquanto isso, pensa que vamos esperar e receber o que ele quiser dar. Que audácia incrível!*

[3] — *Que respondeu você?* — [1] PERGUNTOU TOM CAUTELOSAMENTE.

[3] — *Eu disse, certamente, por que não?* —

[1] RESPONDEU SONNY COM SARCASMO. [3] — *A qualquer hora que ele quiser, não estou com pressa. Tenho cem homens na rua vinte e quatro horas por dia. Se Sollozzo puser um fio de cabelo de fora, está morto. Deixe que eles levem todo o tempo que quiserem.*

[3] — *Houve uma proposta concreta?* — [1] PERGUNTOU HAGEN.

[3] — *Sim* — [1] respondeu Sonny. [3] — *Ele quer que a gente mande Mike se encontrar com ele para ouvir a sua oferta. O intermediário garante que Mike não correrá perigo. Sollozzo não nos pede que garanta que ele próprio não corra perigo. Sollozzo sabe que não pode pedir isso. Nada de risco. Assim, a reunião será organizada por ele. O seu pessoal apanhará Mike e o levará para o local combinado. Mike ouvirá Sollozzo e depois eles o soltarão. Mas o lugar do encontro é secreto. Ele promete que o acordo é tão bom que não podemos rejeitar.*

[3] — *E os Tattaglia? Que farão eles a respeito de Bruno?* — [1] VOLTOU A PERGUNTAR HAGEN.

[3] — *Isso é parte do acordo. O intermediário diz que a Família Tattaglia concordou em acompanhar Sollozzo. Eles*

[1] DE FRENTE: CLEMENZA, MICHAEL, E CONSELHEIRO. TESSIO (PERFIL POR TRÁS).

[2] CLEMENZA:

— *Jesus Cristo* — [1] ACENANDO PARA ENTRAREM. PASSAM POR GUARDAS AO ENTRAREM PARA A CASA. [2] — *Isto parece uma Fortaleza!*

(corte)

[2] SONNY SORRIDENTE:

— *"Tom-anuch!"*. ([1] MOVIMENTA-SE PARA FALAR COM HAGEN). [2] — *Cem homens nas ruas, vinte e quatro horas por dia. Se o turco aparecer será morto.* ([1] DÁ UM TAPA NO BUMBUM DE HAGEN E VIRA-SE PARA MIKE). [2] — *Mike, deixe-me vê-lo.* ([1] MIKE POR TRÁS E SONNY DE FRENTE AO FUNDO).

(corte)

[1] MIKE E SONNY SE OLHANDO.

[2] SONNY:

— *Está lindo, lindo.*

(corte)

[1] MICHAEL SE AFASTANDO.

[2] SONNY PARA HAGEN:

— *Ouçá o Turco quer conversar. Que atrevido, esse canalha! Quer um encontro hoje.*

[2] HAGEN:

— *O que ele disse?* ([1] CLEMENZA POR TRÁS. SONNY EM PÉ E HAGEN SENTADO, AO FUNDO).

[2] SONNY:

— *Pibibi, Parará, pibibi. Pediu que mandássemos Michael...disse que nos fará uma boa proposta.*

(corte)

[1] MICHAEL SENTADO, DE PERFIL, OLHANDO PARA SONNY.

(corte)

[1] CLEMENZA, SONNY, HAGEN.

esquecerão o que aconteceu com Bruno Tattaglia. Ele pagou pelo que fizeram a meu pai. Uma coisa anula a outra.

[1] SONNY DEU OUTRA GARGALHADA.

[3] — *Esses canalhas atrevidos.*

[3] — *Devemos ouvir o que eles têm a dizer* — [1] PONDEROU HAGEN.

[1] SONNY BALANÇOU A CABEÇA DE UM LADO PARA OUTRO.

[3] — *Não, não consiglieri, não desta vez.*

[1] SUA VOZ DENUNCIAVA UM LEVE VESTÍGIO DE SOTAQUE ITALIANO. ESTAVA ARREMEDANDO CONSCIENTEMENTE O PAI, DE MODO ZOMBETEIRO.

[3] — *Nada mais de reuniões. Nada mais de discussões. Nada mais de truques de Sollozzo. Quando o intermediário entrar em contato conosco outra vez para ouvir a nossa resposta, quero que você lhe dê um recado. Quero Sollozzo. Senão, haverá uma guerra total. Iremos para os colchões, poremos todos os nossos homens na rua. Os negócios vão ter que sofrer as conseqüências.*

[3] — *As outras Famílias não tolerarão uma guerra total* — [1] RETRUCOU HAGEN. [3] — *Isso esquenta todo mundo.*

[1] SONNY DEU E OMBROS.

[3] — *Eles têm uma solução muito simples. Entregar-me Sollozzo. Ou brigar com a Família Corleone.*

[1] SONNY FEZ UMA PAUSA, DEPOIS ACRESCENTOU ASPERAMENTE:

[3] — *Nada mais de conselhos sobre como remediar a situação, Tom. A decisão está tomada. A sua tarefa é me ajudar a vencer. Compreendeu?*

[1] HAGEN BAIXOU A CABEÇA. PENSOU PROFUNDAMENTE POR UM MOMENTO. DEPOIS RESPONDEU:

[3] — *Falei com o seu contato no distrito policial. Ele diz que o Capitão McCluskey está decididamente na lista de pagamento de Sollozzo e recebendo uma bolada alta. Não só isso; McCluskey também vai receber dinheiro por conta do negócio de entorpecentes. McCluskey concordou em ser guarda-costas de Sollozzo. O Turco não vai por a cabeça fora da toca sem a proteção de McCluskey. Quando ele encontrar Mike para a entrevista, McCluskey estará sentado ao*

[2] HAGEN:

— *E Bruno Tattaglia?*

[2] SONNY:

— *Bruno fica pelo que fizeram a meu pai.*

[2] HAGEN:

— *Ouçamos a proposta.*

[2] SONNY (ELEVANDO A VOZ):

— *Não! Desta vez não, conselheiro. Não mais encontros, nem ciladas de Sollozzo. Diga-lhe que quero Sollozzo ou guerra total.*

[2] HAGEN (VOZ ELEVADA):

— *As outras famílias não querem guerra.*

[2] SONNY (VOZ ELEVADA):

— *Não ?*

[2] HAGEN (VOZ ELEVADA):

— *É negócio. Não é coisa pessoal.* ([1] LEVANTA-SE)

[2] SONNY:

— *Atiraram no meu pai* ([1] ANDANDO).

[2] HAGEN:

— *Até isso foi questão de negócio* ([1] ANDANDO).

[1] (CLEMENZA, MICHAEL, SONNY E HAGEN NA MESMA TOMADA).

[2] SONNY:

— *Então o negócio já era. Não me dê conselhos de paz. Ajude-me a vencer.* ([1] OS DOIS PRÓXIMOS À MESA. SONNY CONTORNANDO E SENTANDO NA CADEIRA. HAGEN SEGUINDO-O, FICA DE PÉ A SEU LADO).

[2] HAGEN:

— *Eu me informei sobre o capitão McCluskey. Recebe dinheiro de Sollozzo. Muito dinheiro. McCluskey é guarda-costas do Turco. Compreenda, Sonny. Com essa proteção, Sollozzo é invulnerável. Ninguém matou um capitão da polícia de Nova York. As cinco Famílias ficariam contra você, Sonny. Ficariamos no ostracismo. Até nossa*

lado dele. À paisana, mas portando seu revólver. Agora o que você precisa compreender, Sonny, é que enquanto Sollozzo estiver protegido dessa maneira ele será invulnerável. Ninguém até hoje abateu um capitão de polícia de Nova Iorque sem que deixasse de pagar por isso. O ambiente para nós nessa cidade ficaria insuportável, com jornais, o departamento de polícia inteiro, as igrejas, tudo. Isso seria um desastre completo. As Famílias viriam em cima de você. A Família Corleone estaria condenada. Até a proteção política do velho desapareceria. Assim, leve tudo isso em conta.

[1] SONNY DEU DE OMBROS.

[3] — *McCluskey não pode ficar a vida toda com o Turco. Nós esperamos.*

[1] TESSIO E CLEMENZA ESTAVAM TIRANDO BAFORADAS DE SEUS CHARUTOS TRANQÜILAMENTE, NÃO SE ATREVENDO A FALAR, MAS SUANDO. ERA A PELE DELES QUE CORRIA MAIOR PERIGO, SE FOSSE TOMADA A DECISÃO ERRADA.

MICHAEL FALOU PELA PRIMEIRA VEZ, DIRIGINDO-SE A HAGEN:

[4] — *Será que o velho pode ser transferido do hospital aqui para a alameda?*

[1] HAGEN BALANÇOU A CABEÇA NEGATIVAMENTE.

[3] — *Isso foi a primeira coisa que perguntei. Impossível. Ele está em péssimas condições. Ficar bom, mas por enquanto precisa de toda a atenção, talvez de mais alguma operação. Impossível.*

[4] — *Então é preciso liquidar Sollozzo imediatamente* — [1] ATALHOU MICHAEL. [4] — *Não podemos esperar. O tipo é muito perigoso. Daqui a pouco ele vem com uma idéia nova. Lembre-se, o importante para ele é se livrar do velho. Ele sabe disso, mas sabe que agora é muito difícil, assim está querendo aceitar a derrota em troca de sua vida. Mas se ele vai ser assassinado de qualquer modo, tentará matar novamente Dom Corleone. E, com o seu capitão da polícia ajudando-o, quem sabe que diabo pode acontecer? Não podemos correr esse risco. Temos de liquidar Sollozzo imediatamente.*

proteção política nos desertaria.

(corte)

[1] SONNY (DE FRENTE) SENTADO PENSANDO, HAGEN (VISTO POR TRÁS) DE PERFIL.

[2] HAGEN:

— *Faça-me um favor. Pense nisso.*

(corte)

[1] HAGEN SENTADO PRÓXIMO A SONNY, DESAPERTANDO O NÓ DA GRAVATA.

(corte)

[2] SONNY SENTADO:

— *Bem. Vamos esperar.*

(corte)

[1] CONSELHEIRO LEVANTA-SE E VAI CRUZANDO A SALA PASSANDO POR MICHAEL SENTADO.

[3] MICHAEL:

— *Não podemos esperar. Negócio ou não, Sollozzo quer matar papai. Ponto final. Temos de liquidar Sollozzo.*

[2] HAGEN (SENTADO AO FUNDO):

— *Mike tem razão.*

[2] SONNY:

— *E o que faremos com esse McCluskey?* (

[1] APERECENDO NA FRENTE DA CENA). [2] *O que faremos com esse policial?*

[3] MICHAEL:

— *Querem um encontro comigo, não? Seremos eu McCluskey e Sollozzo. Vamos arranjar o encontro. Vamos saber onde será. Exigiremos um lugar público. Um bar ou restaurante onde haja gente, para minha proteção. Eles me revistarão, não? Não posso ir armado ([1] CÂMERA APROXIMANDO DE MICHAEL). Mas se Clemenza conseguir colocar uma arma lá para mim.. então, eu matarei ambos.*

(corte)

[1] SONNY SENTADO NUM BRAÇO DE UMA POLTRONA ATENTO AO QUE MIKE FALAVA.

[1] SONNY ESTAVA COÇANDO O QUEIXO PENSATIVAMENTE.	OUVE-SE UM SORRISO PRESO DE CLEMENZA.
[3] — <i>Você tem razão, garoto</i> — [1] DISSE ELE. [3] — <i>Você atingiu o alvo em cheio. Não podemos permitir que Sollozzo tente novamente matar o velho.</i>	(corte) [1] CLEMENZA SENTADO COMEÇANDO A SORRIR.
[3] — <i>E o Capitão McCluskey?</i> — [1] PERGUNTOU HAGEN CALMAMENTE. SONNY VOLTOU-SE PARA MICHAEL COM UM SORRISO MEIO ESQUISITO.	(corte) [1] TESSIO SORRINDO ALTO.
[3] — <i>Sim, garoto, e esse duro capitão de polícia?</i>	(corte) [1] SONNY SORRINDO LARGAMENTE.
[1] MICHAEL RESPONDEU DE MODO VAGAROSO:	(corte) [1] HAGEN SÉRIO.
[4] — <i>Está bem, é uma coisa extrema. Mas há ocasiões em que as medidas mais extremas são justificáveis. Vamos pensar então que teremos que matar McCluskey. O meio de fazê-lo seria conseguir que ele ficasse tão implicado nisso que não fosse um honesto capitão de polícia cumprindo o seu dever, mas um policial corrupto metido com bandidos que acabou por merecer o que lhe aconteceu, como teria acontecido a qualquer sujeito safado. Temos gente da imprensa na nossa lista de pagamento a quem podemos dar essa história com provas bastantes para que os jornais divulguem a notícia detalhadamente. Isso abrandaria as coisas. Que parece isso?</i>	(corte) [1] SONNY SORRIDENTE APROXIMANDO-SE DE MIKE: [2] — <i>O universitário que não queria saber de nossos negócios!</i> ([1] PRÓXIMO A MIKE): [2] — <i>Agora quer matar um capitão porque o esbofeteou?</i> ([1] PASSA A MÃO NO QUEIXO DE MIKE) [2] — <i>No exército matava de longe !</i> (corte) [1] MIKE SENTADO, OLHANDO PARA SONNY. (corte) [1] SONNY FALANDO PARA MIKE:
[1] MICHAEL OLHOU ATENTAMENTE PARA OS CIRCUNSTANTES. TESSIO E CLEMENZA ESTAVAM TACITURNOS E RECUSARAM-SE A FALAR, SONNY RESPONDEU COM O MESMO SORRISO MEIO ESQUISITO.	[2] — <i>Aqui, atira de perto, e os miolos vão sujar seu terno.</i> ([1] GRITANDO): [2] — <i>Considera caso pessoal.</i> ([1] SE AFASTANDO E PASSANDO NA FRENTE DA CÂMERA).
[3] — <i>Continue a falar, garoto, você está indo muito bem. Deixemos as crianças falar, como o velho gostava sempre de dizer.. Prossiga, Mike, diga-nos mais alguma coisa.</i>	[1] (MIKE DISCORDA COM A CABEÇA): — Não se mata um policial?
[1] HAGEN TAMBÉM ESTAVA RINDO UM POUCO E DESVIANDO A CABEÇA. MICHAEL FICOU VERMELHO.	(corte) [1] HAGEN SENTADO: [2] — <i>Vamos lá Michael?</i>
[4] — <i>Bem, eles querem que eu vá a uma entrevista com Sollozzo. Seremos eu, Sollozzo e McCluskey por nossa própria conta. Combinem a reunião para daqui a dois dias, depois procurem fazer os nossos informantes descobrir onde a mesma será realizada. Insistam em que deverá ser um lugar público, pois não vou permitir que me</i>	(corte) [3] MICHAEL: — <i>Um policial que mexe com drogas. Um policial desonesto que se uniu à quadrilha e merece uma bala!</i>
	(corte) [1] HAGEN OUVINDO.

levem para apartamentos ou casas. Poderá ser um restaurante ou um bar em plena hora do jantar, ou algo parecido, de forma que eu me sinta seguro. Eles se sentirão seguros também. Nem Sollozzo imaginará que nos atreveremos a atirar no capitão. Eles me revistarão quando eu encontrá-los, assim terei de estar desarmado, mas inventem um meio de me passar uma arma enquanto eu estiver com eles. Então, liquidarei os dois.

[1] AS QUATRO CABEÇAS SE VIRARAM E OLHARAM PARA ELE ESPANTADOS. HAGEN OLHOU UM POUCO TRISTE, MAS NÃO SURPRESO. ELE COMEÇOU A FALAR E A PENSAR MELHOR NO ASSUNTO. MAS SONNY, COM SUA ENORME CABEÇA DE CUPIDO MOVENDO-SE DE ALEGRIA, IRROMPEU BRUSCAMENTE EM ALTAS GARGALHADAS. ERAM GARGALHADAS PROFUNDAMENTE ESPONTÂNEAS, NÃO SIMULADAS. ESTAVA REALMENTE ESTOURANDO DE RIR. ELE APONTOU COM O DEDO PARA MICHAEL, PROCURANDO FALAR POR ENTRE ARRANCOS DE HILARIDADE.

[3] — *Você, o garoto da escola de alta classe, nunca quis se meter nos negócios da família. Agora quer matar um capitão da polícia e o Turco porque McCluskey lhe amassou a cara. Você está tomando a coisa em caráter pessoal, isso é apenas negócio e não uma oportunidade para se vingar. Quer matar esses dois sujeitos só porque apanhou na cara. Isso foi apenas um lance de dados. Todos esses anos tem sido assim.*

[1] CLEMENZA E TESSIO, SEM COMPREENDER NADA, PENSANDO QUE SONNY ESTIVESSE ACHANDO GRAÇA DA BRAVATA DO IRMÃO MAIS MOÇO EM FAZER TAL PROPOSTA, TAMBÉM ESTAVAM RINDO FRANCAMENTE, EMBORA DE UM MODO UM TANTO INDULGENTE PARA MICHAEL. SÓ HAGEN PRECAVIDAMENTE MANTINHA-SE IMPASSÍVEL. MICHAEL CORREU O OLHAR POR TODOS ELES, DEPOIS FIXOU A VISTA EM SONNY, QUE AINDA NÃO PODIA PARAR DE RIR.

[3] — *Você liquidará os dois?* — [1] PERGUNTOU SONNY. [3] — *Olhe aqui, garoto, eles não lhe darão medalhas por isso, eles o levarão à cadeira elétrica. Você sabe disso? Isso não é trabalho para heróis,*

(corte)

[3] MICHAEL:

— Uma reportagem sensacional. Os jornais estão conosco?

(corte)

[1] HAGEN ACENA QUE SIM.

(corte)

[3] MICHAEL:

— Gostariam desse furo.

(corte)

[3] MICHAEL OLHANDO PARA SONNY:

— Não é pessoal Sonny. É puro negócio.

garoto, você não vai atirar em gente a quase dois quilômetros de distância. Você vai atirar quando vir o branco dos olhos deles, como nos ensinaram na escola, lembra-se? Você vai ter que ficar bem pertinho deles e estourar a cabeça deles e ver os miolos escorrer pela sua roupa limpinha de bom moço. Que é que tem a dizer, garoto, você quer fazer isso só porque um polícia estúpido lhe bateu?

[1] SONNY AINDA ESTAVA RINDO.

[4] — É melhor você parar de rir — [1] DISSE ELE.

[1] A TRANSFORMAÇÃO QUE MICHAEL SOFREU FOI TÃO EXTRAORDINÁRIA QUE OS SORRISOS DESAPARECERAM DOS ROSTOS DE CLEMENZA E TESSIO. MICHAEL NÃO ERA ALTO NEM DE CONSTITUIÇÃO ROBUSTA, MAS A SUA PRESENÇA PARECIA IRRADIAR PERIGO. NESSE MOMENTO, ELE ERA A REENCARNAÇÃO DO PRÓPRIO DOM CORLEONE. SEUS OLHOS ADQUIRIAM UM TOM CASTANHO PÁLIDO E SEU ROSTO ESTAVA COMPLETAMENTE BRANCO. PARECIA ESTAR DISPOSTO A SE ATRINCAR A QUALQUER MOMENTO SOBRE O IRMÃO MAIS VELHO E MAIS FORTE. NÃO HAVIA DÚVIDA DE QUE, SE ELE TIVESSE UMA ARMA NA MÃO, SONNY ESTARIA EM PERIGO; SONNY PAROU DE RIR, E MICHAEL PERGUNTOU-LHE NUMA VOZ EXTREMAMENTE FRIA:

[4] — Você pensa que não sou capaz de fazê-lo, seu sacana?

[1] SONNY HAVIA CONSEGUIDO DOMINAR O ATAQUE DE RISO.

[3] — *Sei que você é capaz de fazê-lo* — [1] RESPONDEU ELE. [3] — *Eu não estava debochando de que você disse. Estava apenas rindo por ver como as coisas se tornam engraçadas. Eu sempre disse que você era o mais duro da família, mais duro do que o próprio velho. Você era o único que podia agüentar papai. Eu me lembro quando você era criança. Que gênio você tinha então. Diabo, você até gostava de brigar comigo, que era muito mais velho do que você. E Freddie tinha de lhe agüentar a fúria pelo menos uma vez por semana. E agora Sollozzo pensa que você é o moleirão da Família porque você apanhou de McCluskey*

sem revidar e não quer se meter nas brigas da Família. Ele acha que não precisa se preocupar, se encontrar com você frente a frente. E McCluskey também, ele pensa que você é um carcamano frouxo.

[1] SONNY FEZ UMA PAUSA E DEPOIS CONTINUOU BRANDAMENTE.

[3] — *Mas, afinal de contas, você é um Corleone, seu sacana. E eu era o único que sabia disso. Estou aqui sentado a três dias, desde que o velho foi baleado, esperando que você tire essa máscara cagada de bom moço, de herói de guerra, que você estava usando. Estou aqui esperando que você se torne meu braço direito para que a gente possa liquidar esses patifes que estão procurando destruir nosso pai e nossa família. E foi preciso apenas um murro na cara. Que tal lhe parece isso?* — [1] SONNY FEZ UM GESTO CÔMICO COM A MÃO, E REPETIU: — [3] *Que lhe parece isso?*

[3] A TENSÃO BAIXOU IMEDIATAMENTE NA SALA. MIKE BALANÇOU A CABEÇA.

[4] — *Sonny, estou fazendo isso porque é a única coisa que está ao meu alcance. Não posso dar a Sollozzo outra oportunidade de atacar o velho. Parece que sou o único que posso chegar bem perto dele. E refleti bastante na coisa. Penso que você não conseguirá outra pessoa para eliminar um capitão da polícia. Talvez você o fizesse, Sonny mas você tem mulher e filhos e precisa dirigir os negócios da Família até o velho entrar em forma. Assim só restam Freddie e eu. Freddie se acha em estado de choque e fora de ação. Finalmente, resta apenas eu. Tudo é lógico. O murro na cara não tem nada a ver com isso.*

[1] SONNY APROXIMOU-SE DELE E O ABRAÇOU.

[3] — *Não dou a menor importância às razões que você apresente, desde que você esteja agora conosco. E vou dizer a você outra coisa, você está sempre certo. Tom, que diz você?*

[1] HAGEN DEU DE OMBROS.

[3] — *O argumento é válido. O que me faz pensar assim é que penso que o Turco não está sendo sincero a respeito de um acordo. Acho que ainda tentará apanhar Dom*

Corleone. De qualquer modo, pelo seu comportamento no passado, isso é o que podemos imaginar dele. Assim, temos de procurar eliminar Sollozzo. Temos de matá-lo, mesmo que tenhamos de liquidar o capitão da polícia também. Mas quem executar o trabalho vai ter de sofrer o diabo. Tem de ser Mike?

[3] — *Eu podia fazer isso* — [1] RESPONDEU SONNY BRANDAMENTE.

[1] HAGEN BALANÇOU A CABEÇA IMPACIENTEMENTE.

[3] — *Sollozzo não deixaria você chegar a dois quilômetros de distância dele nem que estivesse em companhia de dez capitães da polícia. Além disso, você é chefe interino da Família. Não pode se expor ao perigo.*

[1] HAGEN FEZ UMA PAUSA E PERGUNTOU A CLEMENZA E TESSIO:

[3] — *Algum de vocês dois tem um homem de categoria, alguém realmente especial, que pudesse encarregar-se desse trabalho? Ele não precisaria se preocupar com dinheiro pelo resto da vida.*

Clemenza falou primeiro.

[3] — *Não poderia ser alguém que Sollozzo não conhecesse, pois ele desconfiaria na hora. O mesmo aconteceria se fosse eu ou o Tessio.*

[3] — *Que tal alguém realmente duro que ainda não fez cartaz, um tipo com cara de bobo?* — [1] PERGUNTOU HAGEN.

[1] OS DOIS CAPOREGIMES BALANÇARAM AS CABEÇAS NEGATIVAMENTE. TESSIO SORRIU PARA ABRANDAR O QUE IA DIZER E RESPONDEU:

[3] — *Isso é como tirar um sujeito da liga barbante para disputar o campeonato mundial.*

[3] — *Tem de ser Mike* — [1] ATALHOU SONNY RISPIDAMENTE. [3] — *Por um milhão de razões. A mais importante é que eles o desmoralizaram. E ele pode executar o trabalho, garanto isso, o que é importante porque esse é o único golpe que podemos dar nesse nojento Turco. Assim, temos de imaginar o melhor meio de ajudá-lo. Tom, Clemenza e Tessio, descubram para onde Sollozzo o levará a fim de realizar a reunião, não me importo quanto custará isso. Quando*

descobriremos, poderemos imaginar um meio de fazer uma arma chegar às suas mãos. Clemenza, quero que você arranje para ele uma arma completamente segura de sua coleção, a mais fria que você tiver. Impossível de se identificar a quem pertence. Procure fazê-la de cano curto com um bocado de pólvora de explosão. Não precisa estar bem calibrada. Ele estará bem em cima deles quando atirar. Mike, assim que você tiver atirado, jogue a arma no chão. Não se deixe apanhar com ela na mão. Clemenza, enrole o cano e o gatilho com esse negócio especial que você tem para não deixar impressões digitais. Lembre-se, Mike, podemos subornar tudo, testemunhas, etc., mas se o apanharem com a arma na mão vai ser difícil resolver isso. Teremos transporte e proteção, depois faremos você desaparecer para umas boas longas férias até que a situação se acalme. Você vai estar ausente por muito tempo, Mike, mas não quero que você se despeça de sua garota nem mesmo que telefone para ela. Depois que tudo estiver terminado e você estiver fora do país, mandarei dizer a ela que você está bem. Estas são as ordens.

[1] SONNY SORRIU PARA O IRMÃO.

[3] — Agora vá com Clemenza e se acostume a manejar a arma que ele escolher para você. Talvez seja preciso praticar um pouco. Eu cuidarei de tudo o mais. Tudo. Está bem, garoto?

[1] OUTRA VEZ, MICHAEL CORLEONE SENTIU AQUELE DELICIOSO FRIO REFRESCANTE PERCORRER-LHE TODO O CORPO. ELE DISSE PARA O IRMÃO:

[4] — Você não devia ter falado essa bobagem a respeito de não falar com minha garota sobre uma coisa como essa. Que diabo você pensava que eu ia fazer, telefonar para ela para dizer adeus?

[3] — Está bem, mas você ainda é um caipira e assim tenho de lhe lembrar bem as coisas. Esqueça isso — [1] RETRUCOU SONNY.

[4] — Que diabo você quer dizer com caipira? — [1] PERGUNTOU MICHAEL SARCASTICAMENTE. [4] — Prestei tanta atenção no velho quanto você. Como acha que fiquei tão esperto?

[1] AMBOS DERAM UMA GARGALHADA. [1] HAGEN SERVIU BEBIDAS PARA TODOS. PARECIA UM POUCO TACITURNO. [2] <u>O ESTADISTA OBRIGADO A IR PARA A GUERRA, O ADVOGADO OBRIGADO A IR PARA SUA BANCA.</u> [3] — Bem, de qualquer forma, agora sabemos o que é que vamos fazer — [1] <i>DECLAROU ELE.</i> (Puzo, p. 143 – 151)	
---	--

O encontro e assassinato de Sollozzo

[1] MICHAEL CORLEONE POSTOU-SE EM FRENTE AO RESTAURANTE DE JACK DEMPSEY, NA BROADWAY, À ESPERA DE QUE O APANHASSEM. OLHOU PARA O SEU RELÓGIO. FALTAVAM CINCO MINUTOS PARA AS OITO HORAS. SOLLOZZO IA SER PONTUAL. MICHAEL TINHA-SE ASSEGURADO DE QUE HAVIA CHEGADO BEM ANTES DA HORA MARCADA. ESTAVA ESPERANDO HÁ UNS QUINZE MINUTOS. [2] <u>DURANTE A VIAGEM DE LONG BEACH PARA A CIDADE, MICHAEL PROCURARA ESQUECER O QUE DISSERA A HAGEN. POIS, SE ELE ACREDITASSE NO QUE DISSERA, ENTÃO A SUA VIDA ESTARIA COLOCADA NUM CURSO IRREVOGÁVEL. CONTUDO, PODERIA SER DIFERENTE DEPOIS DAQUELA NOITE? ELE SERIA ASSASSINADO DEPOIS DAQUELA NOITE, SE NÃO PARASSE TODA AQUELA BESTEIRA, MICHAEL PENSOU MELANCOLICAMENTE. TINHA DE MANTER TODA A ATENÇÃO NO TRABALHO QUE IA EXECUTAR. SOLLOZZO NÃO ERA IDIOTA E MCCLUSKEY ERA UM SUJEITO DURO. SENTIU A DOR NA SUA MANDÍBULA PRESA COM FIO METÁLICO E FICOU SATISFEITO, POIS ELA O FARIA FICAR ALERTA.</u> [1] A BROADWAY NÃO ESTAVA TÃO MOVIMENTADA NAQUELA NOITE FRIA DE INVERNO, EMBORA JÁ ESTIVESSE QUASE NA HORA DO INÍCIO DAS SESSÕES DE TEATRO. MICHAEL RECUOU QUANDO UM CARRO PRETO COMPRIDO PAROU NO MEIO-FIO E O MOTORISTA, INCLINANDO-SE, ABRIU A PORTA DA FRENTE E DISSE:	[1] MIKE EM FRENTE DO RESTAURANTE DEMPSEYS (MÚSICA DE SUSPENSE)(MOVIMENTO DE PESSOAS NA RUA). (corte) [1] CÂMERA APROXIMA DE MICHAEL ATÉ MEIO CORPO. (corte) [1] CARRO CHEGA, ABRE A PORTA E MICHAEL ENTRA. CARRO SE AFASTA. (corte) [1] MIKE EM PRIMEIRO PLANO DENTRO DO CARRO. UMA MÃO BATE EM SEU OMBRO, É SOLLOZZO NO BANCO TRASEIRO NA OBSCURIDÃO. [2] SOLLOZZO: — <i>Estou feliz por isto. Espero que dê tudo certo.</i> (corte) [1] MCCLUSKEY NO BANCO TRASEIRO. [2] SOLLOZZO: — <i>Foi horrível o que aconteceu. Não deveria ter acontecido.</i> (corte) [1] MIKE EM CLOSE(PRIMEIRO PLANO).SOLLOZZO EM SEGUNDO PLANO POR TRÁS DE MICHAEL).
--	---

[3] — <i>Entre, Mike.</i> [1] <i>MICHAEL NÃO CONHECIA O MOTORISTA, UM RAPAZ DE CABELO PRETO GLOSTORADO E CAMISA ESPORTE. NO ASSENTO TRASEIRO ESTAVAM O CAPITÃO MCCLUKEY E SOLLOZZO. SOLLOZZO ESTENDEU A MÃO POR CIMA DAS COSTAS DO ASSENTO, E MICHAEL APERTOU-A. A MÃO ESTAVA FIRME, QUENTE E ENXUTA. SOLLOZZO FALOU:</i> [3] — <i>Estou contente por você ter vindo, Mike. Espero que possamos acertar as coisas. Isso tudo é horrível, não é absolutamente como eu queria que as coisas acontecessem. Nunca deveria ter acontecido isso.</i> [4] — <i>Espero que possamos acertar tudo esta noite</i> — [1] ADIANTOU MICHAEL CALMAMENTE [4] — <i>não quero que aborreçam mais o meu pai.</i> [3] — <i>Não o aborrecerão mais</i> — [1] RETRUCOU SOLLOZZO SINCERAMENTE. [3] — <i>Juro pelos meus filhos que não o aborrecerão mais. Seja compreensivo quando falarmos. Espero que você não seja esquentado como seu irmão Sonny. É impossível tratar de negócios com ele.</i> [3] — <i>Ele é um bom menino, é um menino direito</i> — [1] AJUNTOU O CAPITÃO MCCLUSKEY. [1] INCLINOU-SE PARA DAR UMA PALMADINHA CORDIAL NO OMBRO DE MICHAEL E PROSSEGUIU: [3] — <i>Lamento o que aconteceu outra noite, Mike. Estou ficando muito velho para o meu trabalho, muito rabugento. Acho que vou ter de me aposentar muito cedo. Não posso suportar contrariedades, o dia todo eu tenho contrariedades. Você sabe como é.</i> [1] DEPOIS, COM UM SUSPIRO MELANCÓLICO, ELE FEZ UMA REVISTA COMPLETA EM MICHAEL, A FIM DE VERIFICAR SE ELE ESTAVA ARMADO. [2] <i>MICHAEL PERCEBEU UM LEVE SORRISO NOS LÁBIOS DO MOTORISTA.</i> [1] O CARRO ESTAVA INDO PARA OESTE SEM QUALQUER TENTATIVA APARENTE DE DESPISTAR QUEM QUER QUE O TIVESSE SEGUINDO. PROSSEGUIU NA DIREÇÃO DA ESTRADA DE WEST SIDE, AUMENTANDO E DIMINUINDO A VELOCIDADE. QUALQUER CARRO QUE O ESTIVESSE SEGUINDO TERIA DE	[3] MICHAEL: — <i>Resolvo tudo hoje para não tornarem a amolar meu pai.</i> [2] SOLLOZZO: — <i>Ele não será importunado juro a você. Mas seja razoável conosco. Não como seu irmão Sonny. Com ele não se pode tratar.</i> [2] MCCLUSKEY 2º PLANO — VOZ: — <i>Mike é bom rapaz.</i> ([1] DÁ TAPINHA NO OMBRO DE MIKE. MIKE OLHA PARA A MÃO DE MCCLUSKEY) — <i>Lamento o que houve entre nós. Tenho de revistá-lo. De joelhos,</i> ([1] MIKE TIRA O CHAPÉU) <i>voltado para mim. Estou ficando velho para o meu cargo. Sou rabugento...</i> (corte) [1] SOLLOZZO NA PENUMBRA, OBSERVANDO [2] MCCLUSKEY: ... — <i>Irrito-me facilmente. Compreende?</i> (corte) [1] MCCLUSKEY SE AJEITANDO NO BANCO DE TRÁS: — <i>Está desarmado.</i> (corte) [1] SOLLOZZO OBSERVANDO. (corte) [1] MICHAEL SE AJEITANDO NO BANCO — COLOCANDO CHAPÉU. (corte) [1] CARRO PASSANDO NA RUA E ENTRANDO NUMA PONTE. (corte) [1] <i>MOTORISTA DIRIGINDO.</i> (corte) [1] <i>RUA SOBRE PONTE ILUMINADA.</i> (corte) [1] <i>MICHAEL OBSERVANDO.</i> (corte) [1] <i>CARRO PASSANDO POR PLACA DE SINALIZAÇÃO: PARA NEW JERSEY.</i>
--	---

FAZER O MESMO. ENTÃO, [2] PARA CONSTERNAÇÃO DE MICHAEL, ELE TOMOU O CAMINHO DE SAÍDA PARA A PONTE GEORGE WASHINGTON. ESTAVAM INDO PARA NOVA JERSEY. [2] QUEM QUER QUE TIVESSE FORNECIDO A SONNY A INFORMAÇÃO SOBRE O LUGAR EM QUE SE REALIZARIA A REUNIÃO TINHA DADO UMA INFORMAÇÃO ERRADA.

O CARRO FOI ABRINDO CAMINHO PELAS VIAS DE ACESSO DA PONTE E DAÍ A POUCO ESTAVA ATRAVESSANDO-A, DEIXANDO A CIDADE RESPLANDESCENTE PARA TRÁS. MICHAEL MANTINHA O ROSTO IMPASSÍVEL. [2] IRIAM ELES ATIRÁ-LO NOS PÂNTANOS OU ERA APENAS UMA MODIFICAÇÃO DE ÚLTIMA HORA DO LUGAR DA REUNIÃO FEITA PELO ASTUTO SOLLOZZO? [1]

MAS, QUANDO ESTAVAM QUASE INTEIRAMENTE DO OUTRO LADO, O MOTORISTA DEU UMA VIRADA VIOLENTA NA DIREÇÃO. O PESADO AUTOMÓVEL DEU UM SALTO NO AR QUANDO ATINGIU A LINHA DIVISÓRIA E CAIU COM FORÇA NAS VIAS DE RETORNO A NOVA IORQUE. TANTO MCCLUSKEY QUANTO SOLLOZZO OLHAVAM PARA TRÁS PARA VER SE ALGUÉM TENTAVA FAZER A MESMA COISA. O MOTORISTA ESTAVA REALMENTE VOLTANDO PARA NOVA IORQUE E LOGO ELES ESTAVAM FORA DA PONTE E SE DIRIGINDO PARA O BRONX, NO LESTE DA CIDADE. ATRAVESSARAM RUAS LATERAIS SEM QUALQUER CARRO ATRÁS DELES. JÁ ERAM ENTÃO QUASE NOVE HORAS. TINHAM-SE ASSEGURADO DE QUE NINGUÉM ESTAVA SEGUINDO A PISTA DELES. SOLLOZZO ACENDEU UM CIGARRO DEPOIS DE OFERECER O MAÇO A MCCLUSKEY E MICHAEL, TENDO AMBOS RECUSADO. SOLLOZZO DISSE PARA O MOTORISTA:

[3] — *Belo trabalho. Não esquecerei isso.*

[1] DEZ MINUTOS MAIS TARDE, O CARRO PAROU EM FRENTE A UM RESTAURANTE NUMA PEQUENA ZONA DE ITALIANOS. NÃO HAVIA NINGUÉM NAS RUAS E, DEVIDO AO ADIANTADO DA HORA, APENAS POUCAS PESSOAS AINDA ESTAVAM JANTANDO. [2] MICHAEL TEVE RECEIO DE QUE O MOTORISTA ENTRASSE COM ELES NO RESTAURANTE. [1] MAS ELE PERMANECIU LÁ FORA COM O CARRO. [2] O INTERMEDIÁRIO NÃO MENCIONARA O MOTORISTA, NINGUÉM O MENCIONARA.

(corte)

[3] MICHAEL:

— *Vamos para New Jersey?*

(corte)

[2] SOLLOZZO:

— Talvez.

(corte)

[1] MICHAEL SÉRIO.

(corte)

[1] MCCLUSKEY SÉRIO.

(corte)

[1] MOTORISTA OLHANDO NO RETROVISOR INTERNO.

(corte)

[1] CARRO ULTRAPASSA OUTRO CARRO PELA DIREITA E DE REPENTE FAZ MANOBRA VIOLENTA PASSANDO SOBRE O CANTEIRO E TOMANDO A PISTA DE SENTIDO OPOSTO.

(corte)

[1] PESSOAS SENDO SACUDIDAS DENTRO DO CARRO PELA MANOBRA.

(corte)

[1] CARRO TOMANDO A PISTA OPOSTA NO FIM DA PONTE.

(corte)

[1] MICHAEL SURPRESO.

(corte)

[1] SOLLOZZO PARABENIZANDO O MOTORISTA:
— Ótimo, Lou.

(corte)

[1] MICHAEL SURPRESO SE TRANQUILIZANDO.

(corte)

[1] CARRO NA RUA CANTANDO PNEUS E FAZENDO ULTRAPASSAGEM.

(corte)

[1] CARRO CHEGANDO E ESTACIONANDO EM FRENTE AO RESTAURANTE LOUIS.

TECNICAMENTE, SOLLOZZO INFRINGIRA O ACORDO TRAZENDO-O CONSIGO. MAS MICHAEL RESOLVEU NÃO FALAR NO ASSUNTO, SABENDO QUE PENSARIAM QUE ELE ESTAVA COM MEDO DE FALAR NISSO PARA ESTRAGAR AS POSSIBILIDADES DE ÊXITO DAS NEGOCIAÇÕES.

OS TRÊS SENTARAM-SE NUMA ÚNICA MESA REDONDA EXISTENTE, TENDO SOLLOZZO SE RECUSADO A SENTAR NUM RESERVADO. HAVIA APENAS DUAS OUTRAS PESSOAS NO RESTAURANTE. [2] MICHAEL PENSOU QUE TALVEZ FOSSEM HOMENS DE SOLLOZZO. MAS NÃO IMPORTAVA. ANTES QUE ELES PUDESSEM INTERVIR, ESTARIA TUDO TERMINADO. [1] McCLUSKEY PERGUNTOU COM VERDADEIRO INTERESSE:

[3] — *Será que a comida italiana é boa aqui?*

[1] SOLLOZZO TRANQUILIZOU-O:

[3] — *Experimente a vitela, é a melhor de Nova Iorque.*

O GARÇOM SOLITÁRIO TROUXE UMA GARRAFA DE VINHO PARA A MESA E ABRIU-A. ENCHEU TRÊS COPOS. SURPREENDENTEMENTE, McCLUSKEY NÃO BEBEU.

[3] — *Devo ser o único escocês que não bebe — afirmou ele. — Tenho visto muita gente boa se meter em complicações por causa da bebida.*

[1] SOLLOZZO DISSE BRANDAMENTE PARA O CAPITÃO:

[3] — *Vou falar italiano com Mike, não porque eu não confie em você, mas porque não posso me explicar muito bem em inglês e quero convencer Mike de que estou bem intencionado, que é vantagem para todos nós que chegemos a um acordo esta noite. Não se ofenda com isso, não é que eu não confie em você.*

[1] O CAPITÃO McCLUSKEY RESPONDEU RINDO IRONICAMENTE PARA OS DOIS:

[3] — *Certamente, vocês dois podem conversar à vontade. Vou me concentrar na vitela com espagete.*

[1] SOLLOZZO COMEÇOU A FALAR PARA MICHAEL RAPIDAMENTE EM SICILIANO:

[3] — *Você deve compreender que o que aconteceu entre mim e seu pai foi uma questão estritamente de negócios. Tenho um grande respeito por Dom Corleone e*

(corte)

[1] MICHAEL ALIVIADO.

(corte)

[1] CARRO ESTACIONADO E PASSAGEIROS SAINDO, EM FRENTE AO RESTAURANTE LOUIS.

(corte)

[1] VISTA AMPLA INTERNA DO RESTAURANTE, PESSOAS SENTADAS. MUITAS MESAS VAZIAS.

(corte)

[1] SOLLOZZO SENTADO, GARÇOM CHEGANDO. MICHAEL DE RELANCE DE COSTAS.

(corte)

[1] MICHAEL DE FRENTE, OMBRO E CABEÇA DE SOLLOZZO PARCIALMENTE DE COSTAS.

(corte)

[2] McCLUSKEY:
— Que tal a comida italiana aqui?

[2] SOLLOZZO:
— Ótima...

(corte)

[1] SOLLOZZO, GARÇOM, MICHAEL (VISTO DE COSTAS).

[2] SOLLOZZO:
... — Prove a vitela. É ótima.

[2] VOZ DE McCLUSKEY
— Provarei.

(corte)

[1] MICHAEL OBSERVANDO.

(corte)

[1] GARÇOM ABRINDO O VINHO. SOLLOZZO OBSERVANDO. OLHA PARA MICHAEL.

(corte)

[1] MICHAEL OLHANDO PARA SOLLOZZO.

(corte)

[1] GARÇOM ABRINDO VINHO. SOLLOZZO VOLTA A OBSERVAR COM OLHAR DE ANSIOSIDADE. GARÇOM RETIRA A ROLHA E SERVE.

gostaria de ter a oportunidade de trabalhar para ele. Mas você deve compreender que seu pai é um homem antiquado.. Atrapalha a marcha do progresso. O negócio em que estou agora é que vai dar dinheiro, é a onda do futuro, há milhões de dólares para todo mundo ganhar. Mas o seu pai atrapalha a marcha do negócio por causa de certos escrúpulos fictícios. Procedendo assim, quer impor sua vontade a homens como eu. Sim, sim, eu sei, diz ele para mim: “- Mete os peitos, é seu negócio”, mas nós dois sabemos que isso é artificial. Temos que pisar no calo um do outro. O que ele realmente quer é me dizer é que não posso trabalhar com o meu negócio. Sou um homem que respeita a si mesmo e não pode esperar que outro homem me imponha sua vontade, assim o que tinha de acontecer realmente aconteceu. Deixe-me dizer que eu tinha o apoio, o apoio tácito de todas as Famílias de Nova Iorque. E os membros da Família Tattaglia se tornaram meus sócios. Se a briga continuar, então a Família Corleone vai ficar sozinha contra todo mundo. Talvez se seu pai estivesse bem, isso pudesse ser feito. Mas o filho mais velho não é homem igual ao Padrinho, sem qualquer intenção de desrespeito. É o consigliere irlandês, Hagen, não é um homem igual ao que era Genco Abbando, que Deus o guarde. Assim, proponho uma paz, uma trégua. Vamos cessar todas as hostilidades até que seu pai fique bom novamente e possa tomar parte nas negociações. A Família Tattaglia concorda, graças às minhas persuasões e minhas indenizações, em se abster de exigir justiça por seu filho Bruno. Teremos paz. Enquanto isso, tenho de ganhar a vida e farei alguma transação no meu negócio. Não peço a colaboração de vocês, mas peço a vocês, a toda a Família Corleone, para não se meter. Estas são as minhas propostas. Suponho que você tem autoridade para entrar num acordo, para fazer um trato.

[1] MICHAEL RESPONDEU TAMBÉM EM SICILIANO:

[4] — Diga-me mais alguma coisa sobre como você pretende começar o negócio, exatamente que papel deve a minha Família

(corte)

[1] MICHAEL OBSERVANDO.

(corte)

[1] GARÇOM SERVINDO SOLLOZZO ANSIOSO. SOLLOZZO PASSA A PRIMEIRA TAÇA SERVIDA PARA MICHAEL.

(corte)

[1] SOLLOZZO OLHA PARA MICHAEL. GARÇOM ENCHE SEGUNDA TAÇA E SE AFASTA.

[2] SOLLOZZO PARA MCCLUSKEY:

— Vou falar em italiano com Mike.

(corte)

[1] MCCLUSKEY:

— Pode falar.

(corte)

[1] SOLLOZZO ALIVIADO.

(corte)

[1] MICHAEL CURVANDO-SE PARA SOLLOZZO.

(corte)

[1] SOLLOZZO CURVANDO-SE PARA MICHAEL:

— Sinto muito ([1] SINALIZANDO A RESPEITO DO QUEIXO DEFORMADO DE MICHAEL).— Você sabe que o que aconteceu... foi uma questão de negócios.

(corte)

[1] MICHAEL (DE FRENTE) PARA SOLLOZZO (VISTO DE COSTAS).

[2] SOLLOZZO:

— Tenho muito respeito por seu pai.

(corte)

[1] SOLLOZZO(DE FRENTE). MICHAEL (DE COSTAS)

[2] SOLLOZZO:

— ...mas ele não pensa o mesmo. Não entende que sou homem de honra.

(corte)

[1] MICHAEL (DE FRENTE). SOLLOZZO (VISTO DE COSTAS).

desempenhar nele e que lucro podemos tirar desse negócio.

[3] — *Você quer toda a proposta detalhadamente, então?* — [1] PERGUNTOU SOLLOZZO.

[1] MICHAEL REPLICOU COM GRAVIDADE:

[4] — O mais importante de tudo é que devo ter garantias completas de que não serão feitos novos atentados contra a vida de meu pai.

[1] SOLLOZZO LEVANTOU A MÃO EXPRESSIVAMENTE, RETRUCANDO:

[3] — *Que garantia posso dar a você? Sou o perseguido, o caçado. Perdi a minha oportunidade. Você faz um juízo muito alto de mim, meu amigo. Não sou tão esperto assim.*

[2] MICHAEL TINHA AGORA A CERTEZA DE QUE A ENTREVISTA ERA APENAS PARA GANHAR ALGUNS DIAS. QUE SOLLOZZO FARIA OUTRA TENTATIVA PARA MATAR DOM CORLEONE. BONITO ERA QUE O TURCO O HAVIA SUBESTIMADO COMO UM MENINO INOFENSIVO. MICHAEL SENTIU AQUELE DELICIOSO E ESQUISITO FRIO PERCORRER-LHE O CORPO. FEZ O SEU ROSTO DENOTAR A AFLIÇÃO.

[1] SOLLOZZO PERGUNTOU-LHE PRONTAMENTE:

[3] — *Que é que há?*

[1] MICHAEL RESPONDEU COM UM AR EMBARAÇADO:

[4] — *O vinho desceu diretamente para a bexiga. Estou segurando há algum tempo. É bom que eu vá agora ao banheiro.*

[1] SOLLOZZO ESTAVA EXAMINANDO-LHE O ROSTO COM SEUS OLHOS PRETOS. ESTENDEU A MÃO E GROSSEIRAMENTE COMEÇOU A APALPAR A VIRILHA DE MICHAEL, PASSANDO A MÃO POR BAIXO E EM TORNO DELA, PROCURANDO UMA ARMA. MICHAEL MOSTROU-SE OFENDIDO. MCCLUSKEY DISSE RISPIDAMENTE:

[3] — *Eu o revistei. Tenho revistado milhares de caras dessa forma. Ele está desarmado.*

[1] SOLLOZZO NÃO GOSTOU DISSO. POR QUALQUER MOTIVO, NÃO GOSTOU DISSO. OLHOU PARA O HOMEM QUE ESTAVA SENTADO NA MESA EM FRENTE À DELES E LEVANTOU AS SOMBRANCELHAS NA DIREÇÃO DA PORTA DO BANHEIRO. O HOMEM RESPONDEU, COM UM

[3] MICHAEL:

— *Estas coisas...*

(corte)

[2] SOLLOZZO (DE FRENTE). MICHAEL (VISTO DE COSTAS).

[2] SOLLOZZO:

— *O que foi?*

[1] GARÇOM SE APROXIMA.

(corte)

[1] MICHAEL (CLOSE)

(corte)

[1] SOLLOZZO OLHANDO PARA GARÇOM. OLHA PARA MICHAEL.

(corte)

[1] CLOSE EM MICHAEL.

(corte)

[2] SOLLOZZO CURVANDO-SE PARA MICHAEL: — *Sabe...*

(corte)

[1] SALÃO. HOMEM PASSANDO RENTE À MESA.

[2] SOLLOZZO:

— *... que ajudei Tattaglia.*

(corte)

[1] SALÃO. O HOMEM SE DIRIGINDO AO BALCÃO. ERA O BARMAN.

[2] SOLLOZZO:

— *Acho que... podíamos fazer um acordo.*

(corte)

[1] CLOSE EM SOLLOZZO.

(corte)

[1] CLOSE EM MICHAEL.

(corte)

[2] VOZ DE SOLLOZZO:

— *Vamos esquecer tudo isto.*

LIGEIRO ACENO DE CABEÇA, QUE HAVIA REVISTADO O BANHEIRO E QUE NÃO HAVIA NINGUÉM LÁ DENTRO. FINALMENTE, SOLLOZZO DISSE COM RELUTÂNCIA:

[3] — *Não demore muito.*

[1] ELE TINHA ANTENAS MARAVILHOSAS, ESTAVA NERVOSO.

MICHAEL LEVANTOU-SE E DIRIGIU-SE PARA O BANHEIRO. O MICTÓRIO TINHA UMA BARRA DE SABÃO COR-DE-ROSA SEGURA POR UMA REDE DE ARAME. ELE ENTROU NUM RESERVADO. TINHA REALMENTE DE FAZÊ-LO, SEUS INTESTINOS ESTAVAM SOLTOS. DESCARREGOU MUITO RAPIDAMENTE, DEPOIS PROCUROU ATRÁS DA CAIXA DE DESCARGA ESMALTADA ATÉ QUE SUA MÃO TOCOU NUMA PEQUENA ARMA, COM A CORONHA E O GATILHO RECOBERTOS COM FITA. DESAMARROU A ARMA, [2] LEMBRANDO-SE QUE CLEMENZA DISSERA PARA NÃO SE PREOCUPAR EM DEIXAR AS IMPRESSÕES DIGITAIS NA FITA. METEU A ARMA NA CINTURA E ABOTOOU O PALETÓ POR CIMA DELA. LAVOU AS MÃOS E MOLHOU O CABELO. APAGOU AS SUAS IMPRESSÕES DIGITAIS DA TORNEIRA COM O LENÇO. DEPOIS SAIU DA PRIVADA.

SOLLOZZO ESTAVA SENTADO DIRETAMENTE DE FRENTE PARA A PORTA DA PRIVADA, COM SEUS OLHOS PRETOS BRILHANDO DE VIVACIDADE. MICHAEL SORRIU.

[4] — Agora posso falar — [1] DISSE, ELE COM UM SUSPIRO DE ALÍVIO.

[1] O CAPITÃO MCCLUSKEY ESTAVA COMENDO O PRATO DE VITELA COM ESPAGUETE QUE TINHA CHEGADO. O HOMEM DA PAREDE DISTANTE, QUE ESTAVA NERVOSAMENTE ATENTO, AGORA TAMBÉM SE TORNOU VISIVELMENTE TRANQUÍLO.

MICHAEL SENTOU-SE NOVAMENTE. [2] LEMBROU-SE DE QUE CLEMENZA ACONSELHARA A NÃO FAZER AQUILO, QUE SAISSSE DA PRIVADA E ATIRASSE. MAS, OU DEVIDO A ALGUM INSTINTO DE ADVERTÊNCIA, OU POR SIMPLES MEDO, ELE NÃO FEZ ASSIM. PERCEBERA QUE SE TIVESSE FEITO UM MOVIMENTO RÁPIDO TERIA SIDO MORTO. AGORA SE ACHAVA MAIS SEGURO E DEVIA ESTAR APAVORADO, POIS SE SENTIA CONTENTE POR NÃO ESTAR MAIS EM PÉ. SUAS PERNAS ESTAVAM FRACAS E TRÊMULAS.

[1] SOLLOZZO ESTAVA INCLINADO NA

(corte)

[1] CLOSE EM SOLLOZZO.

(corte)

[3] CLOSE EM MICHAEL:

— *Mas você... Como se diz? - Olha para McCluskey.*

(corte)

[1] MCCLUSKEY COMENDO.

(corte)

[3] MICHAEL OLHANDO PARA SOLLOZZO (EM INGLÊS):

— *O que quero... o que acho importante... é ter garantia de que meu pai ficará tranqüilo.*

(corte)

[1] SOLLOZZO (DE FRENTE). MICHAEL (POR TRÁS).

[2] SOLLOZZO:

— *Que garantia posso dar? O caçado sou eu.*

(corte)

[1] CLOSE EM MICHAEL.

[2] VOZ DE SOLLOZZO:

— *Julgam-me poderoso demais. Não sou.*

(corte)

[2] CLOSE EM SOLLOZZO:

— *Tudo o que quero é uma trégua.*

(corte)

[1] MICHAEL (DE FRENTE). SOLLOZZO (DE COSTAS).

[3] MICHAEL:

— *Tenho que ir ao banheiro.*

(corte)

[1] CLOSE EM SOLLOZZO, DESCONFIADO.

[3] VOZ DE MICHAEL:

— *Posso ir?*

(corte)

[2] MCCLUSKEY:

— *Se tem que ir, vá.*

DIREÇÃO DELE. MICHAEL, COM A BARRIGA ESCONDIDA PELA MESA, DESABOTOOU O PALETÓ, E FICOU OUVINDO ATENTAMENTE, [2] EMBORA NÃO CONSEGUISSE ENTENDER UMA PALAVRA DO QUE O OUTRO DIZIA. AQUILO ERA UM PALAVREADO OCO PARA ELE. SUA MENTE ESTAVA POVOADA DE SANGUE MARTELANTE, QUE NENHUMA PALAVRA REGISTRAVA. POR BAIXO DA MESA, SUA MÃO DIREITA MOVEU-SE NA DIREÇÃO DA ARMA METIDA NA SUA CINTURA, RETIRANDO-A DE LÁ E DEIXANDO-A LIVRE. [1] NESSE MOMENTO, O GARÇOM VEIO SABER O QUE ELES QUERIAM PARA COMER, E SOLLOZZO VIROU A CABEÇA PARA ATENDÊ-LO. MICHAEL EMPURROU A MESA PARA LONGE DELE COM A MÃO ESQUERDA, ENQUANTO A MÃO DIREITA IMPELIA A ARMA QUASE CONTRA A CABEÇA DE SOLLOZZO. SUA COORDENAÇÃO ERA TÃO PERFEITA QUE ELE JÁ COMEÇARA A SE DESVIAR ANTE O MOVIMENTO DE MICHAEL. MAS ESTE, SENDO MAIS JOVEM, COM OS REFLEXOS MAIS APURADOS, PUXOU O GATILHO. A BALA ATINGIU SOLLOZZO EM CHEIO ENTRE O OLHO E O OUVIDO, E QUANDO SAIU PELO OUTRO LADO ATIROU UMA ENORME MANCHA DE SANGUE E FRAGMENTOS DE CRÂNIO NO PALETÓ DO PETRIFICADO GARÇOM. INSTINTIVAMENTE MIKE SABIA QUE UMA BALA ERA O BASTANTE. SOLLOZZO VIRARA A CABEÇA NAQUELE ÚLTIMO MOMENTO E [2] MICHAEL VIRA A LUZ DA VIDA SE EXTINGUIR NOS OLHOS DO HOMEM, TÃO CLARAMENTE COMO O APAGAR DE UMA VELA.

UM SEGUNDO APENAS SE PASSARA QUANDO MICHAEL GIROU PARA APONTAR A ARMA NA DIREÇÃO DE MCCLUSKEY. O CAPITÃO DA POLÍCIA ESTAVA OLHANDO PARA SOLLOZZO COM SURPRESA FLEUMÁTICA, COMO SE ISSO NADA TIVESSE A VER COM ELE. PARECIA NÃO TER CONHECIMENTO DO SEU PRÓPRIO PERIGO. O SEU GARFO COBERTO DE VITELA ESTAVA SUSPENSO EM SUA MÃO E SEUS OLHOS ESTAVAM JUSTAMENTE VIRANDO-SE PARA MICHAEL. E A EXPRESSÃO DO SEU ROSTO, DE SEUS OLHOS, DENUNCIAVA UMA AFRONTA TÃO PRESUNÇOSA, COMO SE AGORA ELE ESPERASSE QUE MICHAEL SE ENTREGASSE OU FUGISSE, QUE MICHAEL SORRIU PARA ELE QUANDO PUXOU O GATILHO. ESTE TIRO PEGOU MAL, NÃO FOI MORTAL. ATINGIU

(corte)

[1] MICHAEL (DE FRENTE). SOLLOZZO (DE COSTAS). MICHAEL LEVANTA-SE. SOLLOZZO COLOCA SUA MÃO NA BARRIGA DE MICHAEL BARRANDO-O, REVISTA-O.

(corte)

[2] MCCLUSKEY:

— Eu o revistei. Está desarmado.

(corte)

[1] SALÃO. MICHAEL DE PÉ, (DE LADO).

SOLLOZZO SENTADO (DE COSTAS). MCCLUSKEY SENTADO (DE LADO).

[2] SOLLOZZO:

— Não demore muito.

[1] MICHAEL AFASTA-SE. MCCLUSKEY OBSERVA.

[2] MCCLUSKEY:

— Já revistei milhares.

(corte)

[1] MICHAEL CHEGANDO DENTRO DO BANHEIRO. VAI ATÉ A DESCARGA E PROCURA A ARMA.

(corte)

[1] SOLLOZZO E MCCLUSKEY NA MESA AGUARDANDO.

(corte)

[1] MICHAEL RETIRANDO A ARMA.

(corte)

[1] SOLLOZZO E MCCLUSKEY NA MESA, AGUARDANDO. MCCLUSKEY OLHA PARA A PORTA DO BANHEIRO. SOLLOZZO FUMANDO.

(corte)

[1] MICHAEL VAI SE RETIRANDO DO BANHEIRO. BARULHO DE DESCARGA. PÁRA UM POUCO, PÕE AS MÃOS NA CABEÇA, AJEITA O CABELO E SAI. ([1] BARULHO DE METRÔ).

(corte)

[1] MICHAEL (DE COSTAS, PÁRA). MCCLUSKEY

McCLUSKEY EM SUA GROSSA GARGANTA DE TOURO E ELE COMEÇOU A SE ENGASGAR ESPALHAFATOSAMENTE, COMO SE TIVESSE ENGOLIDO UM GRANDE PEDAÇO DE VITELA. ENTÃO O AR COMO QUE SE ENCHEU DE UMA FINA NÉVOA DE SANGUE VAPORIZADO, QUE ELE, TOSSINDO, EXPELIA DOS PULMÕES ARREBENTADOS. MUITO FRIAMENTE, MUITO CALCULADAMENTE, MICHAEL DISPAROU O TIRO SEGUINTE NO ALTO DO CRÂNIO COBERTO DE CABELO BRANCO DO CAPITÃO.

O AR PARECIA ESTAR CHEIO DE NÉVOA COR-DE-ROSA. MICHAEL VIROU-SE PARA O HOMEM SENTADO PERTO DA PAREDE. ELE NÃO FIZERA SEQUER UM MOVIMENTO. PARECIA PARALISADO. AGORA, CAUTELOSAMENTE, MOSTRAVA ESTAR COM AS MÃOS EM CIMA DA MESA E OLHAVA PARA LONGE. O GARÇOM VOLTAVA CAMBALEANTE PARA A COZINHA, COM UMA EXPRESSÃO DE HORROR ESTAMPADA NO ROSTO, OLHANDO FIXAMENTE PARA MICHAEL COMO SE NÃO ACREDITASSE NO QUE VIRA. SOLLOZZO ESTAVA AINDA NA CADEIRA, COM O CORPO APOIADO NA MESA. McCLUSKEY, COM, COM O CORPO PESADO PUXANDO PARA BAIXO, TINHA CAÍDO DA CADEIRA NO CHÃO. MICHAEL DEIXOU A ARMA ESCAPULIR DE SUA MÃO DE FORMA QUE ELA BATEU NO SEU CORPO E NÃO FEZ BARULHO. VIU QUE NEM O HOMEM DE PERTO DA PAREDE NEM O GARÇOM PERCEBERAM QUE ELE DEIXARA CAIR A ARMA. DEU ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO DA PORTA E ABRIU-A. O CARRO DE SOLLOZZO ESTAVA AINDA ESTACIONADO NO MEIO-FIO, MAS NÃO HAVIA SINAL DO MOTORISTA. MICHAEL VIROU PARA A ESQUERDA E DOBROU A ESQUINA. FARÓIS SE ACENDERAM E UM SEDAM AMASSADO PAROU PERTO DELE, ABRINDO RAPIDAMENTE A PORTA. ELE SALTOU PARA DENTRO E O CARRO ARRANCOU PARA FRENTE. VIU QUE ERA TESSIO QUE ESTAVA NA DIREÇÃO, COM SUAS FEIÇÕES GARBOSAS DURAS COMO MÁRMORE.

[3] — *Você fez o serviço em Sollozzo?* — [1] PERGUNTOU TESSIO.

[2] NAQUELE MOMENTO, MICHAEL FICOU IMPRESSIONADO COM A LINGUAGEM QUE TESSIO USARA. ISSO ERA SEMPRE USADO EM SENTIDO SEXUAL, FAZER O SERVIÇO NUMA MULHER SIGNIFICA SEDUZI-LA. ERA CURIOSO QUE TESSIO

E SOLLOZZO VIRAM-SE E OLHAM PARA ELE.

(corte)

[1] *MICHAEL DE FRENTE OLHANDO PARA SOLLOZZO E McCLUSKEY.*

(corte)

[1] *MICHAEL (DE COSTAS) SE APROXIMANDO DA MESA. CHEGA À MESA E VAI SENTAR-SE.*

(corte)

[1] *MICHAEL SENTANDO-SE.*

[2] *SOLLOZZO (DE COSTAS):*

— Está melhor ?

[1] *MICHAEL ACENA QUE SIM COM A CABEÇA.*

[2] *SOLLOZZO:*

— Você me entende. É italiano como seu pai. Seu pai está mal. Quando melhorar, conversamos... ([1] *CÂMERA APROXIMANDO EM CLOSE DE MICHAEL*)... e acertamos tudo. Isto precisa acabar. ([1] *BARULHO DE METRÔ*).

[1] *MICHAEL LEVANTA-SE RÁPIDO.*

(corte)

[1] *SOLLOZZO OLHA PARA ELE. GARÇOM ESTÁ CHEGANDO NA MESA. MICHAEL ESTÁ APONTANDO UMA ARMA PARA SOLLOZZO E ATIRA. O TIRO É CERTEIRO NA TESTA, E SOLLOZZO PENDE PARA TRÁS.*

(corte)

[1] *McCLUSKEY, SURPRESO, OLHA PARA MICHAEL.*

(corte)

[1] *MICHAEL APONTA A ARMA PARA McCLUSKEY.*

(corte)

[1] *MICHAEL (DE LADO) APONTANDO E ATIRANDO EM McCLUSKEY. ATINGE NA GARGANTA. GARÇOM DÁ UM PASSO PARA TRÁS.*

(corte)

[1] *MIKE COM A ARMA NA MÃO APONTANDO PARA McCLUSKEY.*

A USASSE AGORA.

[4] — Em todos dois — [1] RESPONDEU MICHAEL.

[3] — *Tem certeza?* — [1] PERGUNTOU TESSIO.

[4] — Vi os miolos deles — [1] ACENTUOU MICHAEL.

[1] HAVIA UMA ROUPA NO CARRO PARA QUE MICHAEL TROCASSE PELA QUE TRAZIA NO CORPO. VINTE MINUTOS DEPOIS, ELE ESTAVA NUM CARGUEIRO ITALIANO DESTINADO À SICÍLIA. DUAS HORAS MAIS TARDE, O CARGUEIRO ZARPOU, E DE SEU BELICHE MICHAEL PÔDE VER AS LUZES DE NOVA IORQUE ARDENDO COMO O FOGO DO INFERNO. ELE TEVE UMA ENORME SENSACÃO DE ALÍVIO. ESTAVA FORA DA JOGADA AGORA. JÁ SENTIRA ISSO UMA VEZ, LEMBRAVA-SE DE TER SIDO TIRADO DA PRAIA DE UMA ILHA QUE OS FUZILEIROS NAVAIS HAVIAM INVADIDO. A BATALHA PROSEGUIA AINDA, MAS ELE RECEBERA UM FERIMENTO LEVE E ESTAVA SENDO TRANSPORTADO PARA UM NAVIO-HOSPITAL. SENTIRA ENTÃO O MESMO ALÍVIO ESMAGADOR QUE SENTIA AGORA. O INFERNO TODO DESABARIA, MAS ELE NÃO ESTARIA LÁ.

UM DIA DEPOIS DO ASSASSINATO DE SOLLOZZO E DO CAPITÃO MCCLUSKEY, OS CAPITÃES E TENENTES DA POLÍCIA DE TODOS OS DISTRITOS DE NOVA IORQUE MANDARAM AVISAR: NÃO HAVERIA MAIS JOGO, PROSTITUIÇÃO, NEM TRATOS DE ESPÉCIE ALGUMA, ENQUANTO NÃO FOSSE APANHADO O ASSASSINO DO CAPITÃO MCCLUSKEY. BATIDAS POLICIAIS SUCESSIVAS COMEÇARAM EM TODA A CIDADE. TODAS AS ATIVIDADES COMERCIAIS ILEGAIS TIVERAM DE PARAR. MAIS TARDE, NESSE MESMO DIA, UM EMISSÁRIO DAS FAMÍLIAS PERGUNTAVA À FAMÍLIA CORLEONE SE ESTAVA PREPARADA PARA ENTREGAR O ASSASSINO. ELA RESPONDEU QUE NADA TINHA COM O CRIME. NA MESMA NOITE UMA BOMBA EXPLODIA NA ALAMEDA DA FAMÍLIA CORLEONE EM LONG BEACH, ATIRADA DE UM CARRO QUE PAROU DIANTE DA CORRENTE E DEPOIS ARRANCOU. NESSA MESMA NOITE, TAMBÉM DOIS CAPANGAS DA FAMÍLIA CORLEONE FORAM

(corte)

[1] MCCLUSKEY COM AS MÃOS NO PESCOÇO, ENGASGANDO-SE, SENDO ATINGIDO AGORA NA TESTA. SE CONTORCE.

(corte)

[1] MICHAEL COM A ARMA APONTADA, OBSERVA.

(corte)

[1] MCCLUSKEY SE CONTORCENDO CAI SOBRE A MESA.

(corte)

[1] SALÃO. PESSOAS SE AFASTANDO ENQUANTO MCCLUSKEY CAI SOBRE A MESA. GARÇOM SE AFASTA PARA FUNDOS JUNTAMENTE COM MULHER E HOMEM. MICHAEL SE DIRIGE PARA FORA RAPIDAMENTE, DEIXANDO CAIR A ARMA. (PASSA PELA CÂMERA). MCCLUSKEY CAI NO CHÃO.

(corte)

[1] MICHAEL SAINDO DO RESTAURANTE. CARRO PASSANDO EM FRENTE. ELE CORRE PARA O CARRO.

(corte)

[1] RESTAURANTE. SOLLOZZO NA CADEIRA E MCCLUSKEY CAÍDO NO CHÃO: MORTOS. MESA CAÍDA.

(corte)

[1] JORNAIS SENDO RODADOS.

(corte)

[1] PESSOA ATIRANDO PACOTE DE JORNAIS. MANCHETE: POLÍCIA PROCURA ASSASSINO.

(corte)

[1] JORNAL AMERICAN: MANCHETE: PRESSÃO SOBRE AS QUADRILHAS.

ASSASSINADOS QUANDO JANTAVAM TRANQUÍLAMENTE NUM PEQUENO RESTAURANTE ITALIANO EM GREENWICH VILLAGE. A GUERRA DAS CINCO FAMÍLIAS DE 1946 COMEÇARA. (Puzo, p. 163 a 171)	
--	--